

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

SUZIANE DE OLIVEIRA PORTO SILVA

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM
COITÉ DO NÓIA/AL**

MACEIÓ/AL

2019

SUZIANE DE OLIVEIRA PORTO SILVA

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM
COITÉ DO NÓIA/AL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.

MACEIÓ/AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 – 661

S586v Silva, Suziane de Oliveira Porto.
A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité do Nóia, AL /
Suziane de Oliveira Porto Silva. – 2019.
126 f. : il.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió,
2019.

Bibliografia: f. 120-124.
Anexos: f. 125-126.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa – Variação. 3. Língua portuguesa –
Pronomes. 4. Tu/você/cê. 5. Língua portuguesa – Português falado – Coité do
Nóia (AL). I. Título.

CDU: 801.557



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



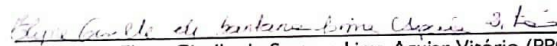
TERMO DE APROVAÇÃO

SUZIANE DE OLIVEIRA PORTO SILVA

Título do trabalho: "A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM COITÉ DO NÓIA/AL"


Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


Prof. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório (PPGLL/Ufal)

Examinadores:


Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira (Uneal)


Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Maceió, 16 de abril de 2019.

À minha família, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela oportunidade de realização desta pesquisa.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Aos meus informantes, que me forneceram dados para a realização desta pesquisa.

À minha querida orientadora Profa. Dra. Elyne Vitória, por todos os ensinamentos passados, por toda compreensão e paciência ao longo do desenvolvimento deste estudo e pela confiança em mim depositada.

Ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula pelos ensinamentos, compreensão, apoio e contribuições à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira, pelo incentivo à pesquisa.

Ao meu esposo Diogo Alencar, por todo amor, cuidado, por compreender a falta de atenção durante os meses intensos de estudo, incentivo diário, força, ânimo para continuar a pesquisa e por não ter me deixado desistir.

À minha mãe Rejane Porto, pelo apoio e ajuda na busca de informantes para a realização da pesquisa.

Aos meus amigos Rui e Layane, pelo companheirismo e incentivo.

Aos meus amigos do PPGLL, em especial, André Luiz, Pollyanna Vanessa e Marcos Grutzmacher, pelas horas de estudo, contribuições, conversas e amizade.

Aos funcionários do PPGLL, pela atenção dada sempre que precisei.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a língua é um fator importante na identificação e na demarcação de diferenças linguísticas e sociais na comunidade, objetivamos, neste estudo, traçar o perfil sociolinguístico dos falantes da cidade de Coité do Nória (AL) em relação à variação pronominal de segunda pessoa do singular *tu/você/cê* na posição de sujeito, com o intuito de analisar como essa variação ocorre e quais os fatores sociais e linguísticos que a favorecem. Para o desenvolvimento deste estudo, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008) e para discutir as relações existentes nas situações comunicativas através da observação do uso pronominal ou das formas de tratamento na comunidade de fala em estudo, também consideramos a Teoria do Poder e Solidariedade, de acordo com Brown e Gilman (1960). Isto posto, adotamos a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; TARALLO, 2004; GUY; ZILLES, 2007), seguindo algumas etapas básicas, a saber, definição da variável dependente e variáveis independentes; delimitação da amostra da pesquisa; coleta, transcrição e quantificação dos dados; descrição e interpretação dos resultados obtidos. Nossa amostra foi estratificada de acordo com as variáveis sociais sexo/gênero e faixa etária, com isso, selecionamos 9 informantes por célula, obtendo um total de 36 informantes, gerando, desta forma, 18 diálogos. Para a análise de nossos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E., 2005). Após rodada e análise dos dados obtivemos um total de 520 realizações, sendo destas, 57 de *tu*, 372 de *você* e 91 realizações de *cê*, o que representam um total de, respectivamente, 11%, 71% e 18%. Como o programa estatístico utilizado realiza apenas rodadas binárias, realizamos duas rodadas distintas, a saber, *tu* e *você*, e *você* e *cê*. Com isso, tivemos na primeira rodada 11% de *tu* e 89% de *você/cê*, com quatro variáveis selecionadas como estatisticamente significativas, a saber, relação entre as faixas etárias, paralelismo pronominal, relação entre os sexos e faixa etária. Já na segunda rodada tivemos 80% de *você* e 19% de *cê*, entre as variáveis selecionadas como estatisticamente significativas para o programa tivemos o tipo de relação existente entre os interlocutores, a relação entre os sexos e as relações de simetria e assimetria.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação. Pronomes. Tu/você/cê. Coité do Nória/AL

ABSTRACT

Based on the assumption that language is an important factor in the identification and demarcation of linguistic and social differences in the community, we aim, in this study, to draw the sociolinguistic profile of the speakers of the city of Coité do Nória (LA) in relation to the pronominal second person singular tu/você/cê in the position of subject, with the purpose of analyzing how this variation occurs and which social and linguistic factors favor it. For the development of this study, we followed the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008) and to discuss existing relationships in communicative situations by observing the pronominal use or the forms of treatment in the speech community under study, we also consider the Theory of Power and Solidarity, according to Brown and Gilman (1960). In this way, we adopted the methodology of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008; TARALLO, 2004; GUY; ZILLES, 2007), following some basic steps, namely definition of the dependent variable and independent variables; delimitation of the research sample; collection, transcription and quantification of data; description and interpretation of the results obtained. Our sample was stratified according to the social variables sex / gender and age group, with this, we selected 9 informants per cell, obtaining a total of 36 informants, generating, in this way, 18 dialogues. For the analysis of our data, we used the software GoldVarb X (SANKOFF, D. ; TAGLIAMONTE, S., SMITH, E., 2005). After rounding and analyzing the data we obtained a total of 520 achievements, of which 57 of tu, 372 of você and 91 achievements of cê, representing a total of, respectively, 11%, 71% and 18%. As the statistical program used performs only binary rounds, we perform two distinct rounds, namely, you and you, and you and we. As a result, we had 11% of you and 89% of você/ cê in the first round, with four variables selected as statistically significant, namely relationship between age groups, pronominal parallelism, relationship between sexes and age group. Already in the second round we had 80% of you and 19% of cê, among the variables selected as statistically significant for the program we had the type of relationship between the interlocutors, the relationship between the sexes and the relations of symmetry and asymmetry.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Variation. Pronouns. Tu/você/cê. Coité do Nória/AL.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Realizações de tu e você em peças teatrais brasileiras	21
Gráfico 2: Realizações de tu e você em cartas familiares	22
Gráfico 3: Frequência escolar de 6 a 14 anos – Coité do Nória – AL - 2010	66
Gráfico 4: Frequência escolar de 15 a 17 anos – Coité do Nória – AL – 2010	66
Gráfico 5: Frequência escolar de 18 a 24 anos – Coité do Nória – AL – 2010	67
Gráfico 6: Frequência escolar de 25 anos ou mais – Coité do Nória – AL – 2010	68
Gráfico 7: Distribuição geral de tu e você	77
Gráfico 8: Tu e você na relação entre as faixas etárias	79
Gráfico 9: Tu e você de acordo com o paralelismo pronominal	80
Gráfico 10: Tu e você na relação entre sexos	82
Gráfico 11: Tu e você na faixa etária	83
Gráfico 12: Tu e você em sexo	85
Gráfico 13: Tu e você no tipo de relato	86
Gráfico 14: Percentuais tu e você conforme o tipo de referência	87
Gráfico 15: <i>Tu e você</i> de acordo com a relação entre os interlocutores	89
Gráfico 16: Tu e você de acordo com as relações simétricas e assimétricas	90
Gráfico 17: Distribuição geral de <i>você e cê</i>	93
Gráfico 18: Você e cê no tipo de relação entre os interlocutores	95
Gráfico 19: Você e cê na relação entre sexos	97
Gráfico 20: Você e cê nas relações simétricas e assimétricas	98
Gráfico 21: Você e cê com relação ao sexo	100
Gráfico 22: Você e cê com relação a faixa etária	102
Gráfico 23: Você e cê com relação ao tipo de relato	103
Gráfico 24: Você e cê com relação ao tipo de referência	105
Gráfico 25: Você e cê com relação a relação entre as faixas etárias	106
Gráfico 26: Você e cê com relação ao paralelismo pronominal	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Uso do pronome você na região Norte	31
Tabela 2: Tu e você na região Norte	34
Tabela 3: Tu e você na região Nordeste	41
Tabela 4: Tu e você na região Centro-Oeste	44
Tabela 5: Tu e você na região Sudeste	46
Tabela 6: Uso do pronome tu na região Sul	48
Tabela 7: Tu e você na região Sul	50
Tabela 8: Tu e você na relação entre as faixas etárias	79
Tabela 9: Realizações tu e você conforme o paralelismo pronominal	81
Tabela 10: Tu e você na relação entre sexos	82
Tabela 11: Tu e você na faixa etária	84
Tabela 12: Tu e você em sexo	85
Tabela 13: Você e cê no tipo de relação entre os interlocutores	95
Tabela 14: Você e cê na relação entre sexos	97
Tabela 16: Você e cê com relação ao sexo	100
Tabela 17: Você e cê com relação a faixa etária	102
Tabela 18: Você e cê com relação ao tipo de relato	103
Tabela 19: <i>Você</i> e <i>cê</i> com relação ao tipo de referência	105
Tabela 20: Você e cê com relação a relação entre as faixas etárias	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pronomes pessoais latinos	18
Quadro 2: Pronomes pessoais retos e oblíquos	23
Quadro 3: Pronomes pessoais	26
Quadro 4: Tu/você/cê/ocê na região Nordeste	35
Quadro 5: Níveis de Poder e Solidariedade	60
Quadro 6: Níveis de Poder e Solidariedade no século XX	61
Quadro 7: Formas de tratamento utilizadas no século XIX	61
Quadro 8: Formas de tratamento utilizadas no século XX	62
Quadro 10: Estratificação dos diálogos	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Alagoas	64
Figura 2: Limites do município	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O FENÔMENO EM ESTUDO	18
2.1	Percurso histórico dos pronomes de segunda pessoa do singular	18
2.2	A abordagem gramatical dos pronomes de segunda pessoa do singular	22
2.3	Os pronomes de segunda pessoa do singular nos estudos sociolinguísticos	29
2.3.1	Norte	29
2.3.2	Nordeste	33
2.3.3	Centro-Oeste	40
2.3.4	Sudeste	43
2.3.5		45
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	50
3.1	Teoria da Variação e Mudança	50
3.2	Teoria do Poder e da Solidariedade	57
3.3	Procedimentos metodológicos	61
3.3.1	Objetivos e hipóteses	61
3.3.2	A comunidade de fala	62
3.3.3	A amostra analisada	66
3.3.4	Variável dependente e variáveis independentes	68
3.3.5	Rodada no GoldVanrb X	71
4	ANÁLISE DOS DADOS DE TU E VOCÊ/CÊ	73
4.1	Variável dependente	73
4.2	Variáveis independentes	74
4.2.1	Variáveis estatisticamente significativas	74
4.2.1.1	Relação entre faixas etárias	74
4.2.1.2	Paralelismo pronominal	76
4.2.1.3	Relação entre sexos	77
4.2.1.4	Faixa etária	79

4.2.2 Variáveis estatisticamente não significativas	80
4.2.2.1 Sexo	80
4.2.3 Variáveis que apresentaram nocautes	82
4.2.3.1 Tipo de relato	82
4.3.2.2 Tipo de referência	85
4.3.2.4 Tipo de relação entre os interlocutores	86
4.3.2.5 Relações simétricas e assimétricas	87
5 ANÁLISE DOS DADOS DE VOCÊ E CÊ	89
5.1 Variável Dependente	89
5.2 Variáveis Independentes	90
5.2.1 Variáveis estatisticamente significativas	90
5.2.1.1 Tipo de relação entre os interlocutores	90
5.2.1.2 Relação entre os sexos	92
5.2.1.3 Relações simétricas e assimétricas	94
5.2.2 Variáveis estatisticamente não significativas	95
5.2.2.1 Sexo	96
5.2.2.2 Faixa etária	97
5.2.2.3 Tipo de relato	99
5.2.2.4 Tipo de referência	100
5.2.2.5 Relação entre faixas etárias	102
5.2.3 Variáveis que apresentaram nocautes	103
5.2.3.1 Paralelismo Pronominal	103
6 CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	115

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Coutinho (1976, p. 46), a Língua Portuguesa, assim como as demais línguas românicas, possui descendência Latina, desta forma, a origem de muitas palavras, como também o quadro dos pronomes pessoais são originados do Latim. O quadro dos pronomes pessoais, no português brasileiro, passou por algumas alterações ao longo dos anos, sendo a inserção do *você* em referência à segunda pessoa uma das alterações mais marcantes.

A forma *você* surgiu a partir da vulgarização da forma de tratamento *Vossa Mercê*, que inicialmente era utilizada como referência ao rei. Com sua vulgarização, *Vossa Mercê* sofreu algumas alterações fonéticas até chegar ao *você* utilizado nos dias atuais, passando de *Vossa Mercê*, por *Vosmecê* até chegar ao *você*. Essas alterações são consideradas por Vitral (1996) como um processo de gramaticalização, ou seja, um nome (*Vossa Mercê*) vem a transformar-se em um pronome (*você*). Sendo assim, além do pronome *tu*, conservado do quadro pronominal latino, temos também atualmente a forma pronominal *você* para fazer referência à segunda pessoa do singular.

Ao longo dos anos, os linguistas dedicam-se em teorias e pesquisas linguísticas de modo que consigam retratar a realidade linguística das comunidades de fala. Temos a Sociolinguística como a teoria que se ocupa em analisar a língua em uso, investigando tanto aspectos linguísticos como aspectos sociais. Deste modo, entendemos que a língua portuguesa apresenta variações que podem ser decorrentes não só de fatores linguísticos, mas também de fatores sociais como escolaridade, faixa etária, sexo/gênero, entre outros.

Dotado de uma diversidade social e cultural, o Brasil mostra-se como um campo produtivo para investigações sociolinguísticas, pois, diferentes grupos sociais, de maneira consciente ou inconsciente, adotam traços linguísticos diferentes. Sendo assim, a pesquisa voltada para o estudo das variações linguísticas encontradas nas comunidades de fala são de suma importância para o mapeamento sociolinguístico dessas comunidades, podendo trazer assim reflexões sobre seus usos.

Apesar das gramáticas normativas (cf. ALMEIDA, 2009; CEGALLA, 2008; BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008) não incluírem o *você* como pronome de segunda pessoa do singular, mas como pronome de tratamento, sabemos que este pronome é amplamente utilizado pelos brasileiros como referência à segunda pessoa, de modo que, diversos estudos sociolinguísticos realizados no país confirmam essa

afirmação. Scherre *et al* (2015) traça o mapeamento linguístico do português brasileiro, no qual é possível observar não só que o *você* coexiste com *tu*, como também apresenta variantes como *ocê* e *cê*.

O mapeamento apresentado por Scherre *et al* (2015) apresenta pesquisas de diversas partes do país, mostrando como a variação *tu* e *você* tende a se comportar nas diferentes regiões do país. Ele nos mostra que o *você*, juntamente com suas variantes *ocê* e *cê*, apresentam maior predominância no Centro-Oeste do país, enquanto a predominância do pronome *tu* é mais comum nas regiões Norte e Sul. Com relação às regiões Sudeste e Nordeste, é possível perceber que há ampla concorrência entre as duas formas pronominais, havendo alterações na preferência de uma ou outra forma de acordo com a comunidade pesquisada e fatores linguísticos e/ou sociais analisados.

Através dos estudos relacionados à região Nordeste apresentados por Scherre *et al* (2015), percebemos que há uma escassez de pesquisas em alguns estados como Sergipe e Alagoas. Observar a carência existente de estudos sobre a variação de segunda pessoa do singular *tu* e *você* no estado de Alagoas, motivando-nos a desenvolver um estudo sobre essa variação, a fim de obter maior conhecimento do uso das variantes estudadas e compreender como ela está inserida na comunidade de fala pesquisada, de forma a colaborar com o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, vindo a servir de auxílio para pesquisas referentes ao uso da língua.

Diante disso, buscamos analisar o uso das formas *tu*, *você* e *cê* na posição de sujeito no município de Coité do Nóia/AL, situado no agreste do estado. Para tanto, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008) e, para discutir as relações existentes nas situações comunicativas através da observação do uso pronominal ou das formas de tratamento na comunidade de fala em estudo, também consideramos a Teoria do Poder e Solidariedade, de acordo com Brown e Gilman (1960). Isto posto, adotamos a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; TARALLO, 2004; GUY; ZILLES, 2007), seguindo algumas etapas básicas, a saber, definição da variável dependente e variáveis independentes; delimitação da amostra da pesquisa; coleta, transcrição e quantificação dos dados; descrição e interpretação dos resultados obtidos.

Coletamos nossos dados com entrevistas realizadas com diálogos entre dois informantes (D2), pertencentes a cidade de Coité do Nóia (AL). Os diálogos foram conduzidos pelos próprios informantes através de uma lista/guia de tópicos temáticos sobre temas diversos, como brincadeiras de infância, namoros, brigas, amigos, trabalho,

relação com membros da família, de forma a homogeneizar os dados para posterior comparação e provocar narrativas de fatos e experiências pessoais.

A amostra foi estratificada segundo as variáveis sexo/gênero e faixa etária, com isso, selecionamos 9 informantes por célula, com um total de 36 informantes, obtendo 18 diálogos, os quais foram guiados através de um roteiro composto por 30 palavras que induziam a temas formais e informais, tendo em vista que a maneira como falamos pode ser alterada de acordo com nosso interlocutor e da temática abordada. Os diálogos foram organizados de forma que houvesse o contato entre homem/homem, mulher/mulher, homem/mulher; entre as faixas etárias, sendo jovem/jovem, adulto/adulto, jovem/adulto, como também com as seguintes relações: marido/mulher, amigo(a)/amigo(a), irmão(a)/irmão(a), vizinho(a)/vizinho(a), conhecido(a)/conhecida(a), que podem ser consideradas tanto relações simétricas como relações assimétricas. Para a análise dos dados, utilizamos o programa GoldVarb X¹.

Nosso trabalho é composto por seis seções, conforme o exposto a seguir.

Sendo esta a primeira seção, iniciamos com a apresentação do nosso trabalho, expondo de forma concisa o que propomos nesta pesquisa. Na segunda seção, traçamos uma visão geral do fenômeno em estudo, assim, apresentamos primeiramente o percurso histórico das formas pronominais de segunda pessoa, em seguida, mostramos como esses pronomes são abordados nas gramáticas normativas (cf. ALMEIDA, 2009; CEGALLA, 2008; BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008) e descritivas (cf. CASTILHO, 2014; NASCIMENTO; KATO, 2009; BAGNO, 2012) do português brasileiro, e, por fim, apresentamos um panorama dos estudos sociolinguísticos sobre a variação *tu* e *você* nas variedades do português brasileiro.

Na terceira seção, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos utilizados em nossa pesquisa. Desta forma, iniciamos uma abordagem acerca da Teoria da Variação e Mudança, posteriormente explanamos os postulados da Teoria do Poder e da Solidariedade e, por fim, trazemos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa, de forma a elucidar os objetivos e hipóteses norteadores de nosso estudo, mostrando também como nossa amostra foi estratificada para assim apresentar nossa variável dependente e variáveis independentes.

Na quarta seção, apresentamos os resultados obtidos na primeira rodada dos dados realizada com os pronomes *tu* e *você/cê* no programa GoldVarb X (SANKOFF,

¹ Programa computacional utilizado para dar tratamento estatístico e probabilístico aos dados linguísticos e extralinguísticos variáveis

D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. 2005), mostrando não só os resultados da variável dependente *tu* e *você/cê*, como também os resultados considerados estatisticamente significativos, os estatisticamente não significativos bem como os nocautes apresentados pelo programa com relação à variação estudada.

Na quinta seção, trazemos os resultados obtidos na segunda rodada de dados realizada com o pronome *você* e sua variante *cê*, e, assim como na seção anterior, mostramos os resultados considerados pelo programa como estatisticamente significativos, os estatisticamente não significativos e os que apresentaram nocaute, tendo assim uma visão ampla de como o fenômeno ocorre na comunidade de fala. Na sexta e última seção, apresentamos a conclusão do nosso trabalho, trazendo não só os resultados obtidos como também nossas reflexões.

Diante do exposto, esperamos não só que nossos objetivos sejam alcançados, esclarecendo, assim, o comportamento variável da forma pronominal *você* e de sua variação *cê* na comunidade de fala do sertão alagoano, como também que essa pesquisa contribua para os estudos de segunda pessoa do singular no português brasileiro, de forma a estimular o desenvolvimento de novas pesquisas linguísticas, principalmente no que diz respeito a pesquisas relacionadas à Sociolinguística.

2 O FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção, realizamos uma breve exposição dos estudos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como para a compreensão do processo de variação e mudança linguística dos pronomes de segunda pessoa do singular, *tu/você*. Para tanto, apresentamos inicialmente o percurso histórico desses pronomes, logo após apresentamos como tais pronomes são abordados nas gramáticas normativas e descritivas e, por fim, com o intuito de compreender como este fenômeno ocorre no português brasileiro, apresentamos os estudos sociolinguísticos sobre *tu/você* nas diferentes regiões do país, mostrando uma visão panorâmica acerca do fenômeno.

2.1 Percurso histórico dos pronomes de segunda pessoa do singular

A Língua Portuguesa provém do latim, desta forma, não só a origem de muitas palavras, como também o quadro dos pronomes pessoais, possuem origem latina, sendo estes os que mais conservam seus vestígios. Como podemos observar no quadro (1), no que diz respeito ao pronome de segunda pessoa do singular, a forma pronominal *tu* presente entre os pronomes latinos, se mantém até os dias atuais na língua portuguesa.

Quadro 1: Pronomes pessoais latinos

CASOS ²	SINGULAR		PLURAL	
Nom.	ego	Eu	nos	nós
Gen.	mei	de mim	nostri	de nós
Dat.	mihi	a mim	nobis	a nós
Ac.	me	Me	nos	nos
Abl.	(a) me	por mim	(a) nobis	por nós
N.V.	tu	Tu	vos	vós
Gen.	tui	de ti	vestri	de vós
Dat.	tibi	a ti	vobis	a vós
Ac.	te	Te	vos	vos
Abl.	(a) te	por ti	(a) vobis	por vós

Fonte: ALMEIDA (2000, p.103)

² Os casos latinos são nominativo: indica sujeito e predicativo do sujeito; genitivo: expressa posse, sendo adjunto adnominal restritivo; dativo: objeto indireto da oração; acusativo: objeto direto do verbo; ablativo: adjunto adverbial.

Herdando a referência de segunda pessoa, podemos considerar que o pronome *tu* se enquadra em contextos de intimidade, enquanto o pronome *vós* estaria encaixado em contextos que exigissem cortesia, representando uma forma de tratamento cerimoniosa à realeza. Assim como aconteceu em outras línguas românicas, como o espanhol, o italiano e o francês, o quadro dos pronomes pessoais, no português brasileiro, sofreu algumas alterações ao longo do tempo. É possível considerar que uma das alterações mais marcantes foi a inserção da forma pronominal *você*, que passou por todo um processo de gramaticalização até chegar a forma utilizada nos dias atuais.

A forma pronominal *você* teve origem a partir da forma de tratamento *Vossa Mercê*, que surgiu entre os séculos XIV e XV com a estrutura *Vossa + Nome (mercê)*, sendo usada inicialmente de maneira exclusiva para fazer tratamento ao rei, exaltando as suas qualidades e superioridade. Com o desenvolvimento da estrutura econômica e social, a sociedade passou por um período de reorganização, no qual uma nova classe social - a burguesia - teve surgimento. Entrando em ascensão, a alta burguesia passou a ser a nova aristocracia e, a partir de então, novos costumes foram surgindo.

Na segunda metade do século XV, a forma *Vossa Mercê* acabou sendo vulgarizada, ampliando seu uso social para tratamento a pessoas não íntimas e deixando de ser utilizada exclusivamente em referência a quem se mantinha respeito, assim, a forma de tratamento ao rei foi substituída por outras formas nominais. Desta maneira, a forma de tratamento *Vossa Mercê* disseminou-se não só pela nobreza, como também pela burguesia, passando a ser utilizada como uma referência formal de tratamento, opondo-se à forma pronominal *tu*, considerada como informal.

A partir da vulgarização do uso da forma de tratamento *Vossa Mercê*, algumas alterações fonéticas foram surgindo até chegar à forma utilizada nos dias atuais, ou seja, passou-se de *Vossa Mercê* chegando ao *você*. Vitral (1996) considera essas alterações como um processo de gramaticalização – um nome (*Vossa Mercê*) transforma-se em um pronome (*você*), que atualmente encontra-se em variação com as formas *ocê* e *cê* em algumas regiões do país. Dessa forma, podemos considerar que, nos dias atuais, além do pronome *tu*, conservado do quadro pronominal latino como segunda pessoa do singular, podemos ter também o pronome *você*.

O tratamento é a maneira pela qual o sujeito falante se dirige ao seu interlocutor. Até por volta de 1500, o português conhecia, como o francês, apenas o tuteamento familiar ou o voseamento respeitoso. Mas, a partir dessa data, surgem fórmulas do tipo “vossa graça”, “vossa excelência”, seguidas da terceira pessoa. A mais frequente é *vossa mercê*, que, ao mesmo tempo que

passava a você por erosão fonética (vossa mercê > voacê > você), perdia, por erosão semântica, o seu valor de tratamento respeitoso, para assumir o de tratamento familiar. (TEYSSIER, 2001, p. 60)

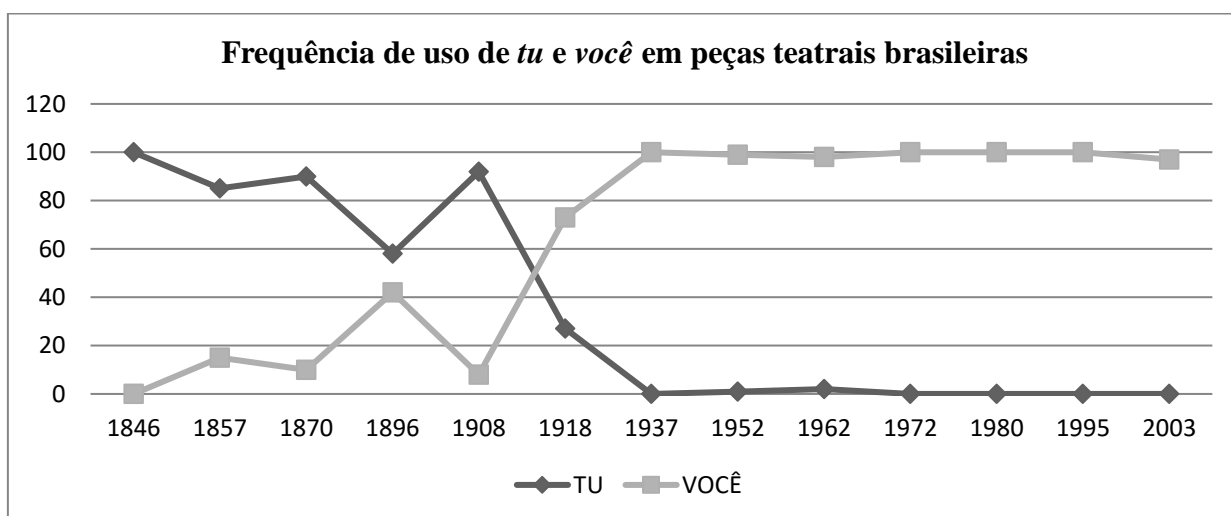
Com relação à forma *você*, Rumeu (2004) aponta que esta forma pronominal de tratamento nos permite perceber traços sintáticos que o aproximam não somente da forma de pronome pessoal, exercendo função sintática e posição de sujeito, como também preserva os traços da forma nominal que o originou, ou seja, a forma *Vossa Mercê*, mantendo assim a correferencialidade com a terceira pessoa gramatical.

De acordo com Lopes (2003),

Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês universal *vós*, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia que exigia um tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de cima para baixo, se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você*. Pelo fato de as formas nominais levarem o verbo para a terceira pessoa do singular, houve a redução do nosso paradigma flexional que perdeu, como já apontou Duarte (1995), “a propriedade de licenciar e identificar sujeitos nulos”. (LOPES, 2003, p. 11)

Em relação à variação *tu* e *você* ao longo do tempo, Machado (2011) nos traz um estudo das formas de tratamento utilizadas no teatro brasileiro entre os séculos XIX e início do século XXI. Na amostra analisada pela autora, em relação à segunda pessoa, foram encontrados 4070 dados na posição de sujeito, sendo eles: *tu*, *você*, *vós*, *Vossa Mercê* e *o/a senhor(a)*. Através de seu estudo, como podemos observar no gráfico 1, é possível observar que a partir de 1918 o *tu* passou a aparecer com menor frequência, enquanto o *você* ganhou mais espaço no uso referente à segunda pessoa do singular.

Gráfico 1: Realizações de tu e você em peças teatrais brasileiras

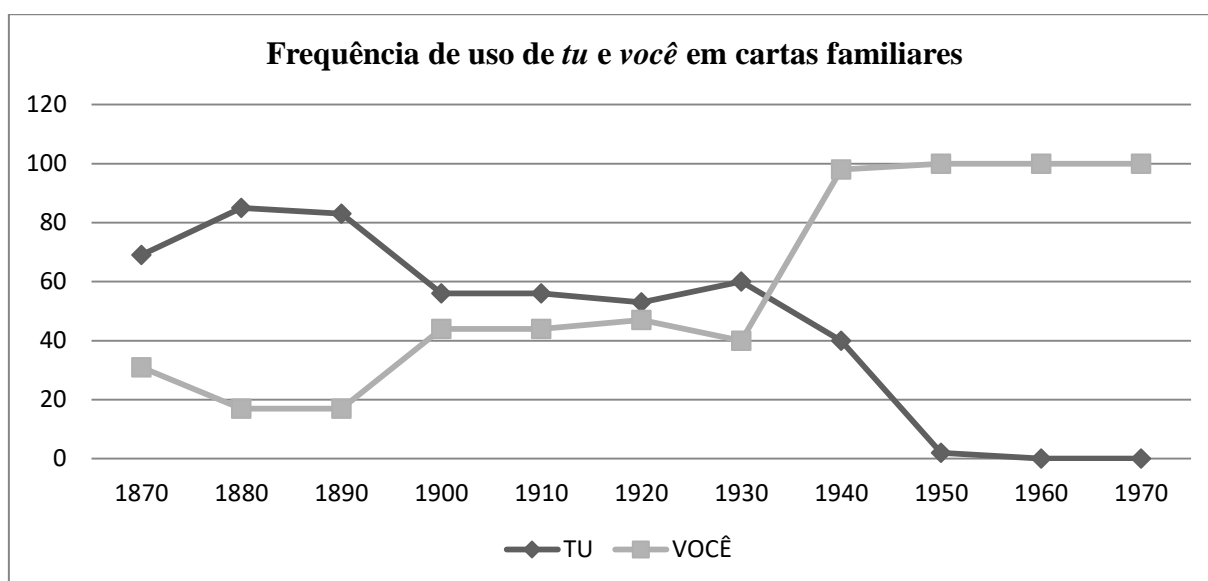


Fonte: Machado (2011, apud Lopes, 2012, p. 127)

Dessa forma, podemos perceber que até o início do século XX houve uma forte presença do *tu*, o qual concorria com o *você*, que apresentava uma frequência menor. Porém, a partir de 1918, a autora mostra uma diferença no uso do *tu* e *você* nas peças teatrais brasileiras analisadas, havendo uma inversão entre eles, ou seja, apesar de continuar existindo, o *tu* passa a apresentar uma frequência menor, enquanto o uso do *você* é a forma pronominal preferida, apresentando percentuais elevados de uso.

O estudo realizado por Souza (2012) apresenta resultados semelhantes ao de Machado (2011). No gráfico 2, podemos perceber que até 1890 o pronome *você* apresentava uma frequência menor que o pronome *tu*, partir desse período, percebemos um fase de transição, no qual até 1930 as duas formas pronominais encontram-se de maneira bem semelhante, mantendo equilíbrio, no entanto, após 1930, o *tu* entra em decadência, enquanto o uso do *você* é elevado.

Gráfico 2: Realizações de tu e você em cartas familiares



Fonte: Souza (2012, p. 96)

Assim, percebemos que aconteceram muitas mudanças no quadro pronominal brasileiro no que diz respeito à segunda pessoa do singular, e que apesar da conservação do *tu*, ocorreu o surgimento do *você*, derivado de *Vossa Mercê*, o qual passou a coexistir com o *tu*. Através dos estudos expostos, concluímos que a relação *tu/você* passou por três momentos, até chegar ao século XXI. No primeiro momento, o *tu* aparece com mais frequência que o *você*, no segundo momento, o *tu* e o *você* encontram-se em equilíbrio e, no terceiro momento, o *você* torna-se mais frequente.

2.2 A abordagem gramatical dos pronomes de segunda pessoa do singular

Para a compreensão da variação *tu* e *você* na posição de sujeito, consideramos indispensável sua abordagem em diferentes concepções gramaticais. Entretanto, antes de iniciarmos esta discussão, faremos uma breve abordagem sobre o que entendemos por gramática. De modo geral, ao pensarmos em gramática, associamos o termo aos compêndios recheados de normas, porém, de acordo com Duarte e Serra (2015), este seria apenas um tipo entre os outros existentes, podendo ser elencados três tipos de gramática, a saber, a internalizada, a normativa e a descritiva.

Segundo as autoras, a gramática internalizada é o conhecimento que todo falante possui da sua língua independente de seu nível de escolaridade, sendo adquirida durante a infância de forma natural. Já a gramática normativa, também chamada de gramática

tradicional, traz consigo diversas normas de bom uso da língua, que muitas vezes não correspondem à realidade linguística atual, ou seja, algumas regras apresentadas entraram em desuso ou até mesmo nunca fizeram parte da gramática brasileira. Como exemplos de formas que entraram em desuso, podemos mencionar o pronome *vós* que, após passar por um período de variação, foi substituído na língua pelo *vocês*, no entanto, ainda é apresentado no quadro pronominal das gramáticas normativas. As gramáticas descritivas, por sua vez, elaboradas na contemporaneidade, tendem a abandonar o caráter normativo, embasando-se no funcionamento real da língua, adaptando-se às suas transformações, sendo de seu interesse a língua relacionada ao seu uso e funcionamento.

A partir dessas considerações, com o intuito de obter maior compreensão acerca dos pronomes de segunda pessoa do singular, iremos verificar o que as gramáticas normativas e descritivas retratam sobre estes pronomes, buscando estabelecer as semelhanças e diferenças entre o prescrito nas gramáticas analisadas e o uso da língua.

Ao consultarmos as gramáticas normativas de Almeida (2009), Cegalla (2008), Bechara (2015) e Cunha e Cintra (2008), podemos observar que poucas são as considerações a respeito dos pronomes pessoais. Dessa forma, o que encontramos a respeito dos pronomes pessoais é que são caracterizados por “denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio: quem fala, com quem se fala e de quem se fala” (CUNHA; CINTRA, p. 290, 2008).

De forma geral, podemos constatar que tais gramáticas, assim como grande parte dos livros didáticos, apresentam-se de maneira semelhante em relação aos pronomes pessoais, como podemos observar no quadro 2:

Quadro 2: Pronomes pessoais retos e oblíquos

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS TÔNICOS	
Singular	1. ^a pessoa	Eu	Me	Mim, comigo
	2. ^a pessoa	Tu	Te	Ti, contigo
	3. ^a pessoa	Ele, ela	O, a, lhe	Ele, ela
Plural	1. ^a pessoa	Nós	Nos	Nós, conosco
	2. ^a pessoa	Vós	Vos	Vós, convosco
	3. ^a pessoa	Eles, elas	Os, as, lhes	Eles, elas

Fonte: Cunha & Cintra (2008, p. 291)

De acordo com o quadro 2, verificamos que, em relação à segunda pessoa do singular, apenas o *tu* nos é apresentado nos pronomes pessoais de caso reto e *te*, *ti*, *contigo* como pronomes pessoais oblíquos. Apesar de usarmos o *você* para fazer referência à segunda pessoa do singular, sendo amplamente utilizado no português brasileiro, percebemos que as gramáticas normativas não o incluem nessa classe, registrando apenas o *tu* como pronome pessoal de caso reto de segunda pessoa do singular, sendo o *você* considerado apenas como um pronome de tratamento.

De acordo com Preti (2004), o sistema de tratamento do português brasileiro pode ser representado de três maneiras, a saber,

por formas pronominais, ou seja, pelos pronomes pessoais (*tu/vós*); por formas pronominalizadas, isto é, com valor de pronomes pessoais (*você, o senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria* e suas variações); por formas nominais, constituídas por nomes próprios, prenomes de nomes de parentesco ou equivalentes, antecédidos de artigo, uso praticamente restrito ao português de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento. (PRETI, 2004, p. 184)

Conforme Cegalla (2008) e Almeida (2009), os pronomes de tratamento estão incluídos entre os pronomes pessoais, sendo assim, de acordo com estes autores, o pronome pessoal pode ser classificado como reto, oblíquo e de tratamento, sendo os pronomes de tratamento “palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical” (ALMEIDA, 2009, p. 172).

Entre as gramáticas normativas analisadas, percebemos que o *você* nos é apresentado entre os pronomes de tratamento, sendo usado no trato com as pessoas, mais precisamente no tratamento familiar e/ou informal. Como podemos observar no exemplo abaixo:

- *Você* (v.): no tratamento familiar, informal
- O *senhor* (Sr.), a *Senhora* (Sr.^a): no tratamento de respeito
- A *senhorita* (Srta.): a moças solteiras
- *Vossa Senhoria* (V.S.^a): para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados
- *Vossa Excelência* (V.Ex.^a): para altas autoridades
- *Vossa Reverendíssima* (V. Rev.m^a): para sacerdotes
- *Vossa Eminência* (V. Em.^a): para cardeais

- *Vossa Santidade* (V.S): para o Papa
- *Vossa Majestade* (V.M.): para reis e rainhas
- *Vossa Majestade Imperial* (V.M.I.): para imperadores
- *Vossa Alteza* (V.A.): para príncipes, princesas e duques

(CEGALLA, 2008, p. 181)

Considerando que os pronomes de tratamento são certas palavras que valem por verdadeiros pronomes pessoais, Cunha e Cintra (2008) nos trazem algumas observações sobre o emprego dos pronomes de tratamento da segunda pessoa:

No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria de intimidade [...] No português do Brasil, o uso do *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo território brasileiro, ele foi substituído pelo *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo de intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior [...]. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 305)

Dessa forma, podemos observar que, apesar das gramáticas normativas apresentarem apenas o pronome *tu* em referência à segunda pessoa do singular, elas não descartam o uso do *você* na língua, classificando-o como pronome de tratamento para referir-se a alguém que pertença ao seu meio familiar ou em um discurso mais informal, porém, pode ser utilizado também fora do campo de intimidade, assim como era empregado em sua forma original *Vossa Mercê*.

As gramáticas descritivas, por sua vez, apresentam-se de maneira diferente (CASTILHO, 2014; NASCIMENTO; KATO, 2009; BAGNO, 2012), estas possuem como objetivo principal a descrição da língua no que diz respeito à sua forma e funcionamento e toma por base uma teoria linguística contemporânea. A partir da análise destas gramáticas, podemos observar que, ao contrário do exposto das gramáticas normativas, houve a preocupação em atualizar o quadro pronominal apresentado pelas gramáticas normativas, adequando-o aos usos linguísticos.

Assumindo a importância da descrição real da língua, Castilho (2014) pretende acrescentar um elo a mais na longa tradição das gramáticas de referência, mesmo ao se afastar delas. Desta forma, o autor afirma: “deixando de lado uma bisonha repulsa aos achados da Gramática tradicional, este livro mostra como as pesquisas linguísticas, na verdade, aprofundaram e enriqueceram esses achados, operando a partir de princípios e aplicando uma metodologia segura” (CASTILHO, 2014, p. 33).

Para Castilho (2014), os pronomes pessoais estão sujeitos a mudanças e variações, desta forma, o autor afirma que

estudos recentes têm apontado para a sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica por que a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença. (CASTILHO, 2014, p. 477)

O autor nos apresenta em sua gramática um quadro pronominal diferente do anterior apresentado por Cunha e Cintra (2008), como podemos observar no quadro 3. Ao analisá-lo, percebemos que o autor o divide em duas partes, sendo a primeira o português brasileiro (PB) formal e a segunda o português brasileiro informal. No que diz respeito à segunda pessoa do singular, o autor nos mostra que o pronome *tu* concorre com a forma pronominal *você*, que aparece nas gramáticas normativas como apenas um pronome de tratamento e não pronome pessoal do caso reto. Segundo Castilho (2014), o *você* que era visto apenas como um pronome de tratamento, passa a ser um pronome pessoal de segunda pessoa do singular.

Diferenciando-se das gramáticas normativas, ao elencar os pronomes que fazem parte do PB formal, Castilho (2014), além do *tu*, nos apresenta o *você*, *o senhor* e *a senhora* em posição de sujeito, e *te*, *ti*, *contigo* e *o senhor*, *a senhora* junto com uma preposição em posição de complemento. Quanto ao PB informal, ele nos apresenta *você*, *ocê* e *tu* na posição de sujeito e *você/ocê/cê*. *Te*, *ti* e *você/ocê* junto com uma preposição em posição de complemento, o que nos faz perceber a inclusão do *você* em diferentes posições sintáticas tanto no PB formal, quanto no PB informal.

Quadro 3: Pronomes pessoais

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>Eu</i>	<i>Me, mim, comigo</i>	<i>Eu, a gente</i>	<i>Eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>Tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>Te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>Você/ocê/tu</i>	<i>Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)</i>
3ª pessoa sg.	<i>Ele, ela</i>	<i>O/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>Ele/ei, ela</i>	<i>Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i>

1ª pessoa pl.	<i>Nós</i>	<i>Nos, conosco</i>	<i>A gente</i>	<i>E gente, Prep + a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>Vós, os senhores, as senhoras.</i>	<i>Vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>Vocês/ocês/cês</i>	<i>Vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>Eles, elas</i>	<i>Os/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>Eles/eis, elas</i>	<i>Eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas</i>

Fonte: Castilho (2010, p. 477)

As mudanças no quadro pronominal se concretizam a partir da variação linguística, ou seja, para que haja a mudança anteriormente ocorreu variação. O que podemos perceber é que o *tu* vem sendo substituído pelo *você*, porém, ainda estão em fase de variação, havendo a predominância de uma ou outra forma a depender da comunidade de fala. A forma *você* também sofreu alterações ao longo dos anos, anteriormente era usado para expressão de tratamento na forma de *Vossa Mercê*, que passou a ser *vósmecê* até chegar ao *você* que atualmente varia com o *ocê* e o *cê*.

Em Kato e Nascimento (2009), também podemos ver a mesma constatação, o que nos faz repensar sobre a abordagem feita nas gramáticas tradicionais, nas quais não retratam a concorrência entre os pronomes, mostrando apenas o “tu” como segunda pessoa do singular. No capítulo sobre predicação, organizado por Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), as autoras abordam o uso do *tu* e do *você* no tópico “O sujeito pronominal e suas realizações” a partir da amostra do projeto Nurc³.

Na amostra, foram analisados 1.085 dados, através deles foi possível perceber que o *você* tem sido mais presente no português brasileiro, pois, houve apenas 21% do uso do *tu*, ou seja, das 52 ocorrências encontradas na fala de Porto Alegre referente à segunda pessoa do singular, 43 foram do pronome *você* e apenas 9 do pronome *tu*. Seis dessas ocorrências aparecem sem marca de concordância, sendo cinco com o sujeito expresso e uma com o sujeito nulo, como podemos observar no exemplo (1):

³ O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC) tinha inicialmente o objetivo de documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A partir de 1985, considerando as novas tendências de análise linguística, ampliou-se o escopo do projeto, no sentido de abraçar outros aspectos, tais como: análise da conversação, análise da narrativa, análise sócio pragmática do discurso e outros.

(1)

- a) Mas ai em que **tu** te baseia?
- b) Onde é que se viu? **Tu** não lê esporte?
- c) Maria, **tu** qué dizer alguma coisa?
- d) ... mas aqui ele vai atuar sobre uma comunicação podendo ser essa sua atuação de três diferentes maneiras. **Tu** fez alguma pergunta, André?
- e) Na tua casa mesmo uma ocasião **tu** fez um jantar ai.
- f) Por que **tu** disseste que [ø] acha que ali entra a compreensão?

(BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009, p. 126)

Em relação às desinências que acompanham as realizações dos pronomes, pode ser observado que houve alternância entre < ø > e < s > no presente, e entre < [ø] >, < -ste > no pretérito perfeito, havendo também a forma assimilada < -sse >, como podemos observar no exemplo (2).

(2)

- a) Mas em que **tu** te baseia?
- b) ... não, **tu** vês, por exemplo, o peixe, peixe aqui no Rio Grande, eu tenho impressão que se come peixe, exclusivamente na Semana Santa.
- c) Na tua casa mesmo uma ocasião **tu** fez um jantar aí.
- d) Por que **tu** disseste que [ø] acha que ali entra a compreensão?
- e) (macaco) [ø] nunca comeste? Eu comi em São Borja.

(BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009, p. 126)

Já a referência à segunda pessoa com o *você*, foi possível perceber que houve um número maior de ocorrências, sendo elas: 85% de formas de sujeito preenchido e 15% de sujeitos nulos, como podemos observar no exemplo (3). Quanto ao sujeito nulo de segunda pessoa do singular, a amostra revelou que eles geralmente aparecem em frases interrogativas, como podemos observar no exemplo (4):

(3)

- a) Não vá dizer, muito menos agora, porque, com a criação do Bom Preço, uma cadeia de supermercado da qual **você** é assessor...

b) Aí João se **você** justificar da maneira, como **você** me respondeu, eu coloco correto.

(4)

a) [∅] só assistiu três vezes?

b) ... porque [∅] já pensou que eu vou dizer para ele se ele não for?

c) [∅] sabia que pra conseguir sobreviver, ta? Precisava ampliar a sua área de atuação?
Tá claro isso?

(BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009, p. 126)

Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) nos mostram que o *tu* e o *você* estão presentes no uso da língua como segunda pessoa do singular e que seus usos podem ocorrer de diferentes maneiras.

Bagno (2012), ao tratar sobre os pronomes pessoais, expõe separadamente suas discussões sobre os pronomes de segunda pessoa do singular, para tanto o autor apresenta um quadro no qual elenca os indicadores de segunda pessoa em dois eixos, a saber, discurso (- monitorado) e discurso (+ monitorado), como podemos observar no quadro (4).

Quadro 4: Indicadores da segunda pessoa no português brasileiro

Discurso –monitorado									
SUJEITO		OB. DIRETO		OB. IND.		REFLEXIVO		COMP. OBL.	
Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.
VOCÊ OCÊ CÊ TU TI	VOCÊS OCÊS CÊS	TE LHE O/A OS/AS VOCÊ OCÊ TU	VOCÊS OCÊS O/A/OS AS	TE LHE PRA/A VOCÊ PROCÊ	PRA/A VOCÊS PROCÊS	SE TE	SE	VOCÊ OCÊ TI (CONTIGO) TU	VOCÊS OCÊS
Discurso +monitorado									
O SR. A SRA.	VOCÊS OS SRS. AS SRAS.	O SR. A SRA. O/A OS/AS LHE TE	VOCÊS OS SRS. AS SRAS. O/A OS/AS	PARA/ AO SR. PARA/A SRA. LHE TE	PARA/A VOCÊS PARA/ AOS SRS. PARA/ AS SRAS.	SE	SE	O SR. A SRA.	VOCÊS OS SRS. AS SRAS.

Fonte: BAGNO (2012, p. 746)

Como observamos no quadro 4, o autor apresenta como pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito não só o pronome *tu*, como também *você*, *ocê*, *cê*, *ti*, em discursos –monitorados e *o senhor* e *a senhora* em discursos +monitorados. Considerando a existência do *você* como pronome pessoal de segunda pessoa, o autor expõe as demais formas que esse pronome pode assumir, como *ocê* e *cê*, afirmando que “um dos usos mais intensos de *você* no PB contemporâneo é como forma de indeterminação do sujeito” (BAGNO, p. 749).

Com relação ao pronome *tu*, o autor atenta que este, “tendo sofrido a concorrência desleal com *você*, acabou se confinando a determinadas variedades regionais e/ou determinadas camadas sociais”, (BAGNO, p. 750) e que por ser uma menos difundido o *tu* acaba sendo uma forma mais marcada, enquanto o *você* é não marcado, por isso a escolha do *você* em meios publicitários e de comunicação.

Com isso, constatamos que existe uma diferença entre as gramáticas tradicionais e as gramáticas descritivas em relação à classificação dos pronomes pessoais. Pois, enquanto as primeiras mantêm a tradição apresentando até mesmo pronomes que não condizem mais com o uso real da língua e excluindo o *você* do quadro pronominal do caso reto, as segundas preocupam-se em incluir os usos atuais, retratando inclusive a variação existente entre as formas *tu* e *você*.

2.3 Os pronomes de segunda pessoa do singular nos estudos sociolinguísticos

O uso dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu/você* tem sido objeto de estudo dos pesquisadores em todas as regiões do nosso país. Desta forma, buscamos apresentar os principais estudos já realizados de forma a compreender como este fenômeno ocorre nas diferentes regiões do país, observando a frequência de uso das formas, assim como os fatores linguísticos e sociais que os condicionam. Com isso, desejamos traçar um panorama da variação entre pronomes de segunda pessoa do singular no Brasil, selecionando os principais pontos dos estudos apresentados.

2.3.1 Norte

Costa (2013) realizou um estudo de cunho variacionista em que analisou a variação entre os pronomes *tu* e *você* em seis capitais da região norte do país, a saber, Belém (PA), Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Rio

Branco (AC). Para o estudo, a autora utilizou um *corpus* coletado entre os anos de 2004 e 2005, pertencente ao projeto ALiB – Pará, composto por 8 informantes de cada capital, sendo 4 homens e 4 mulheres, totalizando 48 informantes. Cada entrevista teve duração média de duas horas e meia, tendo em vista que os inquiridores faziam 420 perguntas do questionário do projeto ALiB. O ALiB contém como metodologia o uso de três tipos de questionários direcionados para aspectos fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático.

Após a análise dos dados, a autora obteve um total de 727 ocorrências, sendo 431 de *tu* que correspondem a 59% e 296 ocorrências de *você*, que correspondem a 41%. As variáveis linguísticas e sociais analisadas foram localidade, escolaridade, gênero, faixa etária, explicitação do pronome, tempo verbal e modo verbal. Entretanto, apenas os grupos de fatores localidade, explicitação do pronome, escolaridade e tempo verbal foram considerados estatisticamente significativos.

No que diz respeito à localidade, os pesos relativos apontaram o favorecimento do pronome *tu* em três das seis capitais analisadas, a saber, Belém, Manaus e Rio Branco, já as demais capitais desfavorecem o uso do *tu* como podemos observar na tabela 1: Boa Vista, Macapá e Porto Velho, favorecendo, desta forma, o uso do *você*, como podemos observar na tabela 1. Com relação à variável explicitação do pronome, os resultados de Costa (2013) apresentam peso relativo (PR) de 0.73, favorecendo a utilização do *tu* neste fator, sendo apenas 0.31 para a não explicitação do pronome.

Tabela 1: Uso do pronome você na região Norte

Fatores	Aplic./Total	%	P.R <i>Input 0.59</i>
Belém	97/137	69,3	0.61
Boa Vista	56/116	48,3	0.39
Macapá	28/59	47,5	0.38
Manaus	124/181	38,5	0.60
Porto Velho	33/89	37,1	0.29
Rio Branco	95/145	65,5	0.56
Total	431/727	46,9	

Fonte: Costa (2013, p. 68)

Na variável escolaridade, foram analisados dois níveis, a saber, ensino fundamental e ensino superior. Apesar dos resultados apresentarem proximidade com o ponto neutro do PR, a autora pode afirmar o favorecimento do pronome *tu* entre informantes de nível fundamental, com PR de 0.52 enquanto os informantes de nível médio apresentaram PR de 0.50. Segundo a autora, seus resultados corroboram com o que a literatura vem apresentando, ou seja, a tendência dos mais escolarizados utilizarem a forma pronominal *você*.

Martins (2010) realizou seu estudo na cidade de Tefé (AM) com o intuito de verificar a alternância entre *tu/você/senhor*. O *corpus* utilizado pelo autor é composto de 19 entrevistas sociolinguísticas tipicamente labovianas, ou seja, contendo a interação entre entrevistador e informante, sendo 4 delas realizadas sem o conhecimento prévio dos informantes, objetivando captar seu vernáculo. Segundo o autor, algumas dessas entrevistas captam a fala de mais de um informante. De forma geral, o *corpus* analisado é composto de 30 informantes, sendo 15 homens e 15 mulheres, divididos em três faixas etárias, a saber, de 07 a 10 anos, de 20 a 35 anos e acima de 50 anos, com escolaridade dividida em nível fundamental e nível superior.

Após a análise dos dados, o autor obteve 1213 dados iniciais, entretanto, apenas 865 foram tratados estatisticamente, tendo em vista que não fizeram parte da análise os 347 dados correspondentes aos dados de pronome zero. Após a análise estatística dos dados, a autora obteve resultados de 60,1% de *tu*, 33% de *você* e 6,9% de *senhor*.

A variável grau de intimidade, definida pelos fatores íntimo e não íntimo, foi a primeira variável selecionada como estatisticamente significativa para o estudo, apresentando percentuais de 80,9% de *tu* com PR de 0.59 para o fator íntimo e 45,7% de *tu* com PR de 0.39 para o fator não íntimo. Com relação à faixa etária, no que diz respeito ao uso do *tu*, a faixa etária 1 (07 a 10 anos) apresentou um percentual de 98,3% com PR de 0.95, já a faixa etária 2 (20 a 35 anos) apresentou percentual de 69,2% com PR de 0.52, enquanto a faixa etária 3 (acima de 50 anos) apresentou percentual de 53,4% com PR de 0.36.

A próxima variável selecionada como estatisticamente significativa foi o tipo de gravação, sendo ela consciente ou oculta. Os resultados mostraram que, em gravações conscientes, o pronome *tu* é inibido, apresentando percentual de 56,8% com PR de 0.41, havendo o favorecimento do *você*. Já em gravações ocultas, o autor observou um percentual elevado de *tu*, com frequência de 90,7% e PR de 0.78. Com relação ao gênero do falante, os resultados de Martins (2010) mostraram que o *tu* é mais frequente

na fala de informantes do sexo feminino, apresentando frequência de 70,6% com PR de 0.58, enquanto os homens apresentaram resultados de 59,3% de *tu* com PR de 0.42.

O paralelismo formal foi um dos fatores linguísticos selecionado como estatisticamente significativo, a partir de resultados obtidos, o autor constatou que há uma tendência para que o falante reproduza a primeira forma utilizada ao decorrer de seu discurso, apresentando uma frequência de 89,5% no fator precedido de *tu* com PR de 0.75. O último fator linguístico selecionado foi o tipo de referência, sendo ela genérica ou específica, de acordo com os resultados expostos pelo autor o pronome *tu* ocorreu com maior frequência em contextos de referência específica, apresentando percentual de 74,7% e PR de 0.55, enquanto, na referência genérica, o pronome *tu* apresentou percentual de 51,8% com PR de 0.43.

Babilônia e Martins (2011) analisaram a influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes *tu/você* na fala manauara. O *corpus* analisado pelos autores pertence ao banco digital do projeto Fala Manauara Culta (FAMAC), contando com 30 gravações de entrevistas em diferentes situações discursivas, a saber, elocuições formais (EF), dialógicas (D2) e entrevistas (DID), sendo composto por 30 gravações. Os informantes foram estratificados de acordo com gênero, faixa etária (20-35 anos, 36-55 e 56 em diante) e escolaridade (ensino superior completo). De forma geral, pode-se constatar o predomínio da forma inovadora *você*, com 65%, entretanto, o autor observou que quanto mais informal for o contexto da elocução, haverá maior probabilidade da ocorrência do pronome *tu*, que apareceu com percentual de 70,5% em entrevistas D2 e 70% nas díades “amigos”. Em contextos mais formais, como por exemplo a DID, o predomínio é do pronome *você*, que aparece com frequência de 96% contra apenas 4% do pronome *tu*.

No que diz respeito ao fator gênero, os autores obtiveram percentuais de 40% de *tu* entre os informantes do sexo masculino, contra 60% entre os informantes do sexo feminino. Com relação à faixa etária, os autores percebem estabilidade quanto aos usos em função de ambos os fatores, entretanto, Babilônia e Martins (2011) chamam a atenção para equilíbrio dos pronomes nos diálogos da terceira faixa etária.

A partir do exposto, compreendemos como a variação em estudo ocorre na região Norte. Na tabela 2, apresentamos uma síntese da frequência de uso dos pronomes de segunda pessoa nesta região, constatando que, de forma geral, o pronome *tu* tende a ser mais utilizado pelos falantes desta região.

Tabela 2: *Tu* e *você* na região Norte

ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	TU	VOCÊ	SENHOR (A)
Costa (2013)	59%	41%	
Martins (2010)	60,1%	33%	6,9%
Babilônia e Martins (2011)	35%	65%	

Fonte: Elaborado pela autora

Observando a tabela 2, constatamos que, de maneira geral, os estudos mostraram maior percentual de uso do pronome *tu*, com 59% em Costa (2013) e 60,1% em Martins (2010). Já o estudo apresentado por Babilônia e Martins (2011) apresentou resultados que vão na contramão dos demais, apresentando maior percentual de uso do pronome *você* com 65% contra apenas 35% de *tu*.

2.3.2 Nordeste

Herênio (2006) estuda a variação dos pronomes *tu* e *você* em duas cidades localizadas em regiões distintas, a saber, Imperatriz (MA) e Uberlândia (MG), neste momento, apresentaremos somente os resultados da primeira, por esta está inserida na região nordeste do país. Para a composição do *corpus*, foram utilizadas 86 entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) realizadas com 43 informantes de cada localidade, sendo estes estratificados segundo a idade (20 a 30; 31 a 45; acima de 45 anos) e a classe social (A, B e C). Após a análise dos dados, foram registradas 1059 ocorrências para as duas cidades. No que diz respeito à Imperatriz, foi possível constatar percentuais de 27% de *tu* e 73% de *você*.

Alves (2010) realiza em seu trabalho uma fotografia sociolinguística do português falado no Maranhão, no que diz respeito do uso do *tu* e do *você*. Para a realização de seu estudo, a autora utilizou o *corpus* do projeto AliMA, composto por 28 entrevistas sociolinguísticas do tipo DID, estratificadas de acordo com o sexo masculino e feminino, faixa etária (18-30 anos e 50-65 anos), realizadas nos municípios de São Luís e Pinheiro (Mesorregião Norte), Bacabal e Tumtum (Mesorregião Centro) e Alto Parnaíba e Balsas (Mesorregião Sul).

Ao analisar os dados, a autora registrou 328 ocorrências, sendo 126 de *tu*, 168 de *você*, 27 da forma reduzida *cê* e 7 da forma *ocê*, porém, para a realização de uma análise binária, a autora uniu as formas *você/cê/ocê* para verificar sua frequência com relação à forma pronominal *tu*. Desta forma, Alves (2010) obteve percentuais gerais de 38,4% de *tu* contra 61,6% de *você/cê/ocê*. Entretanto, ao olharmos os resultados de acordo com a localização, percebemos que, no espaço maranhense, há diferentes frequências de uso, como podemos observar no quadro 4:

Quadro 4: *Tu/você/cê/ocê* na região Nordeste

	TU	VOCÊ	CÊ	OCÊ	TOTAL
Bacabal	13 56,5%	9 39,1%	1 4,3%	0 0%	23
Balsas	17 56,7%	13 43,3%	0 0%	0 0%	30
Alto Parnaíba	5 15,2%	20 60,6%	4 12,1%	4 12,1%	33
Tuntum	15 35,7%	18 42,9%	6 14,3%	3 7,1%	42
Pinheiro	31 36,9%	46 54,1%	7 8,2%	0 0%	84
São Luís	45 38,8%	61 52,2%	10 8,6%	0 0%	116
Total	126 38,8%	168 51,1%	27 8,5%	7 2,1%	328 100%

Fonte: Alves (2010, p. 65)

Levando em consideração que a variação entre *tu* e *você* é um fenômeno, em grande parte, explicado sob o aspecto diatópico, a autora utiliza a variável social localidade para a análise de seus dados, sendo esta uma das variáveis estatisticamente significativas para o programa. Apresentando uma tabela com seus resultados, a autora nos mostra resultados que apresentam diferenças de frequência de uso a depender da localização geográfica do informante. No que diz respeito à ocorrência da forma pronominal *tu*, os percentuais mais elevados ocorreram nas cidades de Balsas com 56,7% e PR de 0.72 e Bacabal com percentual de 56,5% e PR de 0.67, já as demais

idades apresentaram frequência menor de uso, sendo São Luís 38,8% com PR 0.48, Pinheiro 36,9% com PR 0.54, Tuntum 35,7% com PR 0.48 e Alto Parnaíba que apresentou o menor percentual de uso do *tu*, sendo 15,2% com PR 0.18.

Ainda no estado do Maranhão, temos o estudo de Carneiro (2011) que realizou seu trabalho a partir de um *corpus* composto por 90 inquéritos coletados em São Luís (MA), estratificados de acordo com escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e classe social. A coleta dos dados foi feita a partir de gravações secretas e espontâneas, realizada, em grande parte, em balcões de informações de órgãos públicos; diálogos entre amigos e familiares; pedidos de informações em diferentes pontos da cidade; aulas e reuniões de trabalhos.

Após a análise dos dados, a autora verificou 277 ocorrências, sendo 192 de *tu* e 85 de *você*, representando percentuais de 69,31% de *tu* contra 30,69% de *você* e mostrando que o pronome *tu* é mais recorrente na comunidade de fala estudada. A partir de seus resultados, a autora analisou a ocorrência das formas de acordo com variáveis linguísticas e sociais, podendo constatar que, na fala dos informantes ludovicenses, o fenômeno em estudo é condicionado por fatores sociais, como a escolaridade, mostrando que o pronome *tu* é recorrente em todos os níveis analisados, entretanto, o *você* tende a ser mais utilizados por falantes mais escolarizados; faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 55 anos e acima de 55 anos). Há o prevailecimento do *tu* em todas as faixas etárias, porém, a faixa etária intermediária demonstra uma tendência a optar pela forma *você*; sexo/gênero e classe social, mostrando que, entre os informantes de classe baixa e classe média baixa, há uma predominância do pronome *tu*, enquanto entre os informantes de classe média alta e classe alta apresentam maior uso do pronome *você*.

Assim como Carneiro (2011), Alves (2015) também teve como comunidade de fala a cidade de São Luís. A autora analisa a fala de ludovicenses escolarizados de acordo com os contextos, variáveis linguísticas e variáveis sociais que condicionam a realização dos pronomes, acreditando que o *tu* com concordância caracteriza-se como uma marca linguística do falar maranhense. Cabe salientar que diferente dos trabalhos que seguem a metodologia da entrevista sociolinguística, a autora buscou analisar o uso da segunda pessoa do singular em uma dimensão intrafalante. Para tanto, utilizou um *corpus* de dados de fala de um grupo de falantes que tinham dois colaboradores gravados em situação de interação. Esta metodologia foi adotada com o intuito de fugir do padrão das entrevistas sociolinguísticas, podendo assim observar o falante em momentos não monitorados, enquanto interagem com seus amigos e familiares.

Com uma amostra contendo vinte horas e quarenta e três minutos de interação livre, a autora obteve 1110 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa em posição de sujeito – 871 realizações de *tu*, 157 de *você*, 22 de *cê*, e 60 de *senhor/a*. Essas ocorrências correspondem a 78,5% de *tu*, 14,1% de *você*, 2% de *cê* e 5,4% de *o(a) senhor(a)*. Considerando que os pronomes analisados podem ser mais recorrentes em determinados tipos de relação entre os interlocutores, a autora investigou a relevância deste fator considerando as relações simétricas e assimétricas, constatando que, no plano da simetria, há maior favorecimento para *tu sem concordância*, enquanto *você* e *tu com concordância* são mais recorrentes em contextos de assimetria entre os falantes.

Guimarães (2014) realizou seu estudo na cidade de Fortaleza (CE), analisando as formas de tratamento pronominais de segunda pessoa do singular, com o intuito de verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o uso das formas estudadas. Para tanto, a autora selecionou 53 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), analisando apenas os inquéritos compostos por diálogos em entre dois informantes (D2). A estratificação dos informantes foi realizada em função do gênero, da faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir de 50 anos) e da escolaridade (0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos).

A partir da análise e rodada dos dados, a autora obteve 1555 ocorrências, sendo 792 ocorrências de *tu* e 763 ocorrências de *você*, que correspondem, respectivamente, a 50,9% e 49,10%. Apesar de selecionar diferentes variáveis sociais e linguísticas, apenas algumas delas foram consideradas estatisticamente significativas para o fenômeno em estudo, como veremos a seguir.

Como variáveis significativas para o estudo, a autora observou que a entonação, sendo ela interrogativa ou declarativa/exclamativa, mostra que frases interrogativas favorecem o uso da forma pronominal *tu*, com 76% e PR 0.70, ao passo que construções declarativas/exclamativas inibem o seu emprego, com 43,5% e PR 0.43. O tipo de fala, que se refere aos assuntos abordados pelos interlocutores ao longo da conversa mostrou que é possível verificar que a fala irônica/brincadeira é influenciadora do uso do pronome *tu*, com PR de 0.91, assim como fofoca com PR 0.66, relacionamento amoroso com PR de 0.58 e recordações com PR 0.57.

Entretanto, tópicos como repreensão (0.16), religião (0.21), trabalho (0.45) e conversa casual (0.47) desfavorecem o uso do pronome *tu*. Com relação ao tipo de referente, genérico ou específico, a autora verificou que o *tu* é levemente favorecido em contextos de referência específica, com PR de 0.52, enquanto a referência genérica

apresentou PR de apenas 0.11. Na variável paralelismo formal, a partir dos resultados expostos pela autora, podemos observar que o pronome *tu* é mais recorrente em contextos de realização isolada com PR de 0.54, enquanto os fatores primeiro da série e não primeiro da série apresentam, respectivamente, PR de 0.49 e 0.43.

No que diz respeito às variáveis sociais, a faixa etária mostra que os favorecedores da forma pronominal *tu* são os informantes mais novos com PR de 0.63, enquanto os informantes da faixa etária intermediária e os mais velhos apresentaram, respectivamente, PR de 0.46 e 0.34. Quanto ao sexo/gênero do informante, os resultados mostraram que as mulheres são favorecedoras da forma pronominal *tu*, com PR de 0.57, enquanto os homens apresentam PR de 0.41. Outro fator importante para o condicionamento das variantes foi o grau de intimidade entre os informantes, desta forma, os resultados mostraram que, mesmo que timidamente, o alto grau de intimidade favorece o uso do *tu*, com PR de 0.52, enquanto o baixo grau de intimidade desfavorece, com PR de 0.27. Com relação à escolaridade, o uso do *tu* é favorecido apenas por informantes com maior grau de escolaridade com PR de 0.54.

Nogueira (2013) realizou seu estudo em Feira de Santana e Salvador (BA), analisando um *corpus* composto por 48 entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), sendo 12 pertencentes ao projeto NURC/SSA⁴, 12 pertencentes ao PEPP⁵, 24 oriundas do Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, estratificadas de acordo com o sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e de 56 anos em diante) e escolaridade (ensino fundamental e ensino superior). A autora contou também com 7 conversações espontâneas entre informantes de Feira de Santana com 5 homens (3 de 25 a 35 anos; 2 entre 45 a 55) e 7 mulheres (4 entre 25 a 35; 3 entre 45 a 55 anos).

A partir da análise dos dados, a autora observou que os resultados das entrevistas do tipo DID e conversas espontâneas apresentaram percentuais de uso diferentes. De maneira geral, os resultados da autora mostram a preferência dos falantes da comunidade de fala estudada pelo pronome *você*, apresentando 88,03% de *você*, 4,60% de *tu*, 2,33% de *cê* e 5,04% de *o(a) senhor(a)*. Ao explorar os resultados, Nogueira (2013) apresenta as frequências de uso destes pronomes em cada tipo de entrevista. Nas entrevistas tipo DID, a autora obteve 1713 dados, sendo 1630 de *você* e 83 de *tu*, o que corresponde, respectivamente, a 95,15% e 4,85%. Já as conversas espontâneas

⁴ Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador

⁵ Programa de Estudos sobre o Português Popular em Salvador

apresentaram 147 dados com percentuais correspondentes a 57,8% de *você* e 42,2% de *tu*. Observando as variável sexo/gênero, na análise de entrevistas do tipo DID, ambos os sexos apresentaram maior frequência de uso do pronome *você*, 93,7% no sexo masculino e 96,4% no sexo feminino, entretanto, nas conversas espontâneas, apesar dos informantes do sexo masculino preservarem maior frequência de uso do *você*, com 66,7% e apenas 33,3% de *tu*, as informantes do sexo feminino apresentaram um equilíbrio de frequência entre as formas, sendo 49,5% de *você* contra 50,5% de *tu*.

Realizado na cidade de Vitória da Conquista (BA), o estudo de Rocha et. al. (2016) analisou apenas as formas pronominais *você* e *cê*. Para a realização do estudo, os autores formaram sua amostra a partir de dois *corpora* desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística História e em Sociofuncionalismo - CNPq da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, selecionando 12 entrevistas de informantes conquistenses estratificados de acordo com o sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (15 a 35 anos, 36 a 50 anos e a partir de 51 anos) e escolaridade (menos escolarizados – sem ou com até cinco anos de escolaridade; e mais escolarizados – com onze anos ou mais de escolaridade).

Após a análise dos dados, os autores localizaram 405 ocorrências, sendo 234 ocorrências de *você* e 171 ocorrências de *cê*, correspondendo respectivamente a 58% e 42%, mostrando que o pronome *você* apresenta um leve aumento de frequência com relação à sua variante *cê*. Os resultados da análise das variáveis sociais mostraram que o pronome *você* apresentou maior percentual de uso na primeira e na última faixa etária, com 86% entre os informantes de 15 a 35 anos e 52% entre os informantes acima de 51 anos, sendo a variante *cê* levemente favorecida entre os informantes da segunda faixa etária, apresentando frequência de 51%. No que diz respeito ao sexo dos informantes, os resultados dos autores mostraram que as informantes do sexo feminino apresentam maior frequência de uso do pronome *você*, com 68%, enquanto os homens apresentam maior uso da forma *cê*, com 57%. Indo contra a hipótese inicial dos autores, a variável escolaridade apresentou maior tendência de uso do pronome *você* entre os informantes menos escolarizados sendo 64% contra apenas 36% de *cê*, já os informantes mais escolarizados apresentaram 54% de *você* contra 46% de *cê*, apesar dos percentuais apresentarem níveis mais elevados do *você* em ambas as formas, percebemos, através do peso relativo, que o uso do *você* é favorecido pelos informantes menos escolarizados com PR. 0.64 e sua variante *cê* pelos informantes mais escolarizados com PR. 0.59.

Silva (2017) analisou em seu estudo as realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu/você* e *você/cê* na posição de sujeito na fala dos sertanejos alagoanos. Ao analisar os dados, a autora obteve apenas três ocorrências do pronome *tu*, sendo assim, optou por analisar a variação entre o pronome *você* e sua variante *cê*. Para a realização do estudo, a autora utilizou a amostra do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano - LUSA, composto por 96 entrevistas sociolinguísticas realizadas entre informante e documentador (DID), estratificada de acordo com sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (15 a 29 anos, 30 a 44 anos e acima de 44 anos) e escolaridade (analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

Após a análise e rodada dos dados, a autora obteve 506 ocorrências, sendo 473 de *você* e 33 de *cê*, o que corresponde respectivamente a 94% e 6%. A partir dos resultados, a autora pode constatar que, na comunidade de fala do sertão alagoano, a variação *você* e *cê* não ocorre de maneira aleatória, mas condicionada por fatores sociais e linguísticos. Entre os grupos de fatores linguísticos e sociais selecionados para a realização do estudo, apenas a escolaridade e o paralelismo formal foram considerados estatisticamente significativos.

Sendo assim, os resultados de Silva (2017) mostraram que a variante *você*, entre os analfabetos, apresentou um percentual de 93% de uso com PR 0.41, já os informantes de ensino fundamental e superior apresentaram um comportamento linguístico semelhante, apresentando, respectivamente, percentuais de 96% e 97% com PR 0.60 e 0.62, favorecendo, assim, a realização do pronome *você*, enquanto os informantes de ensino médio, por sua vez, apresentaram um percentual de uso do *você* inferior que os demais, sendo 86% com PR 0.28. Desta forma, foi possível observar que o *você* apresenta-se com frequência de uso alta em todos os níveis de escolaridade, oscilando apenas entre os informantes de nível médio.

Vitório (2018), considerando a importância dos pronomes *tu* e *você* na diferenciação de relações e contextos sociais em que ocorrem os relacionamentos, analisou a realização desses pronomes na cidade de Maceió (AL), considerando os problemas de restrição e de avaliação. Em seu estudo, a autora utilizou uma amostra composta por 72 entrevistas sociolinguísticas do tipo DID coletadas na cidade de Maceió (AL) no ano de 2010, a qual foi estratificada de acordo com as variáveis sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (15-29 anos; 30-44 anos e acima de 44 anos) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

Após a rodada e análise dos dados, a autora obteve um total de 404 realizações de *tu* e *você*, sendo 6 realizações do pronome *tu* e 398 realizações do pronome *você*, o que representa, respectivamente, percentuais de 2% e 98%. De acordo com a autora, os resultados obtidos “sinalizam o fato de que o pronome *tu* representa [+intimidade], logo, seu uso é desfavorecido em modelos de entrevistas sociolinguísticas em comunidades de fala em que não possuem esse pronome como primeira forma de tratamento ao interlocutor.” (VITÓRIO, 2018, p. 14)

Diante dos estudos apresentados, constatamos que a variação entre os pronomes de segunda pessoa ocorre de diferentes maneiras na região Nordeste, tendo alguns estados apresentado percentuais maiores de *tu*, como é o caso de Maranhão e Fortaleza, enquanto os demais apresentam o predomínio do pronome *você*. Na tabela 3, temos um panorama geral do uso dos pronomes em estudo na região Nordeste.

Tabela 3: *Tu e você* na região Nordeste

ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	TU	VOCE	CÊ	SENHOR (A)
Herênio (2006)	27%	73%		
Alves (2010)	38,4%	61,6%		
Carneiro (2011)	69,32%	30,69%		
Alves (2015)	78,5%	14,1%	2%	5,4%
Guimarães (2014)	50,9%	49,10%		
Nogueira (2013)	4,60%	88,03%	2,33%	5,04%
Rocha et. al. (2016)		58%	42%	
Silva (2017)		94%	6%	
Vitório (2018)	2%	98%		

Fonte: Elaborado pela autora

Observando a tabela 3 percebemos que na região nordeste há uma predominância do pronome *você* na maioria dos estudos observados, como em Herênio (2006), Alves (2010), Nogueira (2013), Rocha et. al. (2016), Silva (2017) e Vitório (2018), enquanto apenas três dos nove estudos apresentados apresentaram maior percentual de uso do *tu*, como em Carneiro (2011), Alves (2015) e Guimarães (2014).

2.3.3 Centro-Oeste

Dias (2007) analisou a variação *tu* e *você* na fala dos brasileiros buscando descrever os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação estudada em faixas etárias distintas. Com o objetivo de analisar a língua em uso na comunidade de fala estudada, a autora optou por analisar uma amostra composta por gravações de conversas espontâneas, acreditando que o uso de entrevistas sociolinguísticas inibe o uso do pronome *tu*, tendo em vista que este pronome tende a aparecer em conversas informais. Desta forma, foram analisadas amostras de 18 informantes de três faixas etárias, a saber, 13 a 19 anos, 20 a 29 anos e acima de 30 anos.

A partir da análise e rodada dos dados, a autora obteve percentuais de 12,8% de *tu* contra 87,2% de *você/cê*. Entre os grupos de fatores linguísticos e sociais analisados foram considerados estatisticamente significativos seis grupos, a saber, o tipo de fala, como fator linguístico, que mostrou que o pronome *tu* tende a aparecer com maior frequência em conversas que envolvam ironias ou brincadeiras, apresentando frequência de 31,7% com PR 0.80, como também em conversas casuais, que apresentaram frequência de 12,9% com PR 0.56; com relação aos resultados das variáveis sociais, os resultados da autora mostraram que os falantes do sexo masculino favorecem o uso do pronome *tu*, enquanto as mulheres desfavorecem seu uso. No que diz respeito ao estilo de vida do falante, foi possível constatar que o uso do *tu* é mais recorrente entre falantes com estilo alternativo, enquanto os conservadores desfavorecem seu uso.

A autora analisou também o tipo de relacionamento existente entre os informantes, constatando que o uso do *tu* é mais recorrente entre interlocutores que possuem relacionamento íntimo/familiar. Os resultados de Dias (2007) mostraram que a frequência de uso do *tu* tende a diminuir de acordo com a faixa etária, ou seja, falantes mais jovens apresentam maior uso de *tu*, enquanto os falantes mais velhos apresentam menor uso. Cruzando os resultados encontrados entre as variáveis, a autora observou que, entre os informantes com faixa etária inferior a 30 anos, o *tu* é mais utilizado em conversas entre interlocutores com a mesma faixa etária como marca de intimidade, ocorrendo em situações descontraídas, fazendo uso de brincadeiras e ironias.

Analisando a fala de crianças e adolescentes em Brasília, Andrade (2010) optou por desviar-se das diretrizes tradicionais para constituição da amostra sociolinguística, acreditando, assim como Dias (2007), que o uso de entrevistas seguindo o padrão laboviano dificilmente registraria o uso do pronome *tu*. Com a ajuda dos colaboradores, foram gravadas conversas casuais entre os informantes, sendo um total de 43 informantes, 25 do sexo feminino e 18 do sexo masculino.

Os resultados da autora mostraram uma média de 48% de ocorrência do pronome *tu*, contra 26% de *você* e 26% de *cê*. Observando as ocorrências das variantes, a autora constatou que a realização do *tu* tende a ser favorecida entre informantes cujos pais e mães são ambos da região nordeste, com 63%; se são de Brasília e do Nordeste, com 48%; se são somente de Brasília, com 41%; e desfavorecido quando seus pais não são advindos da região nordeste com 6%. O pronome *você* foi favorecido entre informantes com pais pertencentes à Brasília e Mato Grosso, com 73%; e por aqueles cujas origens não são nordestinas, com 65%, enquanto sua variante *cê* foi altamente favorecida entre os informantes com pais mineiros, com 70%.

Analisando o relacionamento entre os interlocutores, a autora observou que as relações de simetria favorecem o uso do *tu*, com PR 0.47; ao passo que as relações de assimetria desfavorecem, com PR 0.22. O inverso acontece quando observamos o pronome *você* e sua variante *cê*, ou seja, relações assimétricas favorecem seus usos, enquanto relacionamentos simétricos desfavorecem. No que diz respeito ao sexo dos informantes, os resultados mostraram que os homens tendem a favorecer o uso do pronome *tu*, com PR 0.44, e as mulheres favorecem o uso do *você*, com PR 0.44. Analisando a faixa etária, a autora observou que há comportamento semelhante entre ambas as faixas etárias, entretanto, é possível perceber que há um leve favorecimento de ocorrência do pronome *tu* entre informantes de 12 a 15 anos, enquanto os informantes de 7 a 11 anos tendem a utilizar com maior frequência a variante *cê*.

Andrade (2015), ampliando o estudo realizado anteriormente, coletou em 2012 em escolas em Sobradinho novos dados seguindo procedimentos metodológicos semelhantes à Alves (2010), somando a dados coletados em 2014 em Sobradinho e 2015 em Brazlândia e Plano Piloto. Após a rodada e análise dos dados, a autora obteve 1319 dados que correspondem a 31,2% de *tu*, 44,8% de *você* e 24% de *cê*. Corroborando com os resultados de Alves (2010), foi possível constatar que, no que diz respeito à origem dos pais dos informantes, as origens nordestinas, brasilienses e cariocas favorecem o uso do *tu*, enquanto informantes com pais de origem mineira, goiana e mato-grossense favorecem o uso do *cê*.

Com relação à faixa etária, a autora constatou que as crianças de 5 a 9 anos, assim como os pré-adolescentes de 10 a 12 anos apresentam maior frequência de uso do *você*, com respectivamente 69% e 47%, enquanto os adolescentes de 13 a 18 anos apresentam maior percentual de uso do pronome *tu*, com 52%. Quanto ao tipo de relação entre os interlocutores e contextos de ocorrência das variáveis, os resultados da

autora se assemelham ao de Alves (2010), mostrando que o *tu* é favorecido em situações de simetria, ocorrendo, por exemplo, em contextos de brincadeiras. A autora destaca também que, em relações assimétricas, o *tu* é desfavorecido, sendo mais recorrente o uso das formas *você* ou *cê*, sendo estas formas equilibradas neste tipo de relação.

Os estudos apresentados nos permite compreender como o fenômeno em estudo ocorre na região Centro-Oeste, sendo o pronome *você/cê* o mais utilizado, entretanto, apesar dos percentuais de uso do pronome *tu* ser inferior ao *você*, percebemos que essa forma ainda é utilizada na comunidade de fala. A partir da tabela 4, podemos observar como essa variação se distribui, em termos gerais, nos trabalhos apresentados.

Tabela 4: *Tu e você* na região Centro-Oeste

ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	TU	VOCÊ	CÊ
Dias (2007)	12,8%	87,2%	
Andrade (2010)	48%	26%	26%
Andrade (2015)	31,2%	44,8%	24%

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar na tabela 4, os estudos apresentados na região Centro-Oeste não apresentam um padrão homogêneo de resultados, entretanto, a partir dos resultados expostos podemos constatar que, de maneira geral, o uso do *você* predomina na região, com estudos de Dias (2007) e Andrade (2015) apresentando respectivamente 87,3% e 44,8% de *você*, enquanto Andrade (2010) apresentou apenas 26% de *você* com maior índice de uso de *tu* em seu estudo com 48%.

2.3.4 Sudeste

Modesto (2006) realizou um estudo sociolinguístico na cidade de Santos (SP), a fim de analisar a alternância entre os pronomes *tu* e *você*. Para tanto, o autor analisou 20 inquéritos correspondentes a “textos conversacionais” realizados com informantes santistas, desta forma, o autor utilizou 10 gravações secretas e 10 gravações não secretas, estratificando sua amostra de acordo com o gênero do falante (masculino e feminino), a faixa etária (15 a 20 anos e 21 anos ou mais) e escolaridade (ensino médio e ensino superior). Após a análise e rodada dos dados, o autor registrou 708 ocorrências, que correspondem a 67% de *você* contra apenas 32% de *tu*.

Entre os fatores linguísticos, discursivos e sociais, constatou-se que, contextos em que ocorrem menor monitoramento, o uso do *tu* é mais recorrente, em contextos com maior monitoramento, o uso do *você* é favorecido. A partir das gravações secretas, foi possível observar que o *tu* deixa explícito sua marca de mais informalidade e mais envolvimento entre os informantes. No que diz respeito à escolaridade, os informantes de nível médio apresentaram percentuais de uso de 40%, enquanto os informantes de nível superior apresentaram percentuais de 29%, mostrando que os informantes com nível de escolaridade mais elevado tendem a evitar o uso do *tu*, ou, segundo o autor, utiliza em situações mais específicas. Ao realizar o cruzamento da escolaridade com o gênero dos informantes, o autor observou que as mulheres com menor nível de escolaridade apresentam frequência de uso do *tu* maior do que as com maior nível de escolaridade – 70% e 20%, respectivamente, já os homens não se apresentam de maneira semelhante, não havendo variação entre as frequências de uso – 32%.

Mota (2008) realizou seu estudo na cidade de São João da Ponte (MG), localizada no norte do estado. Para o estudo, a autora utilizou 24 entrevistas realizadas com informantes do ensino fundamental, estratificando de acordo com sexo (masculino e feminino) e quatro faixas etárias (7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos e acima de 50 anos). As entrevistas continham temas diversos, familiares e não familiares ao informantes, baseadas em uma série de tópicos formais e informais, a fim de criar situações naturais de fala.

Após a análise dos dados, foram encontradas 509 ocorrências, as quais representam 10% de *tu* contra 89% de *você*. Apesar da baixa frequência de uso do *tu* na comunidade de fala estudada, a autora assegura que os resultados são reveladores de um traço considerado, até então, inexistente na comunidade. Analisando a ocorrência do pronome *tu* conforme o grau de intimidade, a autora observou que falantes íntimos favorecem uso dessa variante, com PR 0.81, enquanto falantes não íntimos desfavorecem seu uso. No que diz respeito à faixa etária dos informantes, a segunda faixa etária, de 15 a 25, foi a que apresentou maior favorecimento de uso do *tu*, com PR 0.72, enquanto os informantes acima de 50 anos mostram uma tendência a desfavorecer este uso, com PR 0.14. Segundo a autora, esses resultados podem estar relacionados à construção de identidade desse grupo.

Santos (2012) analisou a variação *tu* e *você* na fala carioca, para a realização do estudo, a autora utilizou quatro amostras, realizadas a partir de perguntas gatilhos que propiciassem o uso dos pronomes de segunda pessoa durante as respostas dos

informantes, desta forma foram realizadas perguntas do tipo: “como eu faço para chegar à rua X?” e “sabe como eu faço para chegar à rua X?”. Para a estratificação da amostra, foram selecionados informantes de acordo com o sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (aproximadamente – 18 a 30 anos; 31 a 55 anos e acima de 56 anos) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior). A autora obteve 648 dados que representam 12% de *tu*, 49% de *você* e 39% de *nulo/zero*.

Com relação à escolaridade, os resultados de Santos (2012) mostram que quanto maior o nível de escolarização do informante, menores são as ocorrências do *tu* e maiores as ocorrências do *você*. A autora acredita que o baixo índice de *tu* entre falantes mais escolarizados ocorre devido ao estigma do *tu + verbo sem concordância*, sendo este associados muitas vezes a falantes menos escolarizados. No que diz respeito ao sexo dos informantes, os resultados apresentam uma tendência de uso do *você* entre as mulheres, enquanto, na fala dos homens, o *tu* é mais recorrente.

No estudo de Peres (2006), a autora busca analisar a variação entre os pronomes *você/ocê/cê*. Para a realização do estudo a autora analisou dados de fala utilizando entrevistas sociolinguísticas do tipo DID realizadas em duas épocas distintas: 1982 e 2002. A autora pode constatar que seus resultados indicam que há uma mudança em progresso no que diz respeito ao uso da forma *cê*. Com relação ao tipo de referência, sendo ela definida ou indefinida, constatou-se que o *você* é utilizado com maior recorrência em referências indefinidas, enquanto o *cê* é mais utilizado em referências definidas. Observou-se também que em contextos nos quais ocorre a realização do pronome com função de objeto do verbo e de preposição, o uso do *cê* possui algumas restrições, porém, de acordo com a autora, tais restrições não impedem seu uso.

A partir dos trabalhos expostos, percebemos que assim como na região Centro-Oeste, o *tu* coexiste com o pronome *você*, sendo este o mais recorrente no Sudeste do país. Observando a tabela 5, podemos traçar um comparativo entre os estudos apresentados, desta forma, percebemos que os resultados de Mota (2008), realizado em São João da Ponte (MG), diferem dos estudos realizados por Modesto (2008) em Santos (SP) e Santos (2012) no Rio de Janeiro (RJ), os quais apresentam maior frequência de uso do *você*. Acreditamos que a distinção entre os resultados se deu não somente em decorrência da localização geográfica dos municípios, como também pela metodologia distinta empregada nesses estudos.

Tabela 5: *Tu e você* na região Sudeste

ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	TU	VOCÊ	NULO/ZERO
Modesto (2006)	32%	67%	
Mota (2008)	89%	10%	
Santos (2012)	12%	49%	39%

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da observação da tabela 5, constatamos que os resultados dos estudos expostos não são homogêneos, apresentando diferenças entre eles. Sendo assim, de maneira geral, observamos que, na região Sudeste, os dados mostram que há maior percentual de uso do pronome *você*, como em Modesto (2006) com 67% e Santos (2012) com 49%, esses resultados distanciam-se dos resultados expostos por Mota (2008), os quais mostram maior percentual de uso do pronome *tu* com 89%.

2.3.5 Sul

Loregian-Penkall (2004) realizou seu estudo buscando analisar a variação *tu* e *você* na fala de informantes do *corpus* VARSUL dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a fim de verificar se o pronome *tu* está sendo substituído pelo pronome *você* na região Sul. Para a realização deste estudo, foram analisadas 24 entrevistas de cada localidade, sendo elas, Santa Catarina (Chapecó, Blumenau e Lages), Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi e São Borja) e 11 entrevistas de Ribeirão da Ilha, com informantes estratificados de acordo com sexo (masculino e feminino), faixa etária (25 a 49 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e colegial).

Para a obtenção dos resultados, a autora realizou três rodadas binárias com o uso do *tu*. Na primeira rodada, realizada com as cidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, a variável sexo se mostrou como uma das mais relevantes para o estudo, mostrando que as mulheres tendem a utilizar o pronome *tu* com maior frequência do que os homens, com PR 0.74, enquanto os homens mostraram-se desfavorecidos deste uso com PR 0.20. Observando os resultados da variável localidade, a autora constatou que Porto Alegre e Ribeirão da Ilha mostram-se favorecidos do uso do pronome *tu*, com respectivamente PR 0.61 e 0.78, enquanto a cidade de Florianópolis tem PR 0.34, desfavorecendo o uso desta variante.

A segunda rodada, realizada com Panambi, Flores da Cunha e São Borja, apresentou como variável de maior relevância a localidade, sendo a cidade de São Borja favorecedora para o uso do pronome *tu* com PR 0.76, enquanto Panambi e Flores da Cunha apresentaram, respectivamente, PR 0.30 e 0.37. A terceira rodada, realizada com as cidades do Rio Grande do Sul, Lages, Blumenau e Chapecó, mostrou que, assim como em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, as mulheres tendem a utilizar com maior frequência o pronome *tu* com PR 0.61. Outra variável significativa para esta rodada foi a escolaridade, mostrando que apenas o nível primário favorece o uso do *tu*, com PR 0.72, enquanto ginásio apresentou PR 0.38 e colegial 0.28. Entre as cidades analisadas, foi possível constatar que, de maneira geral, o *tu* é a variante preferida em oito das nove cidades analisadas, como podemos observar na tabela 6.

Tabela 6: Uso do pronome *tu* na região Sul

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Rodada geral com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (INPUT: 0,88)			
Florianópolis	585/767	76%	0,32
Porto Alegre	764/819	93%	0,61
Ribeirão da Ilha	445/462	96%	0,78
Total	1794/2048	87%	
Rodada geral com Flores da Cunha, Panambi e São Borja (INPUT: 0,89)			
Panambi	395/497	84%	0,30
Flores da Cunha	654/784	83%	0,37
São Borja	663/701	94%	0,76
Total	1712/1952	89%	
Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages (INPUT: 0,27)			
Lages	189/1225	15%	0,30
Blumenau	134/490	27%	0,61
Chapecó	261/519	51%	0,82
Total	584/2234	26%	

Fonte: Loregian-Penkall (2004)

Zilles (2009) realizou seu estudo objetivando descrever o perfil sociolinguístico dos falantes de Criciúma em relação ao uso dos pronomes *tu* e *você*. Para tanto, a

autora utilizou seis entrevistas retiradas do banco de dados “entrevistas sociolinguísticas” – UNESCO, estratificadas segundo sexo (feminino e masculino), faixa etária (mais de 50 anos), e escolaridade (primário, ginásio e segundo grau). Os resultados gerais mostraram a preferência dos falantes pelo uso do pronome *tu* em referência à segunda pessoa, com 93% de *tu* contra apenas 7% de *você*.

Ao realizar o cruzamento entre os grupos de fatores sexo e referência, foi possível observar que as mulheres tendem a utilizar com maior frequência o pronome *tu* do que os homens. No que diz respeito à escolaridade, os resultados revelam que o pronome *tu* predomina em todos os níveis de escolaridade, entretanto, é possível observar que o uso do *você* aumenta de acordo com a elevação no nível de escolaridade. De acordo com a autora, “isso se dá justamente em função de ser a faixa etária que está inserida, grosso modo, no mercado de trabalho, haja vista ser o contexto social que requer maior formalidade durante os eventos de interação” (ZILLES, 2009, p. 41).

Rocha (2012) realizou um estudo em Florianópolis (SC), a fim de compreender o uso dos pronomes de segunda pessoa na fala da comunidade estudada. A autora analisou um *corpus* composto por 28 entrevistas sociolinguísticas do tipo DID estratificadas de acordo com sexo (masculino e feminino), faixa etária (15 a 36 anos, 22 a 33 anos, 48 a 74 anos e 45 a 75 anos) e escolaridade (ensino fundamental e ensino superior). A partir da análise e rodada dos dados, a autora obteve 573 ocorrências, correspondentes a 81,6% de *tu* contra apenas 18,36% de *você*.

No que diz respeito ao sexo dos informantes, assim como o estudo de Loregian-Penkal (2004), as mulheres mostraram-se favorecedoras do pronome *tu* com PR 0,72 e uma frequência de 95%, enquanto os homens desfavorecem, com PR 0,21 e frequência de 63%. Com relação à faixa etária, os resultados mostraram que os mais novos apresentam grande frequência de uso com 96% e PR 0,88, enquanto os informantes mais velhos com 72% de frequência, apresentaram PR 0,22, desfavorecendo o uso do *tu*. Quanto à escolaridade, a autora constatou que os informantes mais escolarizados tendem a utilizar mais o uso do pronome *tu*, com frequência de 96% e PR 0,71, enquanto os menos escolarizados apresentaram 69% e PR 0,32.

Os resultados da região Sul apresentam-se de maneira bem diferente das demais regiões. Apesar de coexistir com o *você*, o pronome *tu*, como podemos observar na tabela 6, apresenta percentuais de uso bem mais elevados nos três estudos apresentados.

Tabela 7: *Tu e você* na região Sul

ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	TU	VOCÊ
Loregian-Penkal (2004)		
Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha	87%	13%
Flores da Cunha, Panambi e São Borja	89%	11%
Chapecó, Blumenau e Lages	26%	74%
Zilli (2009)	93%	7%
Rocha (2012)	81,6%	18,36%

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos estudos expostos nas diferentes regiões do país, podemos observar que, diferentemente do que as gramáticas normativas apresentam, existe a variação entre os pronomes *tu* e *você*, havendo a predominância de uma ou outra forma a depender da comunidade de fala analisada. Com base nos estudos apresentados, constatamos que não existe um comportamento homogêneo dos pronomes de segunda pessoa do singular, havendo em cada região um uso majoritário condicionado não só por fatores linguísticos, como também por fatores sociais.

Consideramos, além disso, que a metodologia de coleta de dados vem sendo um fator influenciador na obtenção dos resultados, uma vez que, em determinadas situações de fala, o falante tende a monitorar-se. Ao analisar a variação entre *tu* e *você*, devemos levar em consideração “o que se fala” e “para quem se fala”, tendo em vista que, em situações de fala informais com relações de simetria e solidariedade, o falante tende a utilizar seu vernáculo sem monitoramento, por sentir-se à vontade com seu interlocutor.

Conforme os estudos apresentados, a situação comunicativa e o grau de intimidade entre os falantes favorecem o uso do pronome *tu*. Bortoni-Ricardo (2002) afirma que, ao estar diante de um interlocutor desconhecido, ou até mesmo de poder hierárquico superior, o falante tende a ser mais cuidadoso, prestando atenção em sua fala. Desta forma, a autora afirma que o grau de atenção e planejamento decorre de diferentes fatores, entre eles

- a) A acomodação do falante ao seu interlocutor;
- b) O apoio contextual na produção dos enunciados;
- c) A complexidade cognitiva envolvida na produção linguística;
- d) A familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida; (BORTONI-RICARDO, 2002, p. 336)

No que diz respeito ao uso do *você*, percebemos que, apesar de não constar nas gramáticas tradicionais como segunda pessoa do singular, esta forma está presente na fala dos brasileiros, sendo utilizado de forma mais generalizada que o pronome *tu*. Apesar de elencarmos trabalhos das cinco regiões do país, consideramos que, no que diz respeito ao fenômeno em estudo neste trabalho, ainda há muito a ser explorado, tendo em vista que algumas localidades ainda não apresentam dados.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos utilizados em nosso estudo. Iniciamos com uma breve abordagem acerca das teorias utilizadas, deste modo, apresentamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística, posteriormente apresentamos a Teoria do Poder e da Solidariedade, elencando os principais pontos de cada uma delas. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa, trazendo os objetivos e hipóteses que nortearam a nossa pesquisa, expondo, em seguida, nossa amostra, assim como as variáveis selecionadas para o estudo e a rodada utilizada pelo programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E, 2005).

3.1 Teoria da Variação e Mudança

Como um marcador de águas na história da ciência da linguagem, Ferdinand de Saussure, com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916), buscou definir um objeto de estudo para a Linguística, que ainda não havia sido preocupação e objetivo de outros estudiosos, sendo, a partir de então, que a Linguística passa a ser definida como estudo científico da linguagem verbal humana. O modelo apresentado por Ferdinand de Saussure considera a língua um sistema homogêneo, um conjunto de unidades organizadas que funciona a partir de um conjunto de regras.

Para a realização de um estudo científico da língua, o linguista propõe algumas dicotomias. “Uma dicotomia em Saussure diz respeito a um par de conceitos que devem ser definidos um em relação ao outro, de modo que um só faz sentido em relação ao outro” (PIETROFORTE, 2012, p. 78). Assim, há quatro dicotomias saussurianas, a saber, significado e significante, língua e fala, sincronia e diacronia, e sintagma e paradigma. Entretanto, considerando nosso objeto de estudo, nos atentaremos apenas as dicotomias língua e fala, e sincronia e diacronia.

Saussure entende a linguagem como a capacidade que o homem possui de comunicar-se com seus semelhantes através de signos verbais, sendo esta representada pela soma da língua e da fala. Para Saussure, a língua é vista como psíquica, social e abstrata, enquanto a fala é considerada como psicofísica, individual e concreta. Desta

forma, a língua é considerada como parte essencial da linguagem, sendo ela escolhida por ele como objeto de estudo, analisada de forma independente, desligada da fala.

As definições de língua e fala permitem a Saussure a classificação de duas linguísticas opostas em seus métodos e em seus princípios – Linguística da língua e Linguística da fala. Ao eleger a Linguística da língua para os estudos linguísticos, Saussure propõe duas metodologias de trabalho: sincronia e diacronia.

A linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (SAUSSURE, 2006, P. 116)

Ao estabelecer a dicotomia sincronia e diacronia, Saussure rompe diretamente com a tradição da linguística histórica, que estuda a língua através do viés diacrônico. Estando em uma “encruzilhada dos caminhos que conduzem, um à diacronia, outro à sincronia” (SAUSSURE, 2006, p. 114), Saussure delimita para seus estudos o ponto de vista sincrônico, tendo em vista que,

no estudo sincrônico, um determinado estado de uma língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elementos linguísticos. Esses elementos são estudados não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros. (PIETROFORTE, 2012, p. 79).

Precursor dos estudos da linguística moderna, Saussure abriu caminhos para novos estudos sobre a linguagem. Posteriormente, diversos estudos e teorias surgiram, expondo aprimoramentos e novos olhares sobre a língua. Surgiram estudos de cunho formalista, que analisam aquilo que está transparente, a forma, e vendo a língua como um objeto autônomo. Também, os estudos funcionalistas, que incorporam elementos extralinguísticos na análise linguística, e se caracteriza pela concepção de língua como um instrumento de comunicação, que não pode ser analisada de forma autônoma.

Contrária à concepção de língua como um sistema homogêneo e em reação à ausência do contexto social nos estudos linguísticos, a Sociolinguística surgiu na década de 1960, caracterizando-se como uma das subáreas da linguística que

estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre

língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2013, p. 9)

Campoy e Almeida (2005, p. 1) apontam cinco características definidoras e inerentes à Sociolinguística:

i) é uma ciência; ii) é um ramo da linguística, se bem, como aponta Labov, é uma forma distinta de fazer linguística; iii) olha para a linguagem como fenômeno social e cultural; iv) estuda a linguagem em seu contexto social, em situações da vida real, através de pesquisa empírica, e vi) está relacionada com a metodologia e conteúdos das ciências sociais, principalmente a Antropologia social e a Sociologia.⁶

Apesar das diferentes áreas de interesse da Sociolinguística, tais como: bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias e planejamento linguístico, ensino de línguas, crenças e atitudes linguísticas, focalizaremos à variação e mudança linguísticas, as quais são objeto direto de análise da Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística surge da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006), que rompe com os modelos anteriores ao considerar a língua como um sistema heterogêneo e ordenado passível de variação e mudança, entretanto, vale salientar que “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade” (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 131).

Considerando a heterogeneidade da língua, os autores consideram que as escolhas linguísticas realizadas pelos falantes não estão ligadas apenas a fatores linguísticos, mas também a fatores sociais, desta forma, o sistema tende a mudar de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade. Ao pensar em seu caráter heterogêneo, não devemos descartar a presença de regras, pois a língua apresenta regras variáveis.

A noção de regra variável implica que não existe variação livre (como se vê numa abordagem estruturalista). Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico. (COELHO *et al*, 2010, p. 24).

i) es una ciencia; ii) es una rama de la Linguística, si bien, comò apunta Labov, es una forma distinta de hacer linguística; iii) mira al lenguaje como fenómeno social y cultural; iv) estudia el lenguaje en su contexto social, en situaciones de la vida real, por medio de la investigación empírica; y v) está relacionada con la metodología y contenidos de las ciencias sociales, principalmente la Antropología Social y la Sociología.

Deste modo, a *variação* linguística caracteriza-se como o processo pelo qual duas ou mais formas diferentes são utilizadas em determinado contexto contendo o mesmo significado, sem comprometer a comunicação entre os interlocutores, sendo as variantes essas diferentes maneiras que configuram determinado fenômeno variável. Como exemplo de variação linguística, temos a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você*, sendo, a variável o lugar da gramática onde se realiza a variação e a variante as formas individuais que concorrem dentro da variável.

As variáveis também classificam-se como dependentes e independentes. De acordo com Mollica (2013), a variável é considerada como dependente por não serem empregadas aleatoriamente, mas através de grupos de fatores sociais ou estruturais que a influenciam. As variáveis independentes representam tais grupos de fatores, que podem apresentar-se de forma interna ou externa à língua, influenciando a frequência de uso de determinadas formas, pois, “a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante” (LABOV, 2008, p. 140).

Vale frisar que o termo “variável” pode significar fenômeno em variação e grupos de fatores. Esses consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. As variantes podem permanecer estáveis no sistema (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso. (MOLLICA, 2013, p. 11).

A variação linguística não ocorre de maneira aleatória, mas através do condicionamento de fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais). Os condicionadores linguísticos estão situados em diferentes níveis linguísticos como, por exemplo, o nível lexical, fonológico, morfológico, sintático, morfossintático e discursivo, enquanto os condicionadores extralinguísticos estão relacionados às estratificações sociais como sexo/gênero, escolaridade e faixa etária, os quais são essenciais para a realização de uma análise sobre determinada variação linguística.

Para compreender a mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) expõe cinco problemas empíricos a serem considerados em estudos de mudança linguística, a saber, o problema dos *fatores condicionantes*, problema de *transição*, problema de *encaixamento*, problema de *avaliação* e problema de *implementação*.

O problema dos fatores condicionantes ou problema de restrição diz respeito às condições que favorecem ou desfavorecem a ocorrência de uma determinada mudança

na língua. A respeito deste problema, os autores observam que “nem toda combinação de fatores linguísticos e sociais tem sido observada em estudos até o momento, nem tem sido observada toda possível combinação de variáveis linguísticas”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 121).

O problema de *transição* busca entender como uma mudança linguística passa por diferentes estágios sem causar interferências na comunicação dos falantes. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122), “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se tornam obsoletas”. Faraco (2005) afirma que “a característica mais recorrente nesse aspecto no estudo histórico é o fato de a mudança não ser discreta”. (p.196), ou seja, uma forma não é logo substituída pela outra, as variantes coexistem e concorrem por certo tempo, o que resulta na diminuição de uma ou outra forma, chegando assim a mudança.

O problema de *encaixamento* nos mostra como a variação e mudança estão entrelaçadas na estrutura linguística e na estrutura social, ou seja, observamos o encaixamento através da relação entre o fenômeno de mudança a ser estudado e a estrutura social. De acordo com Labov (2008),

o problema do encaixamento é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social. As correlações se estabelecem por provas sólidas de variação concomitante, ou seja: mostrando-se que uma pequena mudança na variável independente é regularmente acompanhada por uma mudança da variável linguística numa direção previsível. (LABOV, 2008, p. 193).

Sendo assim, o linguista tem como tarefa não apenas mostrar a motivação social de uma mudança, mas sim estabelecer o grau de correlação existente entre a sociedade e a estrutura da língua, mostrando o peso que ela possui em relação ao sistema linguístico abstrato. Entretanto, para avaliarmos como uma mudança está encaixada na estrutura linguística e na estrutura social, precisamos observar a maneira como os diferentes fenômenos variáveis e condicionadores estão atuando sobre dado fenômeno.

O problema da *avaliação* está ligado à atitude do falante no que diz respeito às formas linguísticas que se encontram em variação/mudança, podendo ser observada através da abordagem direta e indireta.

A abordagem indireta deste problema correlaciona as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico. A abordagem mais direta é medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística. (LABOV, 2008, p. 193)

Desta forma, compreendemos que a avaliação pode estar relacionada tanto à fatores linguísticos como a fatores sociais, sendo a avaliação linguística permeada geralmente por uma avaliação social, ou seja, são observados os efeitos da mudança linguística não só na estrutura linguística e nas situações comunicativas, mas também os fatores extralinguísticos envolvidos neste processo. No que diz respeito às situações comunicativas, devemos nos atentar aos efeitos favoráveis, ou seja, quando a forma é prestigiada na sociedade e desfavoráveis, quando a forma é estigmatizada.

A avaliação realizada pelos falantes, sendo elas positivas ou negativas podem vir a acelerar, retardar ou até mesmo impedir o processo de mudança linguística, uma vez que ao se identificarem com a forma ela será prestigiada na comunidade de fala, e, ao rejeitarem, ela será estigmatizada. De acordo com Coelho *et. al.* (2015), o nível de consciência social é um fator determinante na mudança linguística, podendo medir a atitude social em relação às formas a partir de testes de atitude/avaliação realizados na comunidade de fala à respeito de diferentes usos linguísticos.

É comum observarmos uma correlação entre o uso linguístico e o valor social nos seguintes termos: 1. Variantes de maior prestígio estão associadas, quase sempre, a estilos de fala mais formais, ao passo que variantes de menor prestígio se associam a estilos de fala mais informais (ao vernáculo); 2. Variantes mais conservadoras (e, em geral, mais prestigiadas) são usadas majoritariamente no trabalho, enquanto as mais inovadoras são preferidas na interação com os amigos (e familiares) e nas brincadeiras. (COELHO *et. al.*, 2015, p. 93)

O problema de *implementação* pode ser explicado através dos resultados encontrados no problema de restrição, ou seja, através dos condicionadores linguísticos e sociais de maneira a compreender como e por que a mudança/variação ocorre em determinados contextos. Ao identificar os fatores que agem sob a mudança, conseguimos explicar sua implementação, entretanto, “a dificuldade do enigma da implementação é evidente no número de fatores que influenciam a mudança: é provável que todas as explicações a serem propostas no futuro próximo serão *a posteriori*”. (WEINREICH, HERZOG, LABOV, 2006, p. 124).

Sabemos que nem toda variação linguística corresponde a mudança, porém, para que uma mudança linguística seja efetivada ela necessita passar por um processo de

variação. Diante disso, para esclarecer essas questões, Labov (1994) nos traz a conceituação de tempo real e tempo aparente. A primeira abordagem para estudar o processo de mudança linguística é o estudo em tempo aparente, através dele observamos a distribuição das variáveis linguísticas em diferentes faixas etárias, podendo identificar se determinadas variantes estão se implementando na comunidade de fala ou entrando em desuso, gerando o processo de mudança linguística.

Com relação ao estudo em tempo real, a análise é realizada através da observação de determinada variável em diferentes épocas. Para a realização do estudo em tempo real, Labov (1994) apresenta duas possibilidades, sendo a primeira comparar dados de estudos já realizados na comunidade de fala com dados atuais e a segunda seria retornar à comunidade de fala estudada e realizar um novo estudo, sendo realizado através do estudo de tendência ou estudo de painel.

Ao realizar o estudo de tendência, o pesquisador volta à comunidade pesquisada anteriormente depois de um determinado tempo para refazer o estudo utilizando a mesma metodologia, porém, com informantes aleatórios; já o estudo de painel, sendo mais complexo, o pesquisador deve voltar à comunidade e repetir o estudo, entrevistando os mesmos informantes da primeira amostra. Entretanto, Labov (1994) afirma que as condições para a execução destes trabalhos não são fáceis, uma vez que,

Os estudos de painel são caros; as perdas são pesadas; e poucas agências de financiamento apoiará um projeto nos 5 ou 10 anos necessários. É mais econômico basear um estudo de tendência e um estudo quantitativo anterior, mas é raro que os estudiosos, de 20 anos atrás, estivessem interessados nos problemas que nos ocupam. Ou que eles tenham resolvido todos os problemas no futuro. (LABOV, 1994, p. 44)⁷

Dado o exposto, entendemos que a variação/mudança linguística ocorre dentro da comunidade de fala, sendo condicionada não só por fatores linguísticos como também por fatores extralinguísticos. Entretanto, vale salientar que, apesar de passarem por processos semelhantes, nem toda variação implica em mudança linguística, mas toda mudança linguística implica em variação, tendo em vista que para chegar à mudança toda variante passa pelo processo de variação linguística.

⁷ Panel studies are expensive; losses are heavy; and few funding agencies will support a project over the required 5 or 10 years. It is more economical to base a trend study upon a previous quantitative study, but it is rare to find that scholars 5, 10, or 20 years ago were interested in the same problems that occupy us now, or that they went about solving them in the same way.

3.2 Teoria do Poder e da Solidariedade

Para que possamos discutir as relações existentes nas situações comunicativas através da observação do uso pronominal ou das formas de tratamento na comunidade de fala em estudo, também consideramos a Teoria do Poder e Solidariedade, de acordo com Brown e Gilman (1960), no texto *The Pronouns of Power and Solidarity*.

Os autores levantam reflexões sobre os pronomes de segunda pessoa utilizados na língua inglesa, porém, na atualidade, há apenas a forma *you* para referência à segunda pessoa, cabendo ao singular e plural, assim como a situações de maior ou menor formalidade. Entretanto, no inglês antigo, assim como no francês, no espanhol, entre outras línguas, existem dois pronomes para referenciar a segunda pessoa. Ao trazer estas considerações, os autores alegam também existir um pequeno número de estudos descrevendo a semântica detalhada dos pronomes ao longo de sua história.

Os autores retratam o desenvolvimento europeu dos pronomes de segunda pessoa que começou com *tu* e *vos* latino. Em italiano, eles se tornaram *tu* e *voi*; em francês, *tua* e *vous*; em espanhol, *tu* e *vos* (posteriormente *usted*); em alemão, iniciou-se com *du* e *Ihr* dando lugar a *er* e depois *sie*. Porém, por conveniência, os autores propuseram utilizar os símbolos T e V (do latim *tu* e *vos*).

Para Brown e Gilman (1960)

O que interessa a esses pronomes é sua estreita associação com duas dimensões fundamentais para a análise de toda a vida social – as dimensões do poder e da solidariedade. A análise semântica e estilística dessas formas nos leva à psicologia e à sociologia, bem como à linguística e ao estudo da literatura. (BROWN; GILMAN. 1960, p. 252)⁸

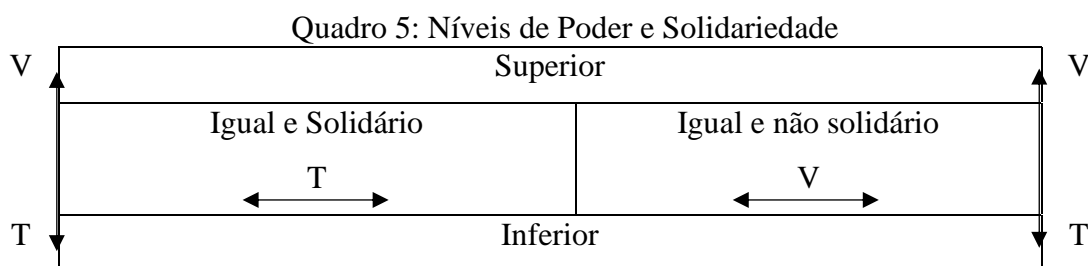
O poder pode ser compreendido como uma relação entre ao menos duas pessoas sem haver reciprocidade, no sentido de que ambos não podem deter poder numa mesma área do comportamento, desta forma, alguém que detém mais poder diz T e recebe V. Tal poder pode ser definido através de força física, riqueza, idade, sexo, entre outros, assim, cada indivíduo possui seu grau de poder na sociedade, estabelecido de acordo com as relações assimétricas.

Já a solidariedade, sendo recíproca, é estabelecida através das relações simétricas, não dependendo do grau de poder detido pelos falantes. O uso de V torna-se

⁸ The interesting thing about such pronouns is their close association with two dimensions fundamental to the analysis of all social life - the dimension of power and solidarity. Semantic and stylistic analysis of these forms takes us well into psychology and sociology as well as into linguistics and the study of literature.

mais provável à medida em que a solidariedade declina, já em relações recíprocas diz-se V ou T mutuamente, sendo o uso de T elevado à medida em que a solidariedade aumenta, ou seja, quanto maior o grau de intimidade entre os falantes, mais provável o uso de T.

Neste sentido, consoante a Teoria do Poder e da Solidariedade, a qual busca implementar um sistema bidimensional de análise, baseada numa dimensão de níveis de poder, superior/inferior e igual/solidário, podendo o último ser também igual/não solidário, observamos o quadro (5).



Fonte: Adaptado de Brown e Gilman (1960, p. 259)

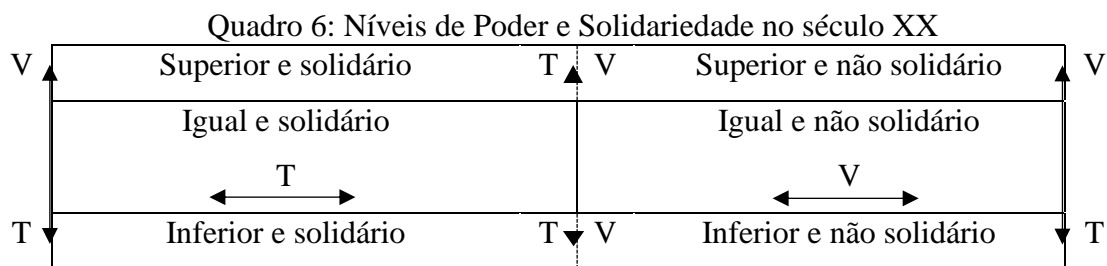
Assim sendo, entendemos que, quando houver níveis diferentes de poder, o falante utilizará V quando de inferior para superior, e T quando de superior para inferior, entretanto, quando houver mesmo nível de poder, sendo o falante igual e solidário utilizará T, e quando igual e não solidário V.

Neste sentido, assegura Brown e Gilman:

É a partir do longo tempo da semântica bidimensional que T deriva sua definição comum como o pronome da condescendência ou intimidade e V sua definição como o pronome da reverência ou formalidade. Essas definições ainda são atuais, mas o uso, de fato, foi além delas. (BROWN; GILMAN, 1960, p. 259)⁹

Desta forma, consoante o exposto, as definições da semântica do poder predominaram até o século XIX, contudo, com a mutabilidade semântica, tais definições evoluíram, havendo entre os falantes o aumento da solidariedade, sinalizando uma mudança no século seguinte, conforme o quadro (6) e (8).

⁹ It is from the long time of two-dimensional semantics that T derives its common definition as the pronoun of condescension or intimacy and V its definition as the pronoun of reverence or formality. These definitions are still current, but the use, in fact, went beyond them



Fonte: Adaptado de Brown e Gilman (1960, p. 259)

Observando o quadro (6), temos seis diferentes dimensões de análise, assim, quando superior e solidário o uso do falante indica T; quando superior e não solidário, o uso indica V; igual e solidário indica T; igual e não solidário indica V; inferior e solidário indica T; inferior e não solidário indica V.

O exposto no quadro (7) nos apresenta seis díades sociais as quais exemplificam o exposto acima, demonstrando, portanto, o uso das formas de tratamento em diferentes situações contextuais, assim, temos que

em cada caso, o uso em uma direção é não equívoco, mas na outra direção as duas forças são opostas. As três primeiras díades envolvem conflitos no discurso para os inferiores que não são solidários (categoria inferior direita no quadro (6)) e as próximas três díades envolvem conflitos no discurso para os superiores que são solidários (categoria superior esquerda no quadro (6)). (BROWN; GILMAN, 1960, p. 259)¹⁰

Quadro 7: Formas de tratamento utilizadas no século XIX

Cliente	Oficial	Empregador
T ↓ V ↑ V	T ↓ V ↑ V	T ↓ V ↑ V
Garçon	Soldado	Empregado
Pai	Mestre	Irmão mais velho
T ↓ T ↑ V	T ↓ T ↑ V	T ↓ T ↑ V
Filho	Servo Fiel	Irmão mais novo

Fonte: Adaptado de Brown e Gilman (1960, p. 260)

¹⁰ In each case usage in one direction is unequivocal but, in the other direction, the two semantic forces are opposed. The first three dyads in figure 2a involve conflict in address to inferiors who are not solidary (the lower right category of figure 1b), and the second three dyads involve conflict in address to superiors who are solidary (the upper left category in figure 1b)

A partir do quadro acima, podemos observar a assimetria existente nas relações expostas, assim, temos que as posições superiores são ocupadas por aqueles detentores de maior poder, podendo, de certa forma, controlar o comportamento do outro falante, mostrando que os falantes da parte inferior tendem a utilizar a forma V com seu interlocutor, tendo em vista que esta é considerada mais respeitosa.

No quadro (8), os autores expõem as formas de tratamento utilizadas no século XX, apresentando-se de maneira diferente do século XIX, observamos no quadro o uso de formas recíprocas utilizadas entre os interlocutores.

Quadro 8: Formas de tratamento utilizadas no século XX

Cliente	Oficial	Empregador
↕V	↕V	↕V
Garçom	Soldado	Empregado
Pai	Mestre	Irmão mais velho
T↕	T↕	T↕
Filho	Servo Fiel	Irmão mais novo

Fonte: Adaptado de Brown e Gilman (1960, p. 260)

No quadro acima, as formas T e V são utilizadas de maneira recíproca, havendo não só uma relação de maior solidariedade entre os interlocutores, mas também o uso mútuo de V entre cliente/garçom, oficial/soldado, empregador/empregado e uso mútuo de T entre pai/filho, mestre/servo fiel, irmão mais velho/irmão mais novo.

De modo geral, compreendemos que a Teoria do Poder e da Solidariedade está presente em todas as relações sociais entre os interlocutores e o tipo de relação existente entre eles determinam a semântica dos pronomes utilizados, assim, o uso de T ou V pode indicar maior ou menor formalidade/intimidade entre seus usuários.

3.3 Procedimentos metodológicos

3.3.1 Objetivos e Hipóteses

O objetivo de nosso estudo é analisar, conforme os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu/você/cê*, de forma a estabelecer uma correlação entre a sociedade e a estrutura linguística, entendendo assim sua realização. Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o intuito de responder as seguintes questões:

- i. Há variação dos pronomes *tu/você/cê* na amostra analisada?
- ii. Supondo a existência da variação, há condicionamento de fatores linguístico tais como concordância verbal, tipo de relato, tipo de referência e paralelismo pronominal?
- iii. Essa variação é condicionada pelas variáveis sociais sexo/gênero e faixa etária?
- iv. A relação existente entre os interlocutores influencia a escolha linguística?

Como respostas provisórias às questões acima formuladas, propomos as seguintes hipóteses:

- i. Partimos do pressuposto de que o pronome *tu* coexiste com o pronome *você* e *cê* na comunidade pesquisada;
- ii. Os fatores linguísticos como tipo de relato, tipo de referência, paralelismo formal e concordância verbal influenciam na escolha pronominal feita pelos falantes;
- iii. Os fatores sociais como sexo, faixa etária, relação entre sexos, relação entre faixa etária, relação entre os interlocutores e simetria e assimetria condicionam a escolha linguística;
- iv. A escolha linguística dos interlocutores é influenciada pelo tipo de relação existente entre eles, como a relação entre marido/mulher, amigo/amigo, irmão/irmão, vizinho/vizinho, conhecido/conhecido, mãe/filho, namorado/namorada.

Para confirmar ou refutar as hipóteses apresentadas acima, apresentamos os objetivos específicos que nortearam esta pesquisa:

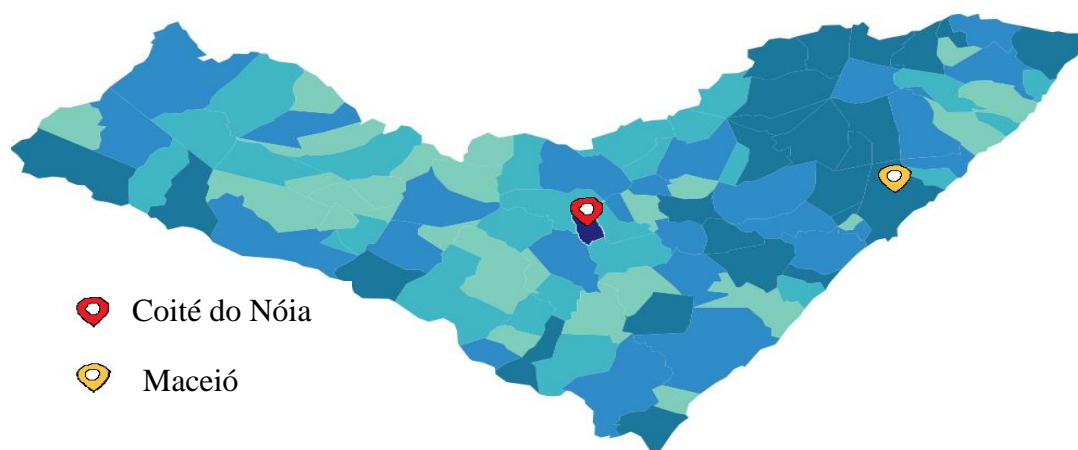
- i. Analisar se há variação dos pronomes *tu/você/cê* na amostra analisada;
- ii. Verificar a frequência de uso desses pronomes na comunidade pesquisada;
- iii. Descrever os fatores linguísticos e/ou sociais que condicionam as realizações de *tu/você/cê* em Coité do Nória (AL);

3.3.2 A comunidade de fala

De acordo com o estudo realizado por Santos (2014) e Salustiano (2015), Coité do Nóia, inicialmente chamado de Sítio Coité, antes de sua emancipação em 21 de setembro de 1963, pertencia ao município de Limoeiro de Anadia. De acordo com Salustiano (2015), a população do Sítio Coité era formada por índios e escravos, e famílias patriarcais. A base econômica girava em torno da agricultura, com plantações de algodão e mandioca, e da pecuária. O topônimo “Coité do Nóia” tem sua origem ligada à família Nóia, uma das primeiras famílias a instalar-se na região, como também ao fruto coité, o qual havia em abundância na localidade.

O município de Coité do Nóia está localizado na região central do estado de Alagoas, estando a 130 km de Maceió, capital alagoana. Inserido como mesorregião Agreste, o município ocupa uma área de 88,759 km².

Figura 1: Mapa de Alagoas



Fonte: Adaptado de IBGE

Coité do Nóia limita-se ao norte do município de Igaci, ao sul com Limoeiro de Anadia e Arapiraca, ao leste com Taquarana e ao oeste com Arapiraca e Igaci, como podemos observar na figura 2.

Figura 2: Limites do município



Fonte: Google Maps

Segundo os dados do último censo do IBGE¹¹/2010, o município possui população estimada de 10.926 habitantes, destes 3.737 residem na zona urbana e 7.189 na zona rural, a qual conta com 24 povoados, dentre eles utilizamos informantes pertencentes aos povoados Alagoinha, Poço da Abelha e Pereira Novo.

De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013)¹², a população do município é composta por 49,62% do sexo masculino e 50,38% do sexo feminino, o que corresponde, respectivamente, a 5.422 homens e 5.504 mulheres. Dentre estes, 29,06% possuem faixa etária menor que 15 anos, 62,68% possuem de 15 a 64 anos e 7,46% possuem 65 anos ou mais.

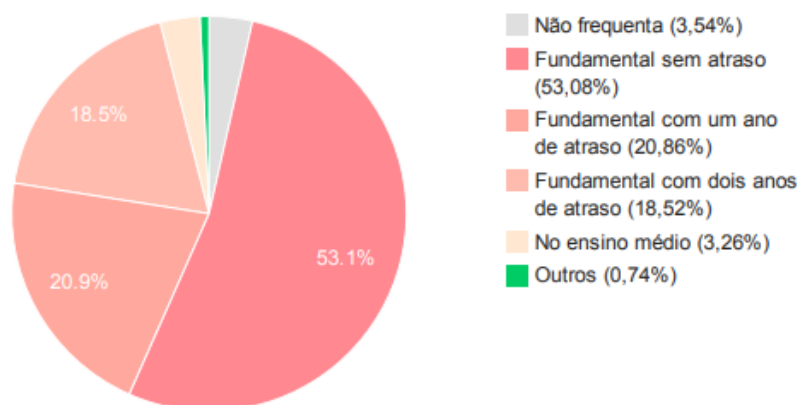
No que diz respeito à educação, no período de 2000 a 2010, o município apresentou grandes melhoras nos índices de escolarização, neste período a proporção de crianças, jovens e adultos frequentando a escola aumentou significativamente, apresentando crescimento de 339,45% de jovens entre 15 e 17 anos com ensino fundamental completo e 449,85% de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo. Apesar do crescimento, uma parte considerável da população não frequenta a

¹¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹² Informações baseadas de acordo com o censo demográfico IBGE/2010

escola, ou ainda não se encontra no nível escolar adequado para sua faixa etária, como podemos observar nos gráficos (3), (4), (5) e (6):

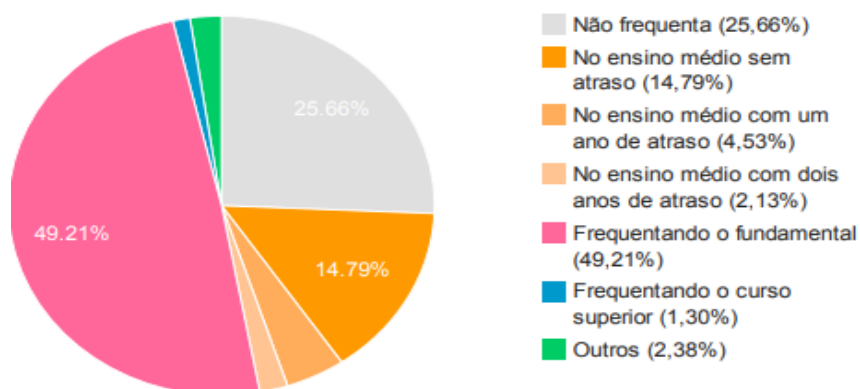
Gráfico 3: Frequência escolar de 6 a 14 anos – Coité do Nóia – AL - 2010



Fonte: Perfil do Município de Coité do Nóia, AL | Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, p. 10

A partir do gráfico 3, observamos que entre os estudantes que possuem de 6 a 14 anos de idade, 53% frequentam o ensino fundamental sem atraso, 20,86% frequentam o ensino fundamental com um ano de atraso, 18,52% frequentam o ensino fundamental com dois anos de atraso, 3,26% estão no ensino médio e apenas 3,54% não frequentam a escola. Esses resultados mostram que, em sua maioria, os estudantes frequentam a escola de acordo com a faixa etária adequada, entretanto, parte deles possuem atraso. Já os estudantes com faixa etária de 15 a 17 anos apresentam resultados diferentes, como observamos no gráfico 4.

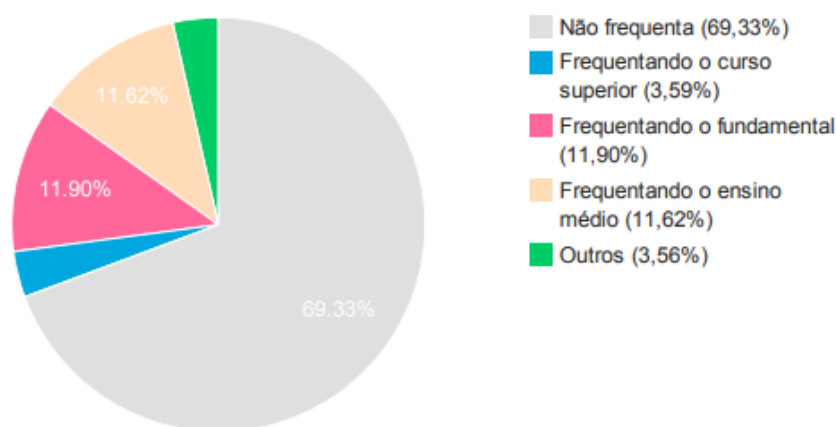
Gráfico 4: Frequência escolar de 15 a 17 anos – Coité do Nóia – AL – 2010



Fonte: Perfil do Município de Coité do Nóia, AL | Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, p. 10

Com o aumento da faixa etária, observamos algumas mudanças no que diz respeito a frequência escolar, como observamos no gráfico 4. Grande parte desses estudantes ainda frequenta o ensino fundamental, apresentando 49,21%, enquanto 14,79% frequentam o ensino médio sem atraso, 4,53% estão no ensino médio com um ano de atraso, 2,13% com dois anos de atraso, 1,30% frequentando cursos de nível superior. Entre os estudantes entre 15 e 17 anos chama a atenção o alto percentual de estudantes que não frequentam a escola, chegando a 25,66%, o que mostra que a medida em que a faixa etária cresce, aumenta também o número de evasão escolar.

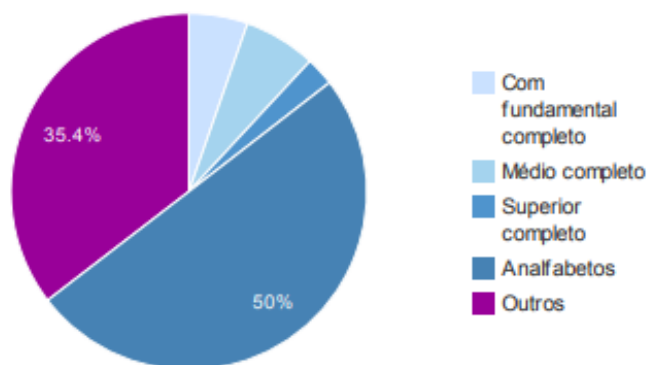
Gráfico 5: Frequência escolar de 18 a 24 anos – Coité do Nóia – AL – 2010



Fonte: Perfil do Município de Coité do Nóia, AL | Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, p. 10

O gráfico 5 apresenta dados que mostram que os indivíduos com faixa etária entre 18 a 24 anos, em sua maioria, não frequentam nenhuma instituição de ensino, estes representam 69,33%, enquanto 11,90% apresentam atraso escolar estando ainda no ensino fundamental, 11,62% frequentam o ensino médio e apenas 3,59% desses indivíduos frequentam instituições de ensino superior.

Gráfico 6: Frequência escolar de 25 anos ou mais – Coité do Nóia – AL – 2010



Fonte: Perfil do Município de Coité do Nóia, AL | Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, p. 11

Observando o gráfico 6, que apresenta a frequência escolar de indivíduos com 25 anos ou mais, constatamos que grande parte destes se enquadra como analfabetos, representando 50%, poucos indivíduos possuem nível fundamental completo, ensino médio completo ou ensino superior completo, sendo 35,4% enquadrados como outros. A partir dos gráficos expostos, observamos que grande parte da população do município apresenta-se como analfabetos ou com nível fundamental, sendo poucos os que possuem ensino médio ou superior completo. Sendo assim, para a realização de nosso estudo, optamos por analisar a fala de informantes que possuem como nível de escolaridade o ensino fundamental.

3.3.3 A amostra analisada

Para a realização de nosso estudo, adotamos a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; TARALLO, 2004; GUY; ZILLES, 2007), seguindo algumas etapas básicas, a saber, definição da variável dependente e variáveis independentes; delimitação da amostra da pesquisa; coleta, transcrição e quantificação dos dados; descrição e interpretação dos resultados obtidos.

Com o intuito de obter uma descrição aproximada da realidade linguística da comunidade de fala estudada, estabelecemos para a constituição da nossa amostra alguns critérios para a seleção dos informantes, a saber, estes deveriam ser naturais de Coité do Nóia sem afastamento da cidade por mais de cinco anos e possuir, como nível de escolaridade, o ensino fundamental.

As entrevistas foram realizadas com diálogos entre dois informantes (D2), pertencentes a cidade de Coité do Nóia (AL), com a presença da pesquisadora, gravadas a partir do consentimento dos informantes, realizado a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual elucida os propósitos científicos desta pesquisa. Para a obtenção dos dados dos informantes, utilizamos uma ficha social (anexo I) que continha as principais informações para a estratificação da amostra.

Os diálogos foram conduzidos pelos próprios informantes através de uma lista/guia de tópicos temáticos (anexo II) sobre temas diversos, como brincadeiras de infância, namoros, brigas, amigos, trabalho, relação com membros da família, de maneira a homogeneizar os dados para posterior comparação e provocar narrativas de fatos e experiências pessoais, uma vez que,

os estudos de narrativa pessoal tem demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com *o que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*. E é precisamente esta situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador-sociolinguista. (TARALLO, 2004, p. 22)

Para a realização deste estudo, estratificamos a amostra segundo as variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária, e delimitamos o número de informantes necessários para a obtenção de uma amostra representativa da comunidade estudada. Selecionamos 9 informantes por célula, obtendo 9 informantes do sexo feminino com faixa etária de 18 a 35 anos, 9 informantes do sexo masculino com faixa etária de 18 a 35 anos, 9 informantes do sexo feminino com faixa etária de 40 a 55 anos e 9 informantes do sexo masculino com faixa etária de 40 a 55 anos, totalizando 36 informantes.

O número de informantes foi escolhido de maneira que conseguíssemos estabelecer o diálogo entre os informantes, possibilitando a interação entre ambos os sexos e faixas etárias, conforme o quadro (9). Paralelo às entrevistas, realizamos a transcrição dos dados com o auxílio do programa computacional Express Scribe.

Quadro 9: Estratificação dos diálogos

DIÁLOGOS	
Feminino – 18 a 35 anos	Feminino – 18 a 35 anos
Feminino – 18 a 35 anos	Feminino – 18 a 35 anos

Masculino – 18 a 35 anos	Masculino – 18 a 35 anos
Masculino – 18 a 35 anos	Masculino – 18 a 35 anos
Feminino – 18 a 35 anos	Masculino – 18 a 35 anos
Feminino – 18 a 35 anos	Masculino – 18 a 35 anos
Feminino – 40 a 55 anos	Feminino – 40 a 55 anos
Feminino – 40 a 55 anos	Feminino – 40 a 55 anos
Masculino – 40 a 55 anos	Masculino – 40 a 55 anos
Masculino – 40 a 55 anos	Masculino – 40 a 55 anos
Feminino – 40 a 55 anos	Masculino – 40 a 55 anos
Feminino – 40 a 55 anos	Masculino – 40 a 55 anos
Feminino – 18 a 35 anos	Feminino – 40 a 55 anos
Feminino – 18 a 35 anos	Feminino – 40 a 55 anos
Masculino – 18 a 35 anos	Masculino – 40 a 55 anos
Masculino – 18 a 35 anos	Masculino – 40 a 55 anos
Feminino – 18 a 35 anos	Masculino – 40 a 55 anos
Feminino – 18 a 35 anos	Masculino – 40 a 55 anos

Fonte: elaborado pela autora

Foram coletados 18 diálogos que continham duração média de 10 a 15 minutos cada, gerando um total de 3 horas e 28 minutos de gravações. Como apresentado no quadro 9, estratificamos os diálogos de forma que pudéssemos controlar a interação entre os diferentes sexos e faixas etárias, uma vez que acreditamos que a relação entre os sexos, relação entre as faixas etárias e o tipo de relação existente entre os interlocutores condicionam o uso da forma linguística escolhida por eles.

Nossa coleta de dados ocorreu entre maio e setembro de 2018, sendo realizada não só na zona urbana como também na zona rural no município de Coité do Nóia. O

contato com os informantes ocorreu, em sua maioria, em três momentos diferentes. No primeiro momento, realizamos o convite ao informante para que ele participasse da coleta e, para formar diálogos, pedíamos sugestão de outro informante que se encaixasse em nossa estratificação que pudesse conversar com ele, sendo escolhidos pais, amigos, primos, esposos, namorados, vizinhos e conhecidos, em seguida, entrávamos em contato com o segundo informante pedindo sua colaboração com a pesquisa. Após ambos aceitarem, marcávamos um terceiro momento para que houvesse a realização do diálogo em local escolhido pelos próprios informantes.

Antes de iniciarmos a gravação, apresentávamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pedindo a assinatura de consentimento de ambos os informantes e preenchíamos a ficha social deles. Após este procedimento, apresentávamos a lista de palavras que seriam o roteiro do diálogo para que os informantes se familiarizassem e tirassem possíveis dúvidas. A pedido dos informantes, na maioria dos diálogos, a pesquisadora deixava o gravador com um deles e se afastava para que se sentissem mais à vontade e não houvesse inibição enquanto conversavam.

Após as transcrições das entrevistas, analisamos a amostra obtida e selecionamos os dados importantes para a constituição de nosso *corpus*, observando todas as ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, considerando as formas *tu*, *você* e *cê* expressas.

3.3.4 Variável dependente e variáveis independentes

Em nosso estudo, buscamos analisar a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, para tanto compreendemos que a variação linguística não ocorre de maneira aleatória, mas através do condicionamento de determinados grupos de fatores, estes chamados também de variáveis independentes, sendo elas linguísticas e/ou extralinguísticas. Para a realização de nosso estudo, delimitamos como variável dependente as formas pronominais de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *cê*, como podemos observar nos exemplos (5), (6) e (7).

(5) E.. *tu* ainda tá fazendo zumba? L2

(6) Vai - *você* foi pra Arapiraca esses dia? L11

(7) *Cê* num deixou eu segurar a menina, meu Deus do céu. L1

No que diz respeito às variáveis independentes, compreendemos que tanto as variáveis linguísticas quanto as variáveis extralinguísticas não atuam de maneira isolada, mas de forma conjunta estabelecendo correlações que podem favorecer ou inibir o emprego das variantes. Sendo assim, para nossa análise, selecionamos dez grupos de fatores linguísticos e sociais considerados relevantes em outros estudos sociolinguísticos, a saber, sexo, faixa etária, tipo de relato, tipo de referência, paralelismo pronominal, relação entre sexos, relação entre faixas etárias, tipo de relação entre os interlocutores, relação simétrica ou assimétrica e concordância verbal.

Com relação à variável sexo, os estudos sociolinguísticos têm mostrado que homens e mulheres optam por escolhas diferentes em relação à fala, mostrando que mulheres são mais conservadoras do que os homens e, por isso, tendem a usar as variantes que são prestigiadas socialmente, conforme Labov

Na fala monitorada as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio. Elas mostram isso numa linha inclinada da alternância estilística, sobretudo no extremo mais formal do espectro. [...]. As mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. (LABOV, 2008, p. 281-282)

A diferença entre os usos linguísticos escolhidos por homens e mulheres vai além de suas diferenças biológicas, sendo condicionada pelos valores e comportamentos impostos na sociedade. De acordo com Labov (2008, p. 348), “a diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos [...] mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para o outro”. Cabe lembrar que a sociedade vive em constante mudança, e os papéis sociais de homens e mulheres vem mudando, com isso, acreditamos que tais mudanças refletem também mudanças ocorridas no uso da língua.

Por ser uma variável amplamente utilizada em estudos sociolinguísticos, analisamos o sexo, acreditando que este será um fator importante para o condicionamento linguístico das variáveis analisadas em nosso estudo. Também pressupomos que as mulheres serão mais favoráveis ao uso do pronome *você*, uma vez que, segundo dados de produção, mesmo sendo a variante não padrão, não há estigma quanto ao uso desse pronome, sendo, assim, mais favorecido pelas mulheres.

A faixa etária mostra-se como um dos grupos de fatores mais importantes nos estudos sociolinguísticos, tendo em vista que, no controle dessa variável, podemos compreender o processo de mudança linguística, podendo observar como a variação se comporta no sistema linguístico sobre um determinado tempo. Assim,

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso. (TARALLO, 2004, p. 65)

No estudo realizado em três lojas de departamento de Nova York, Labov (2008) observa que os jovens preferem as variantes que apresentam marcas de prestígio e as formas inovadoras. Desta forma, quando a variante é mais frequente entre os falantes mais jovens, e menos usual entre os informantes mais velhos, há um indício de mudança em progresso, uma vez que os mais jovens são mais propensos a aderirem mudanças enquanto os mais velhos tendem a ser mais conservadores.

Com isso, buscamos observar como a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular ocorre na língua no que diz respeito à faixa etária. Para tanto, selecionamos duas faixas etárias, a saber, de 18 a 35 anos os quais tratamos como jovens e de 40 a 55 anos os quais tratamos como adultos e partimos do pressuposto de que os falantes mais jovens favorecerão mais o uso do pronome *tu*.

O tipo de relação entre os interlocutores diz respeito à relação/grau de intimidade existente entre eles. De acordo com Wardhaugh (2002), as escolhas linguísticas que o falante realiza durante a interlocução está diretamente ligada ao tipo de relação existente com seu interlocutor. Nos termos de Brown e Gilman (1960), as relações de *poder* e *solidariedade*, assim como a intimidade e o distanciamento podem condicionar as formas de tratamento a serem utilizadas.

Para a realização deste estudo, escolhemos esta variável por acreditar que o tipo de relação existente seja determinante na escolha das formas pronominais utilizadas, uma vez que para as escolhas linguísticas devemos observar não só o que se fala, como também para quem se fala. Para tanto, procuramos distribuir os diálogos de forma que houvesse interação considerando o sexo, sendo homem/homem, mulher/mulher, homem/mulher, como também considerando a faixa etária, sendo jovem/jovem, adulto/adulto, jovem/adulto. Também consideramos as seguintes relações: marido / mulher, amigo(a) / amigo(a), irmão(a) / irmão(a), vizinho(a) / vizinho(a), conhecido(a) /

conhecida(a), que podem ser consideradas tanto relações simétricas como relações assimétricas.

Desta forma, acreditamos que essa variável será condicionante em nosso estudo, mostrando que, em relações onde há mais solidariedade, a forma preferida será o pronome *tu* enquanto, em relações com menor solidariedade e maior poder, o uso preferido será o do pronome *você*.

No que diz respeito à variável tipo de relato, levamos em consideração a fala do informante realizando um relato próprio, quando conversa diretamente com seu interlocutor ou um relato de terceiros, quando, ao se dirigir ao seu interlocutor, retoma um discurso anterior produzido por outra pessoa, como podemos observar no exemplo (8) e (9).

(8) Ah - ja levei tanta cantada - pelo amor de Deus - uma era assim - ei seu pai é mecânico? ai eu - não por que? porque *você* é uma graxinha (risos). L7

(9) Eu tenho uma amiga que ela diz que o melhor amigo que *você* pode ter é um gay. L2

Acreditamos que, em nosso estudo, a variável tipo de relato apresentará significância, sendo o pronome *tu* mais recorrente em discursos com relato próprio e o pronome *você* será mais recorrente em discursos em que houver relato de terceiros.

Outra variável escolhida para nosso estudo foi a concordância verbal. Para tanto, entendemos como concordância de segunda pessoa do singular aquela posta pela gramática tradicional, ou seja, tomando como exemplo o verbo *andar*, temos então *tu andas*, já no que diz respeito às formas *você* e *cê*, consideramos a seguinte realização da concordância *você anda*, *cê anda*. Com isso, cremos que, em nosso estudo, o pronome *tu* concordará com o verbo em segunda pessoa do singular, enquanto o pronome *você* terá suas realizações concordando com o verbo em terceira pessoa do singular.

O paralelismo pronominal diz respeito à tendência que o falante possui em repetir determinada forma ao longo de seu discurso, sendo a primeira forma utilizada condicionadora das formas seguintes. De acordo com Scherre (1998, p. 30),

A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra

(plano da palavra). Recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, ela é hoje bastante conhecida como paralelismo linguístico.

Desta forma, consideramos que o paralelismo pode ocorrer de quatro maneiras, a saber, realização isolada, quando há a existência de apenas uma forma no discurso, como podemos observar no exemplo (10); primeiro da série, como a primeira forma que aparece no discurso, como podemos observar no exemplo (11); antecedido por *tu*, quando a forma posterior é antecedida por *tu*, como podemos observar no exemplo (12); antecedida por *você*, quando a forma posterior for antecedida por *você*, como podemos observar no exemplo (13); e antecedida por *cê*, quando a forma posterior for antecedida por *cê*, como podemos observar no exemplo (14).

(10) É.. cê tá muito certa L1

(11) Eu trabalho --- ajudando meu pai - trabalho lá trabalhanu - e *você*? -- você trabalha de alguma coisa?

(12) Tu tem algum sonho? Eu tenho um sonho - tu tem sonho? L3

(13) Ah - ele é gente boa - você vai - ele vai dá aula hoje pra você? L10

(14) Porque eu tenho umas encomenda pra fazê aí eu preciso que cê vá pra Arapiraca pra mim fazê um - uma encomenda - aí é um trabalho que a menina me pediu - aí eu preciso comprá umas coisa pra terminá o resto do trabalho - cê num vai não? L5

Isso significa considerar que o pronome *tu* será mais favorecido em contextos antecedido pelo pronome *tu* e o pronome *você* será mais favorecido em contextos antecedidos pelo pronome *você*, mostrando, assim, a relevância desta variável para a variação *tu* e *você* na comunidade em estudo.

3.3.5 Rodada no GoldVarb X

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008) é também chamada de Sociolinguística Quantitativa por dar tratamento estatístico e probabilístico aos dados linguísticos e extralinguísticos variáveis. De acordo com Labov (2008), para que possamos formular um esquema de regras, é preciso que tenhamos uma metodologia adequada para que possamos quantificar os fatores, assim, a realização de

análises quantitativas permite que estudemos a variação de forma a sistematizá-la e encaixá-la de acordo com o contexto linguístico e social.

Para a análise de nossos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E., 2005), o qual gera resultados associados a pesos relativos que nos permitem saber quais fatores são estatisticamente significativos para a variável dependente estudada.

Para a realização da análise da variável linguística através do programa, é necessário realizar algumas etapas, a saber, constituição da amostra, planejamento de um sistema analítico mediante a definição da variável dependente e das variáveis independentes; seleção dos dados; eliminação das ocorrências que não se enquadram no estudo e preparação do arquivo de ocorrências.

Sendo assim, conforme exigido pelo programa, seguimos os passos elencados acima e, ao realizar a rodada dos dados, o programa realizou o tratamento estatístico das nossas variáveis, permitindo que conseguíssemos observar a frequência de uso e o peso relativo de cada fator, nos mostrando a relevância estatística de cada variável controlada na análise da variação *tu* e *você* na comunidade de fala de Coité do Nóia/AL.

4 ANÁLISE DOS DADOS DE TU E VOCÊ/CÊ

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise dos dados correspondentes à variação entre *tu* e *você/cê*. Para tanto, focalizamos nos dados da variável dependente e das variáveis independentes, mostrando tanto os resultados das variáveis consideradas pelo programa como estatisticamente significativas, a saber, relação entre as faixas etárias, paralelismo pronominal, relação entre sexo e sexo, bem como o resultado da variável não significativa faixa etária. Também apresentamos os dados das variáveis que apresentaram nocautes na rodada estatística, a saber, tipo de relato, tipo de referência, tipo de relação entre os interlocutores e relações simétricas e assimétricas.

4.1 Variável Dependente

Considerando a existência da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu/você*, após a análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 520 realizações encontradas na amostra da comunidade de fala analisada, que representam 57 realizações do pronome *tu* e 397 realizações do pronome *você/cê*. Esses dados nos mostram percentuais de 11% de *tu* contra 89% de *você/cê*, como podemos observar no gráfico (7), revelando, assim, que, na comunidade de fala estudada, apesar da variação entre as duas formas, o uso da variante *você* é mais elevado.

Gráfico 7: Distribuição geral de *tu* e *você*



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Labov (2003), esses resultados apresentam dados que definem a variação em estudo como uma regra variável. Segundo o autor, há três tipos de regras linguísticas: regra categórica, que apresenta uma frequência de 100%, regra semicategórica, que apresenta frequência entre 95-99% e regra variável, que apresenta frequência entre 5-95%. De maneira geral, os estudos realizados por Mota (2008), Alves (2010), SANTOS (2012) e Nogueira (2013) corroboram nossos resultados, uma vez que, apesar da ocorrência das duas formas pronominais, há uma tendência maior para que o falante utilize o pronome *você* ao referenciar-se ao seu interlocutor.

Se levarmos em consideração o mapeamento sociolinguístico proposto por Scherre et al. (2015), observamos que os resultados se enquadram no sexto subsistema – *você/tu: tu* de 1% a 90% sem concordância. De forma geral, esse subsistema deixa de ocorrer somente na região Sul, sendo apresentado em todas as outras regiões do país. Nesse subsistema, os percentuais de uso das formas *você/cê/ocê* e *tu* podem variar a depender das variáveis linguísticas e sociais analisadas, sendo o contexto interacional de suma importância na escolha de uma ou outra forma, assim, as escolhas linguísticas podem variar também de acordo com a metodologia de coleta adotada para a pesquisa.

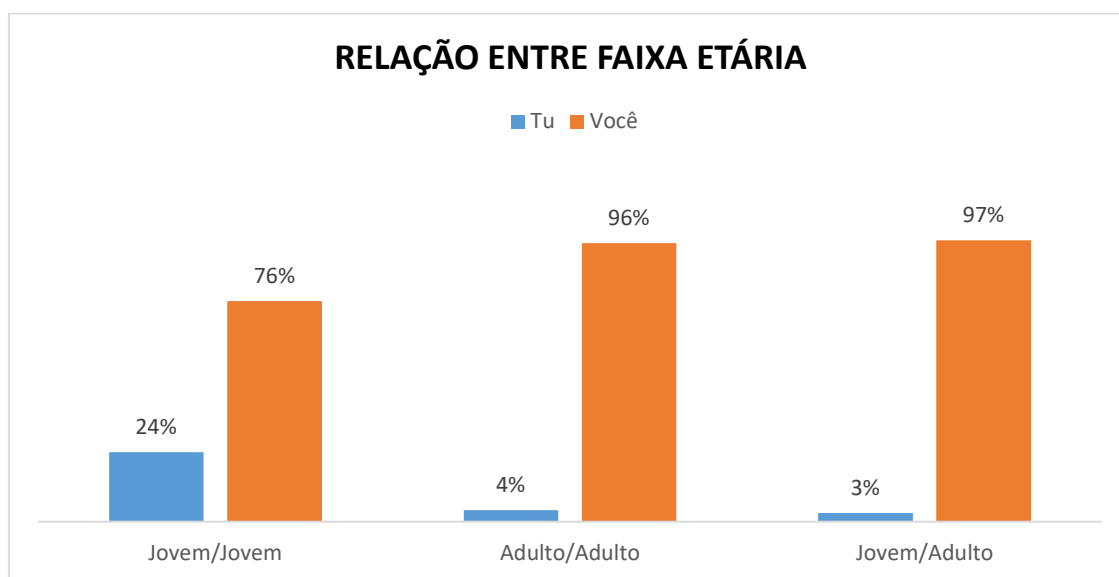
4.2 Variáveis Independentes

4.2.1 Variáveis estatisticamente significativas

4.2.1.1 Relação entre faixas etárias

Buscamos em nosso trabalho analisar como as escolhas linguísticas dos falantes são realizadas observando a relação entre sua faixa etária e a de seu interlocutor, uma vez que as escolhas linguísticas podem ser alteradas a depender da faixa etária que o falante possui e a de seu interlocutor, podendo haver diferenças quando há a relação entre faixas etárias iguais e faixas etárias diferentes.

Para nossa análise, selecionamos três grupos de fatores, a saber, jovem/jovem, adulto/adulto e jovem/adulto. Desta forma, pressupomos que, em relações de maior solidariedade, ou seja, em relações de igual para igual, como na relação entre jovem/jovem, o uso do pronome *tu* seria mais elevado, enquanto que, em relações com menor solidariedade e mais poder, esse uso seria reduzido. No gráfico 8 e na tabela 8, podemos observar como a variação ocorreu de acordo com essa variável.

Gráfico 8: *Tu* e *você* na relação entre as faixas etárias

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 8: *Tu* e *você* na relação entre as faixas etárias

	TU			VOCÊ			Total
	Ocorrências	Perc.	PR	Ocorrências	Perc.	PR	
Jovem/jovem	45	24%	0,55	143	76%	0,45	188
Adulto/adulto	8	4%	0,70	191	96%	0,30	199
Jovem/adulto	4	3%	0,17	129	97%	0,83	133

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os dados obtidos, percebemos que, apesar do pronome *você* apresentar-se com maior percentual nos três fatores, em relações entre as faixas etárias iguais, como jovem/jovem e adulto/adulto, há uma tendência maior para que ocorra o uso do pronome *tu*. Sendo a primeira variável considerada como estatisticamente significativa, as relações jovem/jovem e adulto/adulto apresentaram maior peso relativo (PR) de *tu*, com respectivamente, 0,55 e 0,70, enquanto a relação jovem/adulto teve seu PR mais elevado com o pronome *você*, apresentando 0,83.

Esses resultados nos mostram que há uma tendência para que em relações entre iguais, como jovem/jovem e adulto/adulto, ou seja, em relações assimétricas, ocorra o pronome *tu*, enquanto, na relação jovem/adulto, a probabilidade maior é que ocorra o uso do pronome *você*. Esses dados confirmam nossa hipótese de que a escolha pronominal de segunda pessoa do singular pode ser condicionada pela relação existente

entre as faixas etárias, uma vez que jovens e adultos tendem a se comunicar de maneiras diferentes, favorecendo o uso de formas que marquem um maior distanciamento.

4.2.1.2 Paralelismo pronominal

De acordo com Omena (1996, 2003) e Lopes (1998), o paralelismo formal diz respeito à tendência de o falante repetir a mesma forma na sequência de seu discurso, considerando que a escolha de uma forma condiciona as realizações seguintes, ocasionando a repetição da mesma forma pronominal. O estudo de Loregian-Penkal e Menon (2012) demonstra que há uma tendência de os pronomes manterem o princípio geral do paralelismo, ou seja, acredita-se que uma marca leva a sua repetição no decorrer do discurso (cf. SCHERRE, 1998).

Para análise dessa variável, selecionamos os fatores realização isolada, como podemos observar no exemplo (15), primeiro da série, como podemos observar no exemplo (16), antecedido por *tu*, como podemos observar no exemplo (17) e antecedida por *você/cê*, como podemos observar no exemplo (18).

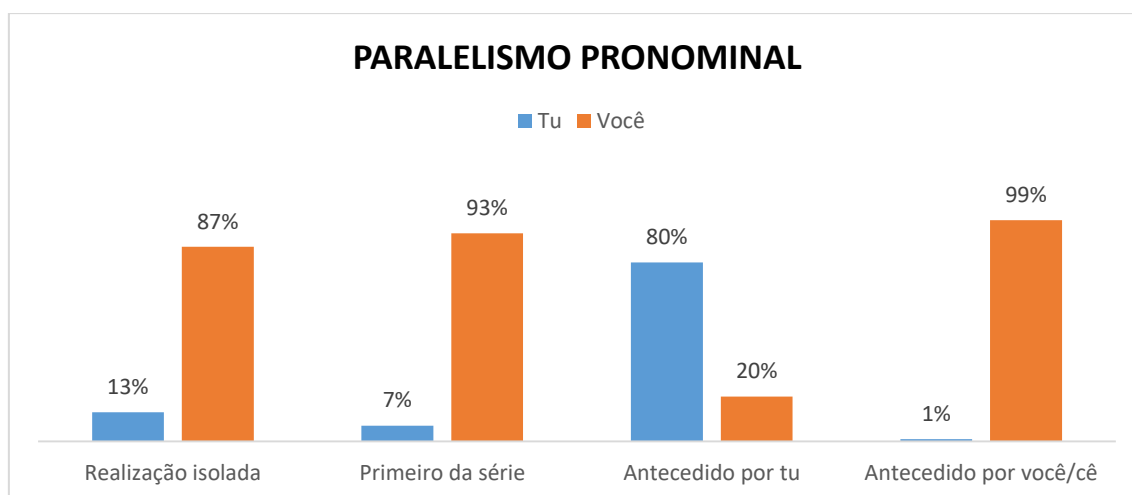
(15) Bom -- e você faz o que? L34

(16) É:: no estudo que você estudou você aprendeu alguma coisa no passado? L24

(17) Na sala de aula - tu lembra disso assim? tu se lembra ainda? na sala de aula ai chegava a diretora todo mundo se levantava pra aplaudir que ela chegou oia. L30

(18) O meu - o meu também foi bem bem puxado - bem é - a sua profissão que você exerce - é - você gosta dela? L24

Gráfico 9: *Tu* e *você* de acordo com o paralelismo pronominal



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 9: *Tu* e *você* na relação ao paralelismo pronominal

	TU			VOCÊ			Total
	Ocorrências	Perc.	PR	Ocorrências	Perc.	PR	
Realização isolada	47	13%	0,64	306	87%	0,36	353
Primeiro da série	5	7%	0,43	64	93%	0,57	69
Antecedido por tu	4	80%	0,98	1	20%	0,02	5
Antecedido por você/cê	1	1%	0,97	92	99%	0,03	93

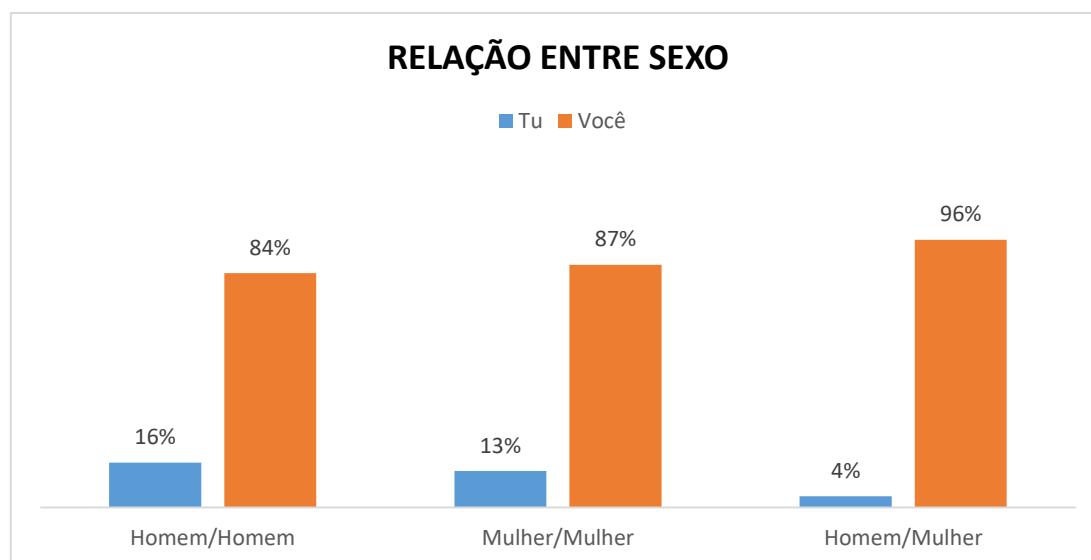
Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar no gráfico 9 e na tabela 9, os resultados mostram que a primeira forma pronominal escolhida condiciona as formas seguintes. Desta forma, observamos que o pronome *tu* apresenta maior frequência de uso no fator antecedido por *tu* com 80% das realizações, enquanto o pronome *você/cê* apresenta 99% de uso no fator antecedido por *você/cê*. Esse dados nos mostram o mantimento do princípio geral do paralelismo, que, de acordo com Scherre (1998), uma marca leva a sua repetição.

4.2.1.3 Relação entre sexos

Para melhor compreensão do uso dos pronomes *tu* e *você*, analisamos a relação existente entre os informantes considerando a relação entre a variável o sexo, a fim de verificar se há diferenças no uso desses pronomes ao ser realizada a referência à segunda pessoa em relação ao sexo dos informantes. Para tanto, selecionamos três fatores, a saber, mulher/mulher, homem/homem e de homem/mulher e pressupomos que homens e mulheres adotem comportamentos diferentes ao se direcionarem a interlocutores do mesmo sexo e de sexo diferente, como aquela relação entre falantes do mesmo sexo favorecendo mais o uso do pronome *tu*.

Gráfico 10: *Tu* e *você* na relação entre sexos



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 10: *Tu* e *você* na relação entre sexos

	TU			VOCÊ			Total
	Ocorrências	Perc.	PR	Ocorrências	Perc.	PR	
Homem/Homem	24	16%	0,55	126	84%	0,45	150
Mulher/Mulher	27	13%	0,66	175	87%	0,34	202
Homem/Mulher	6	4%	0,26	162	96%	0,74	168

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar no gráfico (10) e na tabela (10), o uso do pronome *tu* foi mais elevado em relações em que o sexo dos informantes são iguais, ou seja, no tratamento de homem/homem e mulher/mulher os informantes tendem a fazer mais uso deste pronome, apresentando PR de 0,55 nas relações homem/homem e 0,66 nas relações mulher/mulher. Na relação homem/mulher, *tu* apresenta apenas 0,26, evidenciando que o seu uso pode ser considerado como pronome mais simétrico e solidário, uma vez que é mais utilizado entre informantes do mesmo sexo.

No que diz respeito ao pronome *você*, apesar de apresentar percentuais de uso mais elevados em todos os grupos de fatores, observamos que, em relações assimétricas, nas quais há distinção de poder, nos termos de Brown e Gilman (1960), há uma tendência para que ocorra o uso do pronome *você*, apresentando PR de 0,74 na relação homem/mulher, enquanto seu uso tende a ser reduzido ao tratarmos de relações entre iguais com PR 0,45 em homem/homem e 0,34 em mulher/mulher.

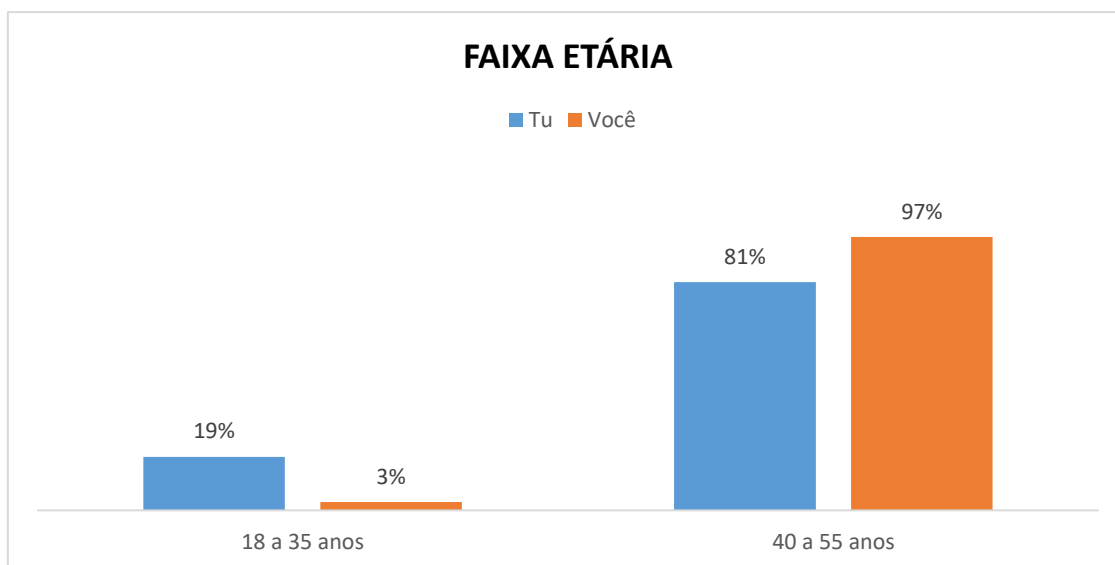
Esses resultados nos mostram que há uma probabilidade maior para que o uso do *tu* ocorra em relações entre iguais, sobretudo nas relações entre mulheres, enquanto o

you apresenta maior probabilidade em ocorrer nas relações entre sexos diferentes, caracterizando como uma relação assimétrica. Acreditamos que esses resultados se dão por, em relações entre iguais, existir maior solidariedade, o que ocasiona o uso de T, e em relações entre diferentes, por existir maior relação de poder, ocasiona o uso de V.

4.2.1.4 Faixa etária

Apesar de selecionada como a última variável estatisticamente significativa na variação *tu* e *you*, a faixa etária é de suma importância para a análise de fenômenos variáveis a partir da Sociolinguística Variacionista, pois sendo o estudo em tempo aparente ou em tempo real, poderemos verificar se a variação linguística corresponde a uma variação estável ou se corresponde a uma mudança em progresso. Sendo assim, nosso estudo segue o viés de tempo aparente (LABOV, 2008). Para análise dos dados, selecionamos duas faixas etárias, a saber, 18 a 35 anos e 40 a 55 anos e acreditamos que os falantes mais jovens favorecem mais o uso do pronome *tu*.

Gráfico 11: *Tu* e *you* em relação a faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 11: *Tu* e *you* em relação a faixa etária

	TU			VOCÊ			Total
	Ocorrências	Perc.	PR	Ocorrências	Perc.	PR	
18 a 35 anos	49	19%	0,80	204	81%	0,20	253
40 a 55 anos	8	3%	0,20	259	97%	0,80	267

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os resultados obtidos, no que diz respeito à forma pronominal *tu*, verificamos que, a primeira faixa etária (18 a 35 anos) apresenta um percentual de 19% com PR 0,80 e a segunda faixa etária (40 a 55 anos) apresenta um percentual de apenas 3% com PR 0,20. Em relação ao *você*, percebemos que os percentuais foram mais elevados, com mais realizações, representando 81% com PR 0,20 para os informantes de 18 a 35 anos e 97% com PR 0,80 para os informantes de 40 a 55 anos.

Nossos resultados mostram que *você* é mais frequente em ambas as faixas etárias, com os informantes da faixa etária de 40 a 55 anos fazendo mais uso dessa variante. Já a forma pronominal *tu* apresenta, no geral, um baixo percentual de uso, porém, entre as faixas etárias analisadas, notamos que seu uso é maior entre os mais jovens com faixa etária – 18 a 35 anos, mostrando que os falantes dessa faixa etária é mais propenso a utilizar a variante considerada menos formal.

Ao observarmos os pesos relativos expostos em nossos resultados, conforme tabela 11, temos que há maior probabilidade do pronome *tu* ocorrer entre os mais jovens – 0,80, enquanto o *você* apresenta maior peso relativo entre os mais velhos – 0,80. Sendo assim, percebemos que, se há indícios de mudança linguística em progresso, essa mudança está na implementação da variante *tu* na comunidade em estudo.

Nossos resultados corroboram com as análises de Dias (2007), Mota (2008), Paredes Silva (2008), Andrade (2010) e Alves (2010), tendo em vista que esses autores também apontam os mais jovens como favorecedores do pronome *tu*, mostrando que esta variante pode estar se implementando aos poucos na comunidade de fala.

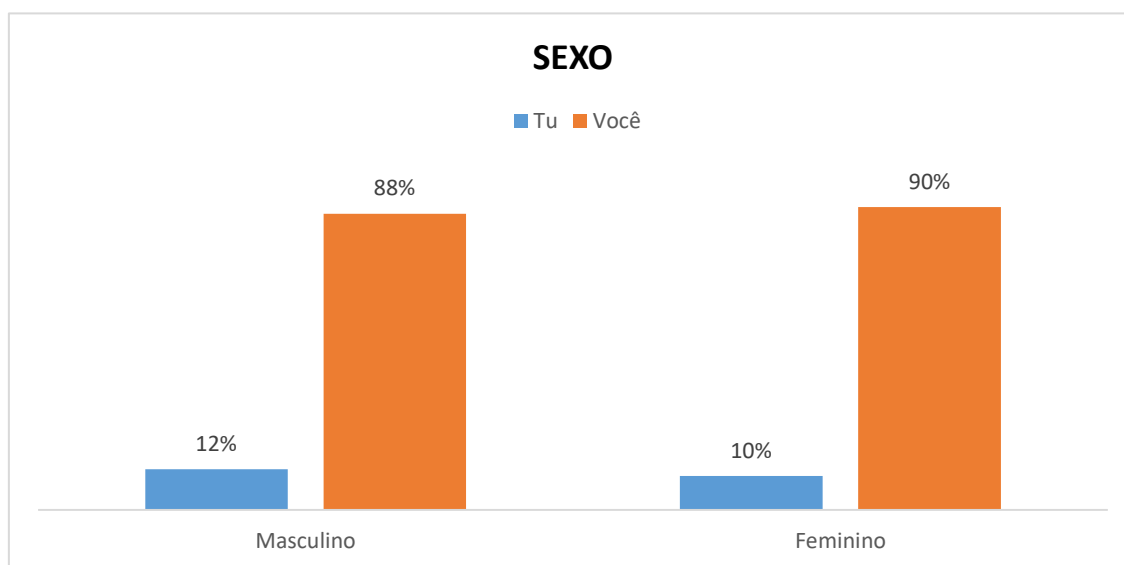
4.2.2 Variáveis estatisticamente não significativas

4.2.2.1 Sexo

Apesar de ser descartada pelo programa por não apresentar resultados estatisticamente significativos, consideramos a variável sexo importante em nosso trabalho, uma vez que esta variável é frequentemente utilizada nos estudos sociolinguísticos, pois, acredita-se que o sexo/gênero do informante pode vir a favorecer o uso de determinada forma. Mollica (2013, p. 34) afirma que as mulheres tendem a

utilizar uma linguagem mais conservadora. Dessa forma, acreditamos que o pronome *tu* será mais frequente na fala de informantes do sexo masculino.

Gráfico 12: *Tu e você* na faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 12: *Tu e você* no sexo

	TU		VOCÊ		Total
	Ocorrências	Perc.	Ocorrências	Perc.	
Masculino	26	12%	186	88%	212
Feminino	31	10%	277	90%	308

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar na tabela 12 e no gráfico 12, no que diz respeito à variante *tu*, podemos observar um percentual de realizações de 10% no sexo feminino e 12% no sexo masculino. Já em relação à variante *você*, observamos um percentual de realizações 88% no sexo/gênero masculino e 90% no sexo/gênero feminino, o que nos mostram que homens e mulheres apresentam um mesmo comportamento linguístico em relação à realização da variação *tu* e *você* na comunidade de fala pesquisada.

No que diz respeito ao uso do pronome *tu*, apesar de haver um comportamento semelhante entre homens e mulheres, mas com um percentual um pouco maior de aplicação de uso do pronome *tu* entre os falantes masculinos, nossos resultados podem se assemelhar aos resultados apresentados por Lucca (2005), Dias (2007), Paredes Silva

(2008) e Andrade (2010), que mostram que, com relação à variação *tu* e *você*, há uma tendência maior para que os informantes do sexo masculino beneficiem o uso do *tu*.

4.2.3 Variáveis que apresentaram nocautes

Ao realizarmos a rodada dos dados, tivemos alguns grupos de fatores que apresentaram nocaute, a saber, tipo de relato, concordância verbal, paralelismo pronominal, tipo de relação entre os interlocutores, relações simétricas e assimétricas, desta forma, precisamos retirá-los da rodada dos dados para realizar uma nova rodada dos dados no programa. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 158),

Um nocaute, na terminologia Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente. [...] Esses casos são chamados de nocautes porque, em tal contexto, o valor desse fator se sobrepõe ao efeito de qualquer outro contexto presente; quaisquer que sejam os outros fatores presentes, o resultado vai ser sempre 0% ou 100% de aplicações do processo indicado pelo nocaute. Os outros efeitos de contexto, portanto, são postos fora do ringue. Esses contextos são um problema analítico para a rotina do Varbrul, porque a matemática da análise inclui cálculos em que, num dado momento, se procede a uma divisão pela fração de aplicações e, noutro momento, pela frações de não-aplicações. Se uma dessas frações é equivalente a zero, cria-se a violação de um princípio básico da matemática de números reais: não se pode dividir por zero. Portanto, qualquer nocaute nos dados tem que ser excluído dos cálculos de pesos relativos.

Apesar dos nocautes apresentados nessas variáveis, consideramos de suma importância expô-las em nosso trabalho, uma vez que elas vem sendo utilizadas em trabalhos sociolinguísticos anteriores e apresentando resultados significativos em outras regiões e, como afirmam Guy e Zilles (2007, p. 158), “dados categóricos devem ser relatados, e seu papel em processos de mudança, especialização de significado ou de função merece ser discutido”.

4.2.3.1 Tipo de relato

A primeira variável a apresentar nocaute diz respeito ao tipo de relato. Para analisar esta variável, selecionamos dois grupos de fatores: relato próprio ou relato de terceiros. Sendo assim, consideramos relato próprio toda fala na qual o informante estabelece um diálogo direto com o seu interlocutor estabelecendo uma interação verbal, como podemos observar nos exemplos (19) e (20). Enquanto o relato de terceiros ocorre

quando o informante reproduz uma fala anterior mencionada por outra pessoa, remetendo-se a um diálogo ocorrido em um momento oposto com outro interlocutor, reproduzindo o discurso, como podemos observar nos exemplos (21) e (22).

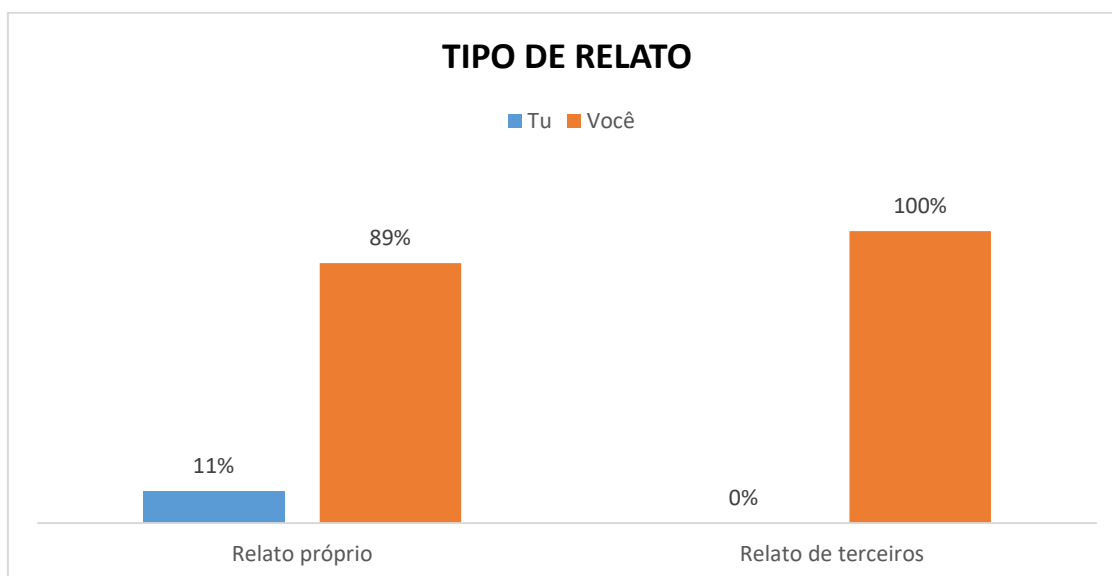
(19) Ta certo - você é o cara - de que eu num sei - mas é o cara -- teve alguma namorada? L30

(20) É:: - é isso - é:: -- é:: novela tu assiste novela? tem muita novela de noite - novelinha boa né?

(21) Ah - ja levei tanta cantada - pelo amor de Deus - uma era assim - ei seu pai é mecânico? ai eu - não por que? porque você é uma graxinha (risos). L7

(22) - Briga - eu já tive briga na escola - uma menina - oxe - uma menina lá que - ta se tirando piadinha toda vez que eu passava ai eu peguei e disse assim pra ela - é:: é comigo? porque se for comigo você diga num fique mandando piada não porque uma coisa assim que eu odeio é gente que fica tirando piadinha com deboche - porque mulher que é suficiente chega na pessoa e fala. L7

Gráfico 13: *Tu* e *você* no tipo de relato



Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar no gráfico 13, o nocaute ocorrido com o pronome *tu*, apresentou 11% do pronome em relatos próprios e 0% em relatos de terceiros, o que significa que, na comunidade estudada, os informantes apenas utilizaram o pronome *tu* em relatos próprios. No que diz respeito ao pronome *você*, tivemos um percentual de 89% do pronome em relatos próprios e 100% do pronome em relatos de terceiros.

Assim, constatamos que, em se tratando de relatos de terceiros, os informantes, ao reproduzirem tal discurso, fazem uso apenas do pronome *você*.

4.2.3.2 Tipo de referência

A segunda variável selecionada que apresentou nocaute foi o tipo de referência, para nossa análise, selecionamos dois grupos de fatores: referência genérica e referência específica. Consideramos a referência genérica quando o falante utiliza a referência à segunda pessoa do singular quando refere-se, de modo generalizado, a qualquer pessoa, como podemos observar nos exemplos (23) e (24), a referência específica é considerada quando o falante utiliza a referência à segunda pessoa do singular referindo-se diretamente ao seu interlocutor, como podemos observar nos exemplos (25) e (26).

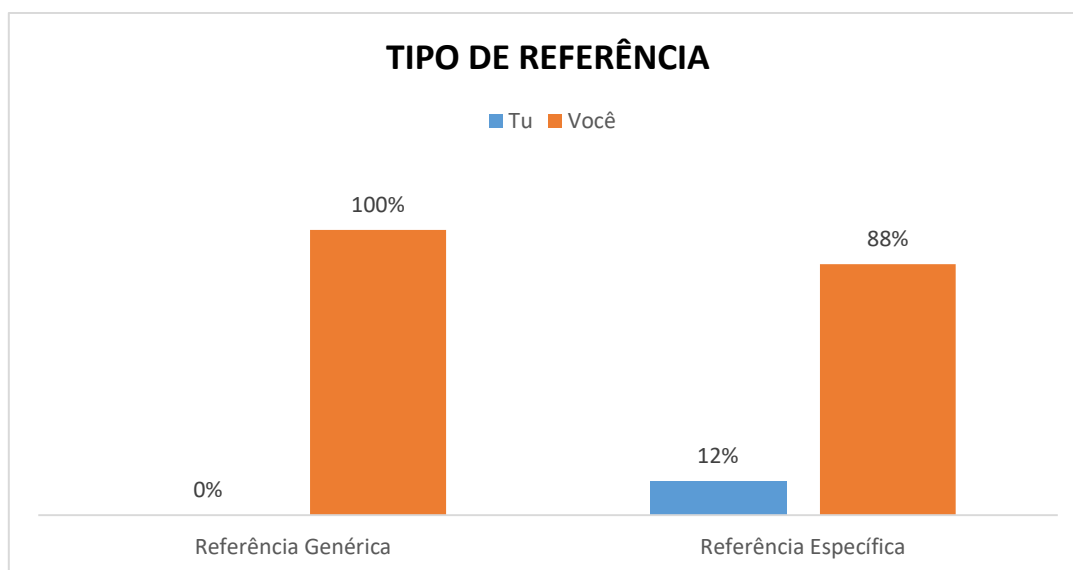
(23) *Você* não esquece, mas *você* continua seguindo num é? L2

(24) Eu nem respirei ainda [risos] porque eu nunca senti assim nunca.. uma emoção grande não, eu nunca tinha sentido isso, só que quando começou os fogos eu comecei a chorar, sei lá - tipo assim.. *tu* tem uma coisa. L1

(25) Ah sim -- Neide *você* filava muito na escola?

(26) *Tu* faz cola nas prova? L2

Gráfico 14: Percentuais tu e você conforme o tipo de referência



Fonte: Elaborado pela autora

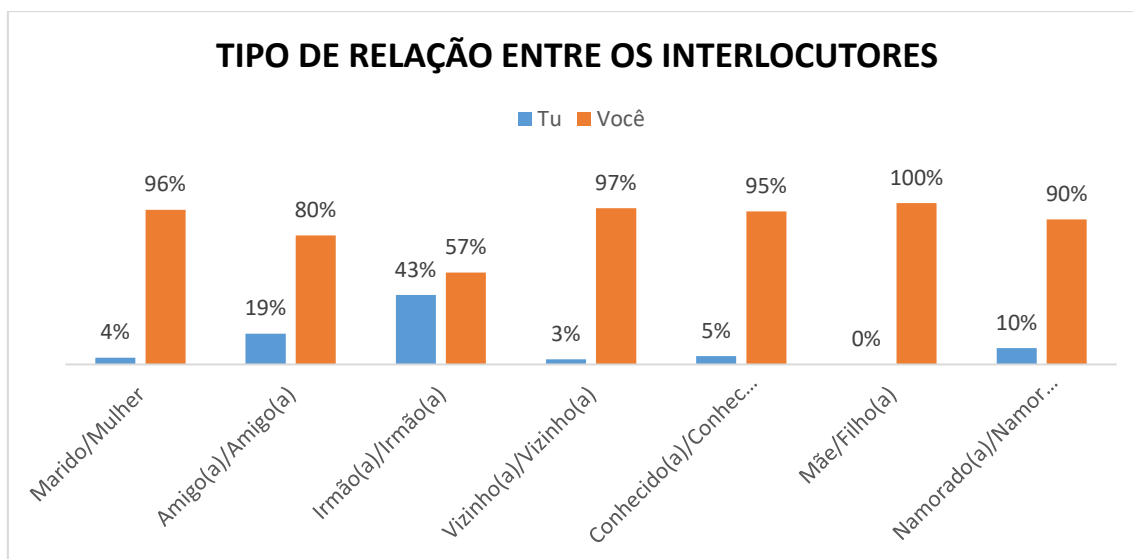
Ao observarmos o gráfico 14, percebemos que o pronome *tu* apresentou um percentual de 0% na referência genérica e 12% na referência específica, enquanto o pronome *você*, apresentou percentuais de 100% na referência genérica e 88% na referência específica. Com esses resultados, verificamos que o pronome *tu* foi realizado apenas em contextos com referência específica, ao passo que o pronome *você*, contendo percentuais mais altos de uso em ambos os fatores, pode ser utilizado tanto em referências genéricas – 100% quanto em referência específica – 88%.

Nossos resultados assemelham-se, em alguns aspectos, com os resultados de estudos já realizados, como os de Modesto (2006), Andrade (2010), Martins (2010), Carneiro (2011), uma vez que esses autores mostraram que o pronome *tu* é favorecido quando a referência é específica e o *você*, apesar de aparecer com frequência em ambos os casos, apresenta um percentual significativo quando a referência é genérica.

4.3.2.3 Tipo de relação entre os interlocutores

Apesar de apresentar nocaute e não entrar na rodada junto com os demais grupos de fatores considerados estatisticamente significativos para o programa, consideramos o tipo de relação entre os interlocutores de suma importância para o nosso estudo, uma vez que, nossas escolhas linguísticas são realizadas de acordo com o que e para quem se fala. Para controlar essa variável, selecionamos sete fatores que correspondem ao tipo de relação existente entre os interlocutores, a saber, marido/mulher, amigo(a)/amigo(a), irmão(a)/irmão(a), vizinho(a)/vizinho(a), conhecido(a)/conhecida, mãe/filho(a) e namorado(a)/namorada(a).

Os tipos de relações escolhidas nos possibilitam observar como o falante age em diferentes tipos de interação. Controlamos tais interações acreditando que a relação existente entre os interlocutores pode condicionar o uso de determinadas formas linguísticas, podendo essas relações ser mais ou menos íntimas e com maior ou menor grau de poder e solidariedade. A forma como nos direcionamos a um amigo pode ser diferente da forma direcionada a um vizinho ou conhecido, para constatar nossa hipótese investigamos diferentes tipos de interação, como podemos observar no gráfico

Gráfico 15: *Tu* e *você* de acordo com a relação entre os interlocutores

Fonte: Elaborado pela autora

No que diz respeito ao uso do pronome *tu*, percebemos que ele teve seu percentual um pouco mais elevado em relações solidárias, nas quais existem maior grau de intimidade entre os falantes, a saber, irmão(a)/irmão(a), com 43%, amigo(a)/amigo(a), com 19%, e namorado(a)/namorado(a), com 10%. No que diz respeito ao uso do pronome *você*, percebemos que ele ocorreu com uma frequência elevada em todos os fatores, entretanto, suas maiores frequências de realização ocorreram entre vizinho(a)/vizinho(a), conhecido(a)/conhecido(a) e mãe/filho(a), com percentuais de 97%, 95% e 100%, respectivamente.

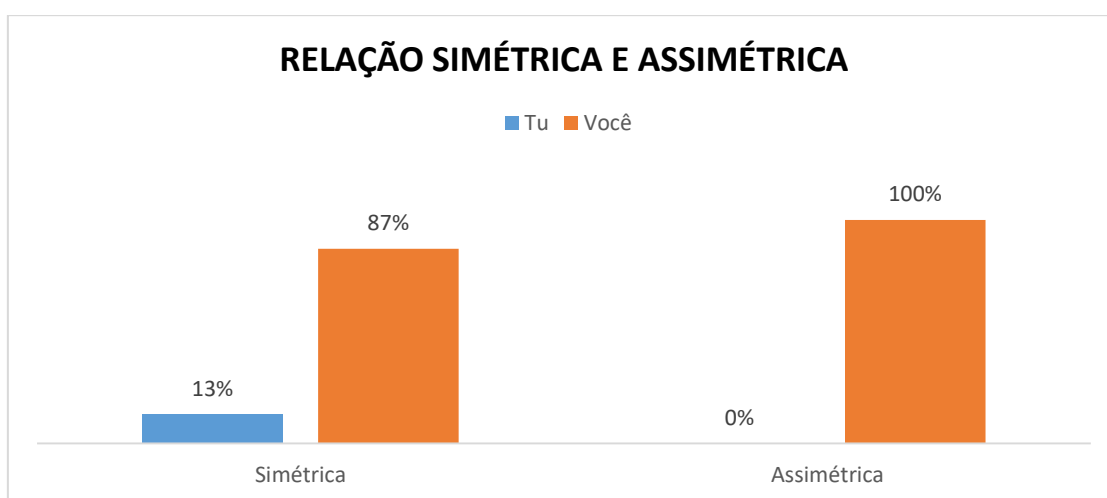
Chama a nossa atenção o resultado apresentado na relação entre mãe/filho(a), pois, não houve nenhuma realização do pronome *tu*, o que nos mostra que esse pronome tende a ser mais utilizado em relações solidárias, enquanto as relações nas quais onde prevalece o poder, o *você* tende a ser o pronome escolhido pelos falantes.

De maneira geral, a partir dos resultados obtidos, observamos que quanto mais solidária é a relação existente, maior a possibilidade de ocorrer o pronome *tu*, por esse pronome possuir caráter de maior intimidade, indicando maior proximidade entre os falantes. Enquanto o pronome *você* ocorre em situações onde há relações de poder entre os informantes, quando os falantes apresentam menor grau de intimidade.

4.3.2.4 Relações simétricas e assimétricas

Apesar de apresentar nocaute nos resultados, outra variável importante nos estudos dos pronomes de segunda pessoa do singular é a simetria e a assimetria presente nas relações entre os interlocutores. De acordo com Brown e Gilman (1960), as relações simétricas e assimétricas ocorrem quando existe uma relação de superioridade e inferioridade entre os interlocutores, sejam elas ocasionadas pela faixa etária, tipo de relação existente ou os papéis sociais que cada um designa na sociedade, neste caso, as relações simétricas ocorrem quando há um grau de igualdade entre os interlocutores, já as relações assimétricas ocorre quando há, de certa forma, desigualdade entre eles.

Gráfico 16: *Tu* e *você* de acordo com as relações simétricas e assimétricas.



Fonte: Elaborado pela autora

Considerando os resultados expostos no gráfico 16, entendemos que, no que diz respeito ao pronome *tu*, na comunidade estudada, houve apenas a sua realização em relações consideradas simétricas com 13%, uma vez que, este pronome tende a ser utilizado em relações nas quais haja maior grau de intimidade entre os interlocutores. Já com relação ao uso do pronome *você*, percebemos que seu uso ocorre tanto em situações simétricas, com 87%, quanto em relações assimétricas, com 100% de uso do pronome. Assim, constatamos que o uso do pronome *tu* ocorre apenas em relações simétricas e, em relações assimétricas, há apenas a realização do pronome *você*.

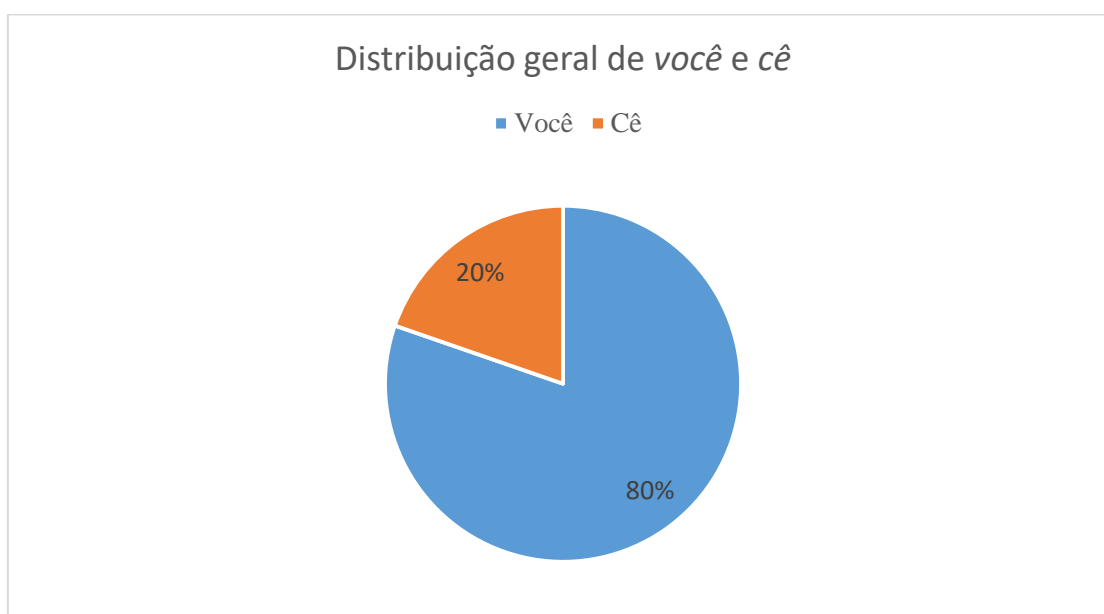
5 ANÁLISE DOS DADOS DE VOCÊ E CÊ

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise dos dados referentes à variação entre *você* e *cê*. Desta forma, apresentamos não só os dados da variável dependente, como também das variáveis independentes, de forma a apresentar as variáveis que foram consideradas pelo programa como estatisticamente significativas, a saber, tipo de relação entre os interlocutores, relação entre os sexos e relações simétricas e assimétricas; as variáveis estatisticamente não significativas, a saber, sexo, faixa etária, tipo de relato, tipo de referência e relação entre faixas etárias; e a variável que apresentou nocaute, a saber, paralelismo pronominal.

5.1 Variável Dependente

Partindo do pressuposto de que há variação entre as formas pronominais *você* e *cê* na fala dos informantes de Coité do Nóia/AL e que essa variação não ocorre de maneira aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, após a rodada e análise dos dados, obtivemos um total de 463 realizações na comunidade de fala estudada. Dentre essas realizações, 372 foram do pronome *você* e 91 de sua variante *cê*. Esses dados representam percentuais de 80% de *você* contra 20% de *cê*, mostrando que, apesar da presença das duas formas na fala da comunidade estudada, o pronome *você* tem seu uso mais elevado. Como podemos observar no gráfico 17.

Gráfico 17: Distribuição geral de *você* e *cê*



Fonte: Elaborado pela autora

Nossos resultados corroboram os estudos realizados por Peres (2006) e Gonçalves (2008), os quais apresentam percentuais significativos do uso da variante *cê*. Considerando a existência da variação entre as formas *você* e *cê*, no que diz respeito à variante *cê*, acreditamos estar diante de um processo de implementação na comunidade de fala estudada, tendo em vista que essa variação tem sido apresentada em diferentes estudos sociolinguísticos realizados no Brasil (CALMON, 2010; NOGUEIRA, 2013, GUIMARÃES, 2014, ROCHA; SANTOS; SOUSA, 2016; SILVA, 2017).

Entre os estudos realizados, os resultados de Calmon (2010), Nogueira (2013), Guimarães (2014) e Silva (2017) são os que mais se aproximam dos nossos, uma vez que, apesar de apresentar variação entre as formas estudadas, o uso do *cê* ainda é incipiente, ou seja, esta forma ainda está se implementando nas comunidades de fala estudadas. Calmon (2010), analisando a fala de Vitória/ES, obteve resultados de 75% de *você* e 25% de *cê*, já Nogueira (2013), ao analisar o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em Feira de Santana/BA, obteve resultados de 88% de *você* contra apenas 2% de *cê*, enquanto Guimarães (2014) apresentou 95% de *você* contra 5% de *cê*, e Silva (2017) teve percentuais de 94% de *você* contra 6% de *cê*.

5.2 Variáveis Independentes

5.2.1 Variáveis estatisticamente significativas

5.2.1.1 Tipo de relação entre os interlocutores

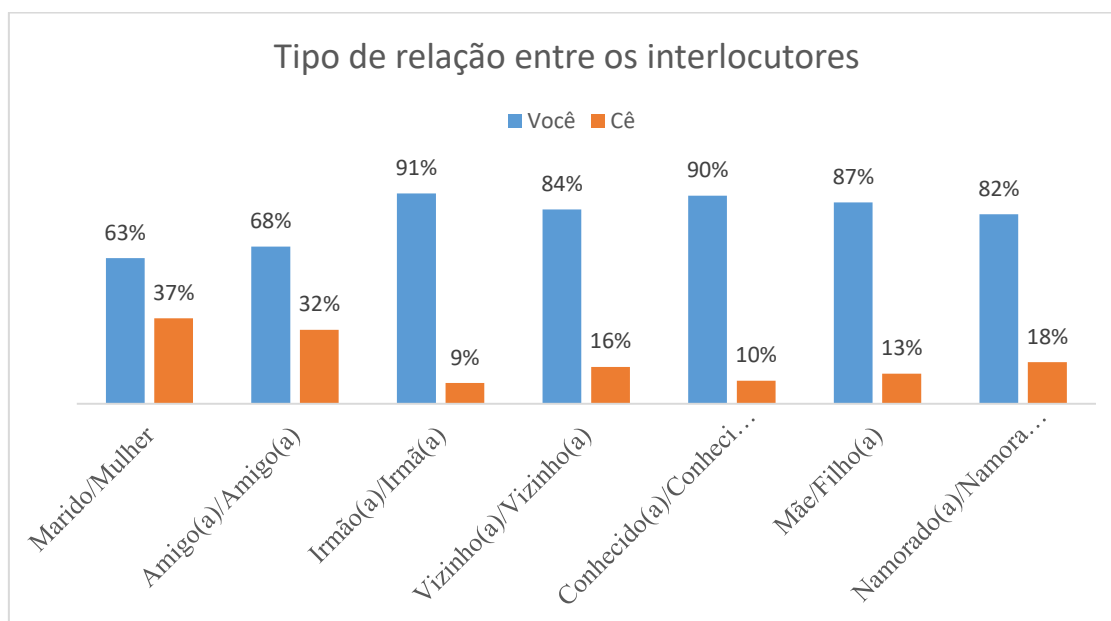
Para analisar o tipo de relação entre os interlocutores, consideramos algumas díades, a saber, marido/mulher, amigo(a)/amigo(a), irmão(a)/irmão(a), vizinho(a)/vizinho(a), conhecido(a)/conhecido(a), mãe/filho(a) e namorado(a)/namorado(a). Nosso intuito é verificar como os interlocutores, diante das relações estabelecidas, fazem uso dos pronomes *você* e *cê*, considerando que o tipo de relação existente pode condicionar o uso de uma ou outra forma.

De acordo Brown e Gilman (1960), as relações podem ser definidas a partir de duas vertentes, a saber, o Poder e a Solidariedade, podemos, desta forma, considerar as relações de poder como assimétricas e as relações de Solidariedade como simétricas. Bortoni-Ricardo (2002) também argumenta que, ao estar diante de um interlocutor

desconhecido, de maior poder social, ou sendo alguém que deseja impressionar, o falante tende a ser mais cuidadoso, prestando mais atenção em sua fala o que pode levá-lo a utilizar uma ou outra forma linguística.

A partir do exposto do gráfico 18 e tabela 13, podemos observar como ocorreu a distribuição do uso das formas *você* e *cê* na comunidade de fala pesquisada.

Gráfico 18: *Você* e *cê* no tipo de relação entre os interlocutores



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 13: *Você* e *cê* no tipo de relação entre os interlocutores

	VOCÊ			CÊ			Total
	Ocorrências	Perc.	PR	Ocorrências	Perc.	PR	
Marido/mulher	41	63%	0.19	24	37%	0.81	65
Amigo(a)/amigo(a)	45	68%	0.45	21	32%	0.55	66
Irmão(a)/irmão(a)	30	91%	0.84	3	9%	0.16	33
Vizinho(a)/vizinho(a)	138	84%	0.60	27	16%	0.40	165
Conhecido(a)/conhecido(a)	78	90%	0.57	9	10%	0.43	87
Mãe/filho(a)	26	87%	0.20	4	13%	0.80	30
Namorado(a)/namorado(a)	14	82%	0.40	3	18%	0.60	17

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com nossos resultados, no que diz respeito ao pronome *você*, temos seu uso mais elevado em todos os fatores analisados, apresentando 63% com PR 0.19 para a relação marido/mulher, 68% com PR 0.45 em amigo(a)/amigo(a), 91% com PR

0.84 em irmão(a)/irmão(a), 84% com PR 0.60 em vizinho(a)/vizinho(a), 90% com 0.57 em conhecido(a)/conhecido(a), 87% com PR 0.20 em mãe/filho(a) e 82% com PR 0.40 em namorado(a)/namorado(a), mostrando que há maior probabilidade do pronome *você* ocorrer em relações do tipo irmão(a)/irmão(a) e vizinho(a)/vizinho(a).

No que diz respeito à variante *cê*, temos 37% com PR 0.81 para a relação marido/mulher, 32% com PR 0.55 em amigo(a)/amigo(a), 9% com PR 0.16 em irmão(a)/irmão(a), 16% com PR 0.40 em vizinho(a)/vizinho(a), 10% com 0.43 em conhecido(a)/conhecido(a), 13% com PR 0.80 em mãe/filho(a) e 18% com PR 0.60 em namorado(a)/namorado(a), apontando que o uso do *cê* apresenta maior probabilidade de ocorrência em relações como marido/mulher, mãe/filho(a) e namorado(a)/namorado(a).

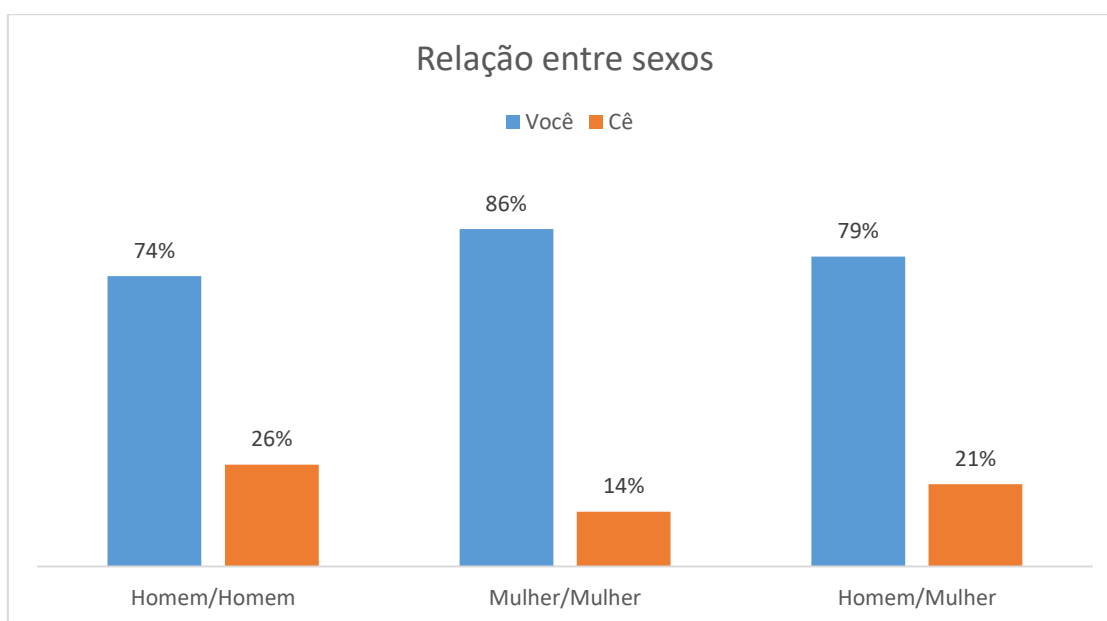
Nossos resultados assemelham-se aos resultados expostos por Guimarães (2014), o qual mostra que o uso do *cê* tende a ocorrer em relações nas quais haja maior intimidade entre os falantes, enquanto o uso do *você* mostra-se como coringa, podendo ser usado tanto em relações mais íntimas, como é o caso de irmão(a)/irmão(a), ou em relações menos íntimas, como é o caso de vizinho(a)/vizinho(a).

5.2.1.2 Relação entre os sexos

Utilizado de forma recorrente nos estudos sociolinguísticos, o sexo dos informantes tem sido apresentado significativo para o condicionamento do uso de determinadas formas linguísticas. Com isso, em nosso trabalho, criamos o grupo de fatores relação entre os sexos para investigar como o uso das formas pronominais *você* e *cê* ocorrem de acordo com esse tipo de relação. Para tanto, realizamos a distribuição desse grupo da seguinte maneira: homem/homem, mulher/mulher, homem/mulher.

De acordo com Coelho *et. al.* (2015, p. 44), “é bem possível que a explicação sobre as diferenças linguísticas entre os sexos/gêneros esteja relacionada com o papel que a mulher tem na vida pública. O comportamento conservador é muitas vezes espelho da história particular e das histórias culturais das diferentes regiões”. Também podemos supor, seguindo Brown e Gilman (1960), que haja aqui uma assimetria na relação homem/mulher, favorecendo, assim, o uso da variante *você*.

Observando o gráfico 19 e a tabela 14, podemos verificar como o uso dos pronomes *você/cê* estão ocorrendo de acordo com a relação existente entre os sexos.

Gráfico 19: *Você* e *cê* na relação entre sexos

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 14: *Você* e *cê* na relação entre sexos

	VOCÊ			CÊ			Total
	Ocorrências	Perc.	PR	Ocorrências	Perc.	PR	
Homem/homem	93	74%	0.31	24	26%	0.69	175
Mulher/Mulher	151	86%	0.50	33	14%	0.50	126
Homem/Mulher	128	79%	0.63	34	21%	0.37	162

Fonte: Elaborado pela autora

Nossos resultados mostram que o uso do pronome *você* apresenta-se de forma elevada em todos os fatores analisados, sendo 74% com PR 0.31 nas relações entre homem/homem, 86% com PR 0.50 nas relações entre mulher/mulher e 79% com PR 0.63 nas relações entre homem/mulher. No que diz respeito ao uso da variante *cê*, esta apresentou percentual de 26% com PR 0.69 na relação entre homem/homem, 14% com PR 0.50 na relação entre mulher/mulher, e 21% com PR 0.37 na relação homem/mulher.

Apesar de não encontrarmos estudos que retratem esse tipo de relação, acreditamos que este é importante para os estudos sociolinguísticos, uma vez que, as diferenças sociais existentes entre os sexos podem refletir nas escolhas linguísticas dos falantes ao considerar sua fala para um interlocutor do mesmo sexo ou de sexo oposto. Diante disso, podemos confirmar que há maior probabilidade de uso do pronome *você* em relações formadas por sexos diferentes, uma vez que, esse pronome pode ser

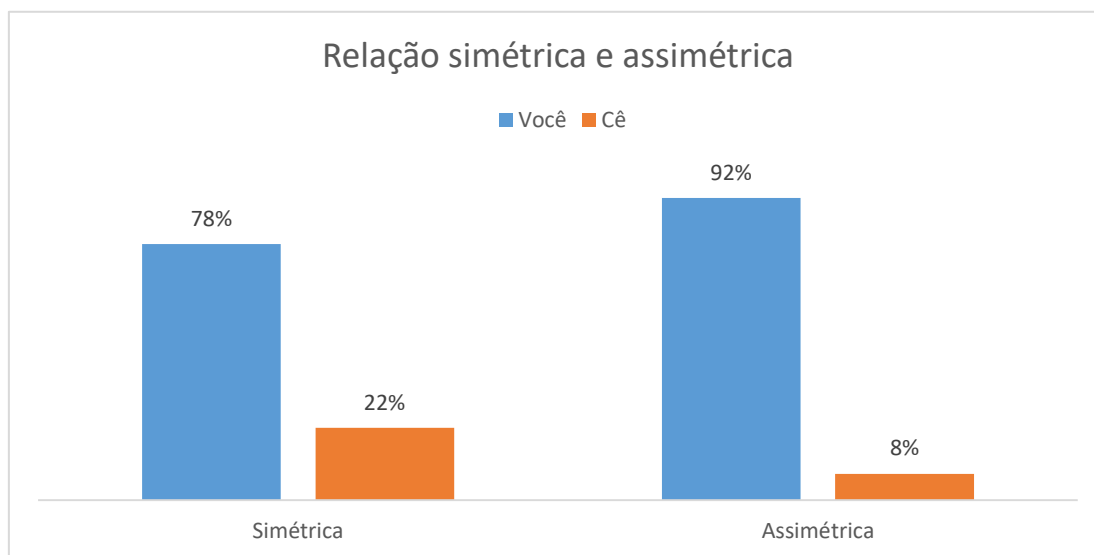
considerado em situações de maior formalidade. Enquanto o uso do pronome *cê* apresentou maior probabilidade de ocorrência entre sexos iguais, principalmente na relação entre homem/homem, o que nos mostra que, a variante inovadora *cê*, sendo mais informal, tende a ocorrer com maior frequência nas relações entre sexos iguais, o que pode caracterizar relações simétricas.

5.2.1.3 Relações simétricas e assimétricas

A última variável considerada como estatisticamente significativa foi as relações simétricas e assimétricas. Baseado na Teoria do Poder e da Solidariedade, que postula que a semântica do poder não é recíproca, por sua vez, a semântica da solidariedade é recíproca, portanto simétrica, buscamos analisar como o uso dos pronomes *você* e *cê* são utilizados nesses tipos de relação e qual tende a favorecer a simetria e a assimetria.

Sendo assim, a partir da observação do gráfico 20 e da tabela 15, podemos verificar quais as frequências e probabilidades de uso dessas formas.

Gráfico 20: *Você* e *cê* nas relações simétricas e assimétricas



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 15: *Você* e *cê* nas relações simétricas e assimétricas

	VOCÊ			CÊ			Total
	Ocorrências	Perc.	PR	Ocorrências	Perc.	PR	
Simetria	311	78%	0.43	86	22%	0.57	397
Assimetria	61	92%	0.82	5	8%	0.18	66

Fonte: Elaborado pela autora

No que diz respeito ao uso do pronome *ocê*, constatamos que ele apresenta percentuais de uso de 78% com PR 0.43 em relações simétricas e 92% com PR 0.82 em relações assimétricas. Enquanto o *cê* apresenta percentual de 22% com PR 0.57 em relações simétricas e 8% com PR 0.18 em relações assimétricas.

Desta forma, observarmos que o favorecimento do pronome *você* ocorre em relações assimétricas, ou seja, aquelas em que prevalece a relação de poder, havendo, de certa forma, uma hierarquia social, seja ela designada por papéis institucionais, faixa etária, sexo ou até mesmo o papel familiar de cada um. Enquanto o *cê* apresenta probabilidade maior de ocorrência nas relações simétricas, ou seja, em relações que existem maior solidariedade/intimidade entre os falantes.

Nossos resultados corroboram os resultados expostos por Rocha (2015), o qual apresenta o uso do *você* ligado a relações que indicam respeito e formalidade. Lopes *et. al* (2016), ao avaliarem a percepção dos falantes à respeito dos pronomes de segunda pessoa do singular, expõem que, com relação à simetria e a assimetria do pronome *você*, este tende a ser bem avaliado em ambas as situações, independente da relação existente entre os interlocutores.

5.2.2 Variáveis estatisticamente não significativas

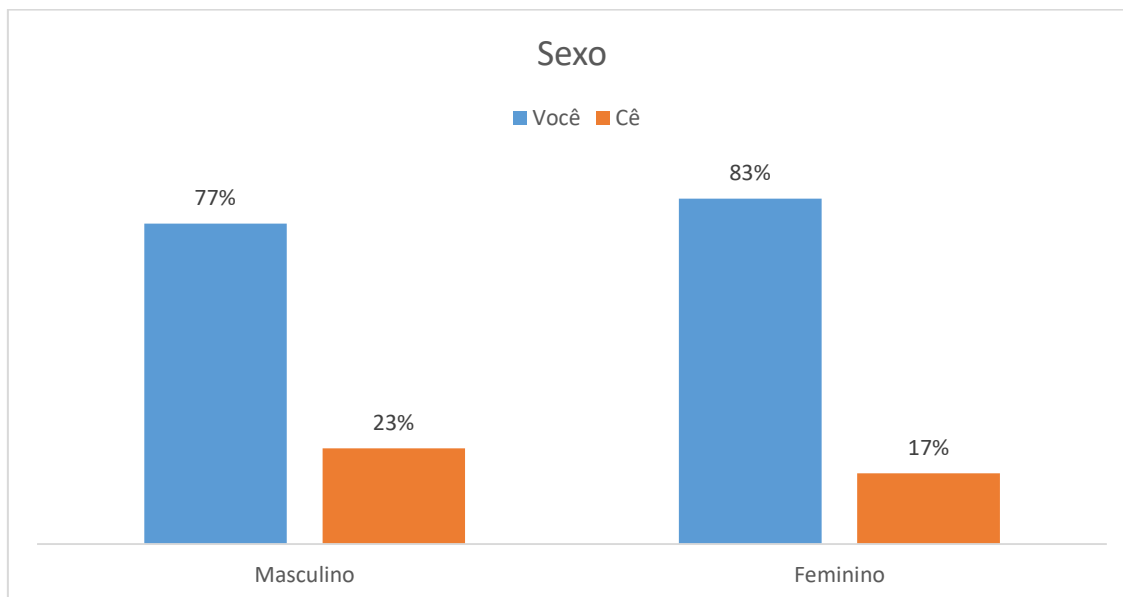
5.2.2.1 Sexo

Apesar de amplamente utilizada em estudos sociolinguísticos, a variável sexo foi descartada pelo programa, sendo considerada como estatisticamente não significativa. Para nossa análise, consideramos que homens e mulheres diferem quanto a determinados usos linguísticos, como também que as mulheres tendem a ser mais conservadoras, favorecendo o uso de *você*. Como afirma Coelho *et. al.* (2015, p. 44),

Quanto à variação social relacionada ao sexo/gênero dos informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola. Esses resultados, no entanto, requerem cautela, afinal, os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações.

Diante disso, observamos os resultados expostos no gráfico 21 e na tabela 16, que mostram como o pronome *você* e sua variante *cê* são utilizados pelos informantes do sexo masculino e feminino na comunidade de fala analisada.

Gráfico 21: *Você* e *cê* com relação ao sexo



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 16: *Você* e *cê* com relação ao sexo

	VOCÊ		CÊ		Total
	Ocorrências	Perc.	Ocorrências	Perc.	
Feminino	229	83%	48	17%	277
Masculino	143	76%	43	23%	186

A partir de nossos resultados, podemos observar, no que diz respeito ao uso do pronome *você*, percentuais de 83% entre os informantes do sexo feminino e 76% entre os informantes do sexo masculino. Já com relação à sua variante *cê*, temos 17% de uso entre os informantes do sexo feminino e 23% de uso entre os informantes do sexo masculino. Sendo assim, percebemos que, assim como mencionamos, as mulheres usam mais formas conservadoras enquanto os homens usam mais formas inovadoras, sendo estes os que apresentam maior percentual de uso da variante *cê*.

Nossos resultados corroboram com os estudos de Calmon (2010) e Guimarães (2014), os quais também apontam o favorecimento do uso da variante *cê* entre os informantes do sexo masculino. Os autores apresentam em seus resultados pesos

relativos de *cê* superiores ao de *você* entre os homens. Calmon (2010) apresenta PR de 0.67 de *cê* para os informantes de sexo masculino e PR 0.33 para os informantes do sexo feminino e Guimarães (2014) apresenta PR de 0.60 para os informantes de sexo masculino e PR 0.33 para os informantes de sexo feminino.

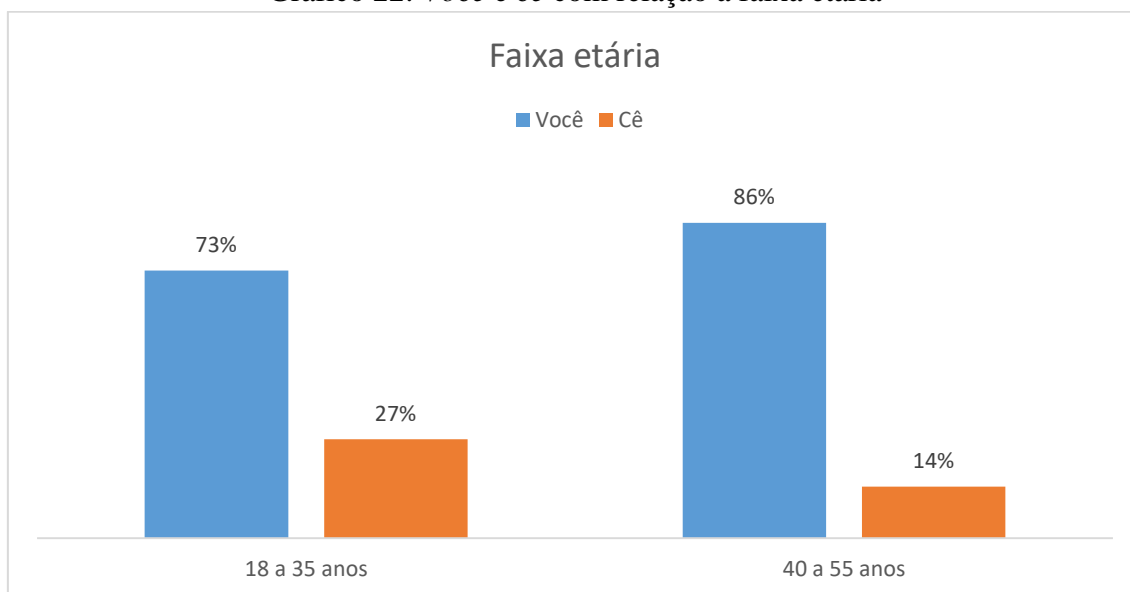
5.2.2.2 Faixa etária

A utilização da variável faixa etária tem sido bastante utilizada em estudos sociolinguísticos, pois, de maneira geral, através da análise desta variável podemos identificar se a variação em estudo se caracteriza como variação ou mudança em progresso. De acordo com Eckert (2000, p. 151),

O estudo da idade com relação à língua, particularmente o estudo da variação sociolinguística, repousa na intersecção de fase da vida e história. O falante individual ou grupo etário de falantes em qualquer dado momento representa simultaneamente um lugar na história e uma fase da vida. A estratificação etária das variáveis linguísticas, portanto, pode refletir a mudança na fala da comunidade à medida que ela se move através do tempo (mudança histórica) e a mudança na fala do indivíduo à medida que se move através da vida (progressão etária).

Apesar de ser muito utilizada nos estudos sociolinguísticos, em nosso trabalho, esta variável não foi considerada como estatisticamente significativa para o condicionamento da variação em estudo. Entretanto, consideramos de suma importância expor seus resultados, uma vez que, através deles, podemos entender melhor como a variação está ocorrendo na comunidade de fala estudada.

Para nosso estudo, selecionamos duas faixas etárias, a saber, 18 a 35 anos e 40 a 55 anos e consideramos que a variante *cê* será mais frequente na fala dos falantes da faixa de 18 a 35 anos. A partir da observação do gráfico 22 e da tabela 17, podemos entender como essa variação ocorre no que diz respeito à faixa etária em nosso estudo.

Gráfico 22: *Você* e *cê* com relação a faixa etária

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 17: *Você* e *cê* com relação a faixa etária

	VOCÊ		CÊ		Total
	Ocorrências	Perc.	Ocorrências	Perc.	
18 a 35 anos	149	73%	55	27%	204
40 a 55 anos	223	86%	36	14%	259

Fonte: Elaborado pela autora

Nossos resultados mostram que o pronome *você* apresenta uso elevado em ambas as faixas etárias, computando 73% nos informantes entre 18 a 35 anos e 86% nos informantes entre 40 a 55 anos. Com relação ao pronome *cê*, observamos que ele obteve percentuais de 27% na faixa etária de 18 a 35 anos e 14% na faixa etária de 40 a 55 anos. Assim, percebemos que, no que diz respeito ao *cê*, seu uso é mais frequente entre os informantes mais jovens, enquanto os mais velhos apresentam seu percentual mais alto com o pronome *você*. Esses dados mostram que, a variável inovadora *cê*, pode estar se implementando na comunidade de fala através dos falantes mais jovens.

Nossos resultados estão de acordo com os resultados expostos por Calmon (2010), em seu estudo, o autor observa que o uso do *você* é mais recorrente nas faixas etárias de 7 a 14 anos e acima de 49 anos, enquanto os informantes de faixa etária entre 15 a 25 anos e 26 a 49 anos apresentam menor percentual de *você*, favorecendo assim o uso de sua variante *cê*. De maneira semelhante ocorreu no trabalho de Gonçalves (2008), que mostrou percentuais de *cê* mais elevados entre os informantes mais jovens.

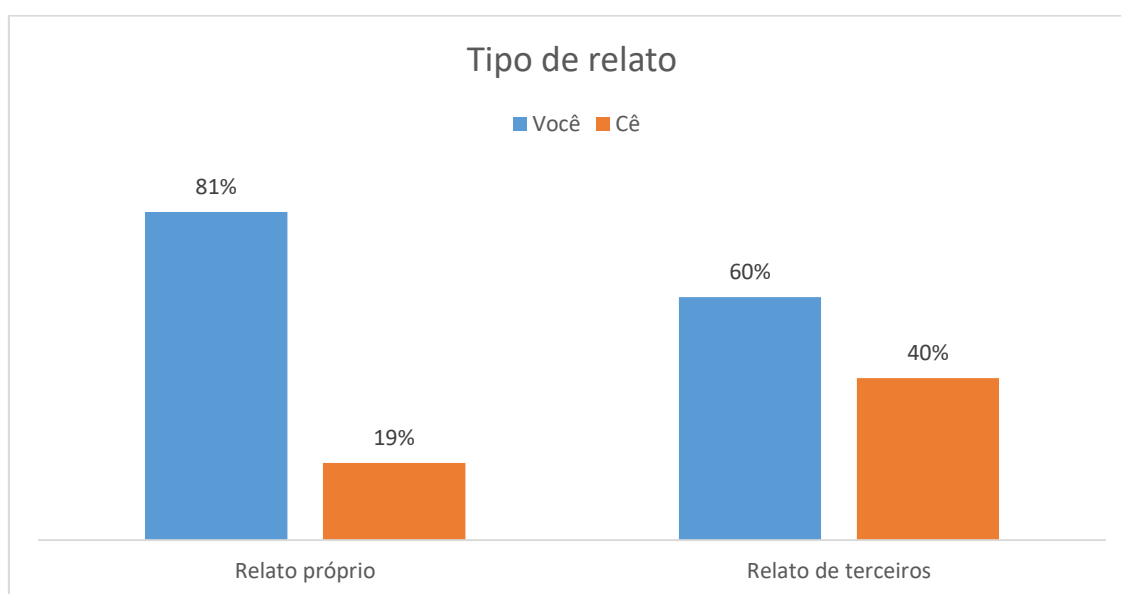
5.2.2.3 Tipo de relato

Para a análise em nosso estudo, consideramos relato próprio, como sendo aqueles realizados pelo falante durante a interlocução, como podemos observar no exemplo (27) e relato de terceiros, como a fala do informante ao reproduzir a fala de outra pessoa em seu discurso, como podemos observar no exemplo (28). Acreditamos que o uso do pronome *você* será mais recorrente em relatos próprios enquanto sua variante *cê* apresentará maior recorrência em relatos de terceiros.

(27) Neide *você* ta indo muito pras festas? L31

(28) Lembrei do meu sogro agora o que ele falou -- xxx *você* arrumou namorada onde foi? na itália? ai ele disse: foi a sua mãe (risos) - eita meu Deus. L30

Gráfico 23: *Você* e *cê* com relação ao tipo de relato



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 18: *Você* e *cê* com relação ao tipo de relato

	VOCÊ		CÊ		Total
	Ocorrências	Perc.	Ocorrências	Perc.	
Relato próprio	369	81%	89	19%	458
Relato de terceiros	3	60%	2	40%	5

Fonte: Elaborado pela autora

Como observamos no gráfico 23 e na tabela 18, em ambos os tipos de relato o uso do *você* foi mais elevado, sendo 81% de uso em relatos próprios e 60% em relatos de terceiros. Já com relação a variante *cê*, tivemos 19% em relatos próprios e 40% em relatos de terceiros. Apesar desta variável não ser considerada como significativa, acreditamos ser interessante apresentá-la, uma vez que ela vem sendo utilizada em diferentes estudos sociolinguísticos sobre a segunda pessoa pronominal no português brasileiro e vem se mostrando com resultados estatisticamente significativos.

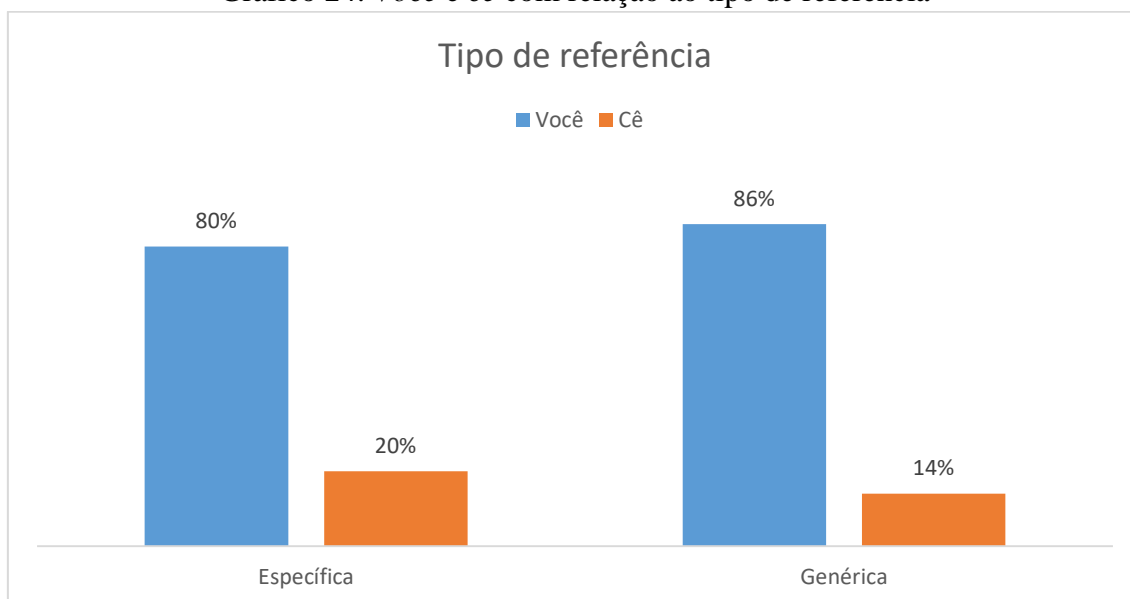
Alves (2010), ao apresentar esta variável em seu trabalho, nos mostra que, no que diz respeito ao pronome *você*, este é mais recorrente em relatos próprios, apresentando percentual de 66% e PR de 0.56. Já o estudo de Guimarães (2014) traz resultados contrários, uma vez que o uso do *você* é mais expressivo em relatos de terceiros, apresentando 68% de *você* com PR de 0.71. Em nosso estudo, podemos constatar que o *você* vem a ser mais recorrente em relatos próprios, enquanto o *cê* apresenta-se com maior recorrência em relatos de terceiros.

5.2.2.4 Tipo de referência

Para a análise do tipo de referência, consideramos duas formas, a saber, referência específica, quando o falante faz uso da segunda pessoa do singular para dirigir-se ao seu interlocutor, conforme o exemplo (29), e referência genérica, quando o falante faz uso da segunda pessoa para fazer referência de forma indefinida, conforme o exemplo (30). Em nosso estudo, acreditamos que o pronome *você* virá a ser mais utilizado em referências genéricas, enquanto sua variante *cê* será mais recorrente em referências específicas.

(29) Quais você recebeu quando era solteira? L1

(30) E o casamento? O casamento nem sempre é tudo aquilo que a gente sonha - é bom quando você encontra uma pessoa que você se dá bem que tem um bom relacionamento - mas casamento né tudo na vida também não - nem sempre é uma boa opção. L5

Gráfico 24: *Você* e *cê* com relação ao tipo de referência

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 19: *Você* e *cê* com relação ao tipo de referência

	VOCÊ		CÊ		Total
	Ocorrências	Perc.	Ocorrências	Perc.	
Referência específica	328	80%	84	20%	412
Referência genérica	44	86%	7	14%	51

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme podemos observar, o uso do pronome *você* apresenta-se mais elevado em ambos os tipos de referência com relação ao *cê*, apresentando 80% em referência específica e 86% em referência genérica. Entretanto, ao observarmos a variante *cê* de maneira isolada, temos seu maior percentual na referência específica com 20% e apresentando-se um pouco inferior na referência genérica com 14%. Isso nos mostra que, no que diz respeito à variante *cê*, os falantes tendem a utilizá-la com mais frequência em discursos com referência específica, uma vez que estão se dirigindo ao seu interlocutor e o *você* apresenta frequência mais alta em discursos com referência genérica, pois, nestes casos, dirigem-se a qualquer pessoa, de maneira indefinida.

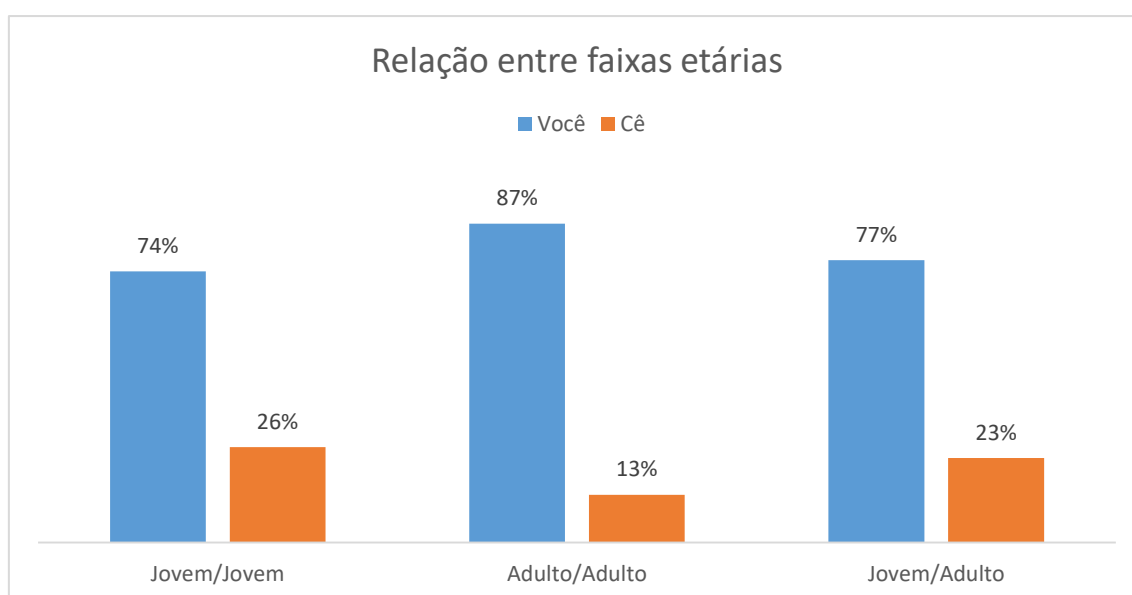
Nossos resultados corroboram os resultados expostos por Peres (2006), que apresenta o favorecimento do uso do *cê* em referências específicas com PR 0.64, desfavorecendo o *você* neste uso, apresentando PR 0.36. O contrário ocorre em referências genéricas, as quais favorecem o uso da forma *você* com PR 0.63 e desfavorece o uso da forma *cê* a qual apresenta PR de 0.37. Assim como o trabalho de

Silva (2017) que o *você* apresentou um percentual de uso de 95% na referência genérica e 92% na referência específica, enquanto o *cê* aparece com 5% na referência genérica e 8% na referência específica.

5.2.2.5 Relação entre faixas etárias

Acreditamos que a relação existente entre as faixas etárias é importante para a escolha linguística do falante, uma vez que podemos utilizar determinadas formas a depender de com quem estamos nos dirigindo, sendo este mais novo ou mais velho. Desta forma, controlamos esta variável da seguinte maneira: jovem/jovem, adulto/adulto e jovem/adulto.

Gráfico 25: *Você* e *cê* com relação a relação entre as faixas etárias



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 20: *Você* e *cê* com relação a relação entre as faixas etárias

	VOCÊ		CÊ		Total
	Ocorrências	Perc.	Ocorrências	Perc.	
Jovem/Jovem	106	74%	37	26%	143
Adulto/Adulto	167	87%	24	13%	191
Jovem/Adulto	99	77%	30	23%	129

Fonte: Elaborado pela autora

Diante dos resultados expostos, observamos que, no que diz respeito ao uso do *você*, a relação adulto/adulto foi a que mais o favoreceu com percentual de 87%, seguidos de jovem/adulto com 77% e jovem/jovem com 74%. Com relação à variante *cê*, seu maior percentual de uso ocorreu no tipo de relação jovem/jovem com 26%, seguidos por jovem/adulto com 23% e adulto/adulto com 13%.

Sendo assim, consideramos que, em relações onde há a interação entre jovens, a variante *cê* apresenta seu maior percentual, podendo indicar que esta variável está se implementando na comunidade de fala através dos mais jovens, tendo em vista que, os percentuais de *cê* ocorreram nas relações onde há presença dos jovens, o que pode caracterizar também relações simétricas favorecendo mais a forma. Enquanto na relação adulto/adulto, onde há apenas interação entre informantes de 40 a 55 anos, percebemos que o *cê* tem seu uso diminuído, aumentando assim a ocorrência do pronome *você*.

5.2.3 Variáveis que apresentaram nocautes

Como exposto na seção anterior, o nocaute é um problema analítico ocorrido no processamento de dados no programa computacional GoldVarbX (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E), utilizado para o tratamento estatístico dos dados da pesquisa. Esse problema ocorre quando um dos grupos de fatores apresenta 0%, ou seja, não havendo variação o programa não apresenta os pesos. Na análise de nossos dados, a variável linguística paralelismo pronominal sofreu nocaute.

5.2.3.1 Paralelismo Pronominal

O paralelismo pronominal diz respeito à tendência que o falante tem em repetir uma mesma forma ao decorrer de seu discurso, de maneira que a primeira forma utilizada tende a condicionar as formas seguintes. Sendo assim, consideramos para a análise dos nossos dados os seguintes fatores: realização isolada, como a única forma que ocorrida no discurso, como podemos observar no exemplo (31); primeiro da série, como a primeira forma que ocorre na sequência do discurso, como podemos observar no exemplo (32); antecedido por *tu*, quando a forma é antecédida pelo pronome *tu*, como podemos observar no exemplo (33); antecedido por *você*, quando a forma é antecédida

pelo pronome *você*, como podemos observar no exemplo (34) e antecedido por *cê*, quando a forma é antecedido por *cê*, como podemos observar no exemplo (35).

(31) *Você* qué fazê o que da sua vida? L10

(32) Porque eu tenho umas encomenda pra fazê aí eu preciso que *cê* vá pra Arapiraca pra mim fazê um - uma encomenda - aí é um trabalho que a menina me pediu - aí eu preciso comprá umas coisa pra terminá o resto do trabalho - *cê* num vai não? L5

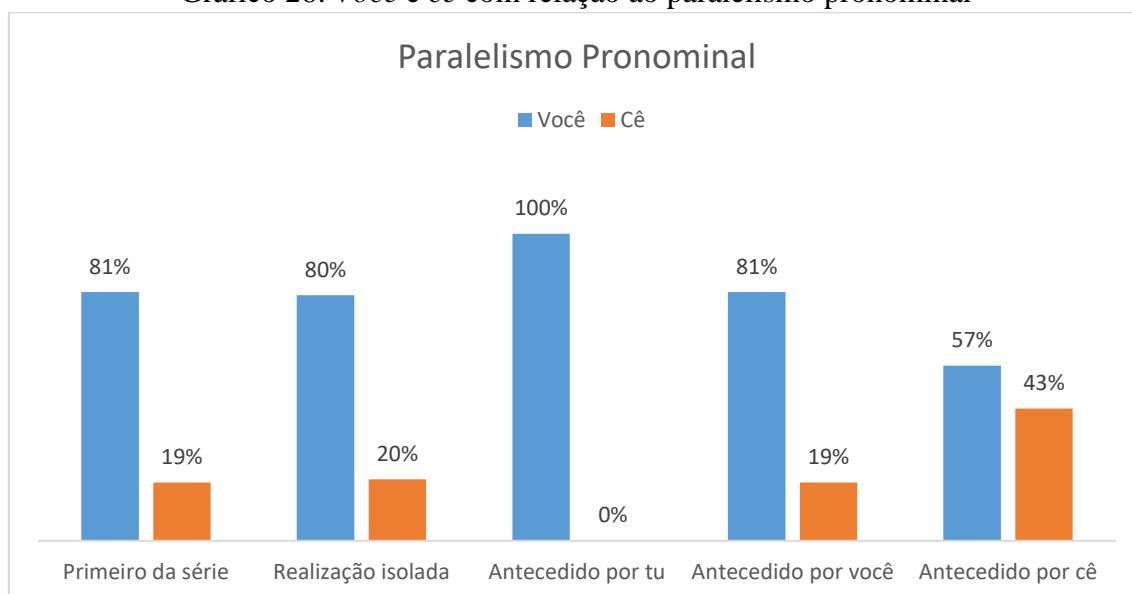
(33) Eu também - eu também tive em Arapiraca essa semana - é:: transporte - é em que transporte tu - é - *você* foi? - na van. L24

(34) Porque se *você* num for pensando nela jovem já tem o outro que pensa viu? Se *você* der moleza - num é fácil não as coisa viu? L33

(35) porque é muito bom *cê* brincar - brinca saudável né? claro - *cê* tem que sabê o tipo de brincadeira que *você* brinca. L5

A partir de então, observaremos no gráfico 26 os resultados apresentados pelo programa, podendo, desta maneira, compreender onde ocorreu o nocaute, compreendendo assim o uso dessa variável linguística no que diz respeito à variação entre *você* e *cê* na comunidade de fala pesquisada.

Gráfico 26: *Você* e *cê* com relação ao paralelismo pronominal



Fonte: Elaborado pela autora

No que diz respeito o pronome *você*, percebemos que sua frequência de uso foi alta em todos os fatores expostos, entretanto, seu maior percentual ocorreu no fator antecedido por *você* com 81%. Enquanto sua variante *cê* apareceu com percentuais amenos em todos os fatores, se sobressaindo no fator antecedido por *cê* com 43%, confirmando assim o princípio do paralelismo pronominal, o qual afirma que para que ele ocorra a primeira forma ocorrida condicionará as demais seguintes.

Com relação ao nocaute apresentado na rodada, percebemos que ele ocorreu no fator antecedido por *tu*. Assim, percebemos que, apesar de haver realizações de *você* antecedido por *tu*, o mesmo não ocorre com o pronome *cê* o que ocasiona o nocaute.

6 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, analisamos as ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *cê* na posição de sujeito na fala de informantes do município de Coité do Nória/AL, procurando descrever como a variação entre esses pronomes ocorre na comunidade de fala estudada. Partindo do pressuposto de que as variações ente *tu/você* e *você/cê* ocorrem a partir do condicionamento de fatores linguísticos e sociais, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), que estabelece uma relação entre a língua e o contexto social no qual ela está inserida, como também aos postulados da Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960).

Para compreender a realização da variação de segunda pessoa do singular, realizamos uma análise quantitativa com o intuito de responder as seguintes questões: há variação dos pronomes *tu/você/cê* na amostra analisada?; supondo a existência da variação, há condicionamento de fatores linguístico tais como concordância verbal, tipo de referência, tipo de relato e paralelismo pronominal?; essa variação é condicionada pelas variáveis sociais sexo e faixa etária?; a relação existente entre os interlocutores influencia a escolha linguística?

Como respostas provisórias às questões acima formuladas, hipotetizamos que o pronome *tu* coexiste com o pronome *você* e *cê* na comunidade pesquisada; os fatores linguísticos selecionados influenciam na escolha pronominal feita pelos falantes; os fatores sociais condicionam a escolha linguística; a escolha linguística dos interlocutores é influenciada pelo tipo de relação existente entre eles.

Sendo assim, para confirmar ou refutar as hipóteses levantadas, procuramos analisar se há variação dos pronomes *tu*, *você* e *cê* na amostra analisada, verificando a frequência de uso desses pronomes na comunidade de fala pesquisada, para assim descrever os fatores linguísticos e sociais que condicionam as realizações dessa variação no sertão alagoano, encaixando a variação em análise em algum subsistema proposto por Scherre *et al* (2015).

Para atingir os objetivos propostos, coletamos dados de 36 informantes com ensino fundamental estratificados de acordo com as variáveis sexo e faixa etária. Para tanto, foram formados 18 diálogos entre esses informantes de forma que pudéssemos obter uma amostra mais aproximada da realidade linguística da comunidade estudada.

Para a análise de nossos dados, realizamos duas rodadas estatísticas, a saber, *tu* e *você/cê*; e *você* e *cê*. Com o intuito de obter melhores resultados acerca das variáveis estudadas. Na primeira rodada dos dados, *tu* e *você/cê*, obtivemos um total de 57 realizações do pronome *tu* e 463 realizações do pronome *você/cê*, totalizando 520 realizações que foram estatisticamente tratadas pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E, 2005).

Com a análise estatística dos dados, constatamos que, na fala dos Coitenenses, existe a variação entre os pronomes *tu* e *você/cê*, com resultados que representam 11% de *tu* e 89% de *você/cê*, mostrando que, apesar da ocorrência das duas formas, o uso do *você* tende a ser a forma mais utilizada na comunidade de fala estudada. Desta forma, observamos que essa variação não ocorre de maneira aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e sociais. Entre os grupos de fatores linguísticos e sociais selecionados para a realização deste estudo, apenas os grupos relação entre faixas etárias, paralelismo pronominal, relação entre sexos e faixa etária foram considerados como estatisticamente significativos, sendo o sexo considerado como estatisticamente não significativo. Os grupos de fatores tipo de relato, tipo de referência, tipo de relação entre os interlocutores e relações simétricas e assimétricas sofreram nocautes na rodada realizada.

A primeira variável considerada como estatisticamente significativa foi a relação entre as faixas etárias, para tanto consideramos três tipos de relações, a saber, jovem/jovem, adulto/adulto e jovem/adulto. Nossos resultados apontam que há uma tendência para que em relações simétricas, ou seja, jovem/jovem o uso do *tu* seja elevado, enquanto em relações assimétricas como adulto/adulto há probabilidade de maior recorrência do pronome *você*.

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa foi o paralelismo pronominal. Na variável paralelismo pronominal, constatamos que nossos dados confirmam o princípio do paralelismo, pois, o uso de uma forma tende a condicionar o uso das formas seguintes. Assim, o pronome *tu* apresentou maior frequência de uso quando antecedido por *tu* e o *você/cê* apresentou maior frequência de uso quando antecedido por *você/cê*. Nosso nocaute ocorreu devido ao pronome *tu* não apresentar nenhuma realização no fator antecedido por *você/cê*.

A terceira variável considerada como estatisticamente significativa foi a relação entre os sexos, para ela consideramos as relações homem/homem, mulher/mulher e homem/mulher. Nossos resultados mostram que há maior probabilidade para que o *tu*

ocorra em relações entre iguais, especialmente em relações entre informantes do sexo feminino, enquanto o *você* tende a ocorrer em relações onde haja interação de informantes de sexos diferentes.

Tivemos como quarta variável estatisticamente significativa a faixa etária, mostrando que há maior probabilidade do pronome *tu* ocorrer com maior frequência na fala dos mais jovens, enquanto o pronome *você* mostra-se mais frequente na fala de informantes mais velhos, mostrando que há indícios de uma mudança em progresso através da implementação do uso do *tu* com os falantes mais jovens.

A variável sexo foi considerada pelo programa como estatisticamente não significativo em nosso estudo. No que diz respeito a essa variável observamos que homens e mulheres apresentam comportamentos distintos com relação a variação *tu* e *você*, sendo os homens os que apresentam frequência de uso do *tu* levemente mais elevada do que as mulheres.

Como variáveis que apresentaram nocaute tivemos o tipo de relato, tipo de referência, o tipo de relação entre os interlocutores e as relações simétricas e assimétricas. No que diz respeito ao tipo de relato, observamos que os informantes fazem uso do pronome *tu* apenas em relatos próprios e, em se tratando de relato de terceiros, os informantes utilizam apenas o pronome *você*. Com relação ao tipo de referência, nossos resultados mostram que o uso do *tu* tende a ocorrer quando em referência específica, enquanto ao *você*, apresentando maior percentual de uso nas duas formas, tende a ser mais utilizado em referências genéricas.

No tipo de relação entre os interlocutores, observamos que o pronome *tu* teve sua frequência de uso mais elevada em relações solidárias, nas quais possuem maior grau de intimidade entre os falantes, como em irmão(a)/irmão(a), amigo(a)/amigo(a) e namorado(a)/namorado(a). Enquanto o pronome *você* apresentou maior tendência de ocorrer em relações menos solidárias como em vizinho(a)/vizinho(a), conhecido(a)/conhecido(a) e mãe/filho(a). Nas relações simétricas e assimétricas, observamos que o pronome *tu* ocorreu apenas em relações simétricas, o que mostra que esse pronome tende a ser utilizado em relações onde haja intimidade entre os interlocutores, enquanto o pronome *você* ocorre tanto em relações simétricas quanto em relações assimétricas.

Após a rodada com os pronomes *tu* e *você/cê* realizamos uma nova rodada dos dados com o pronome *você* e sua variante *cê*. Após a análise e rodada dos dados tivemos 463 realizações, dentre elas foram 372 do pronome *você* e 91 de sua variante

cê, representando percentuais de 80% de *você* contra 20% de *cê*, assim, observamos que o pronome *você* tende a ser mais utilizado na comunidade de fala. Com isso, constatamos que essa variação ocorre a partir do condicionamento de variáveis linguísticas e sociais. Como variáveis selecionadas como estatisticamente significativas para o programa GoldVarb X tivemos tipo de relação entre os interlocutores, relação entre os sexos e relações simétricas e assimétricas. Como variáveis consideradas estatisticamente não significativas tivemos sexo, faixa etária, tipo de relato, tipo de referência e relação entre faixas etárias. E como variáveis que apresentaram nocaute tivemos o paralelismo pronominal.

Nossa primeira variável considerada como estatisticamente significativa foi o tipo de relação entre os interlocutores, através de seus resultados constatamos que o uso do *cê* tende a ser utilizado em relações em que haja mais intimidade entre os falantes, enquanto o uso do *você* vem a ser utilizado tanto em relações de mais intimidade como em relação entre irmãos(as), quanto em relações de menos intimidade como em relação entre vizinhos(as).

A segunda variável considerada como estatisticamente significativa foi a relação entre os sexos, através dela observamos que a interação entre sexos diferentes condiciona a forma pronominal escolhida, assim, o pronome *você* tende a ocorrer em relações formadas por informantes de sexos opostos, mostrando, possivelmente, uma relação de maior formalidade entre os sexos, enquanto o pronome *cê* apresentou maior frequência de uso quando em relações entre sexos iguais, mostrando que a variante inovadora, sendo mais informal, pode ocorrer em relações onde haja simetria.

Como terceira e última variável considerada como estatisticamente significativa tivemos as relações simétricas e assimétricas. Diante de seus resultados, observamos que o *cê* apresenta maior probabilidade de uso em relações simétricas nas quais existe maior intimidade entre os informantes, enquanto o *você* aponta seu favorecimento em relações assimétricas, nas quais prevalece a relação de poder entre os informantes, ou seja, quando há uma hierarquia social entre eles.

Como primeira variável considerada como estatisticamente não significativa tivemos o sexo dos informantes. Nossos resultados mostraram que há um favorecimento do uso do *você* entre os informantes do sexo feminino, enquanto o *cê* vem a ser favorecido entre os informantes do sexo masculino, mostrando assim que, apesar de não se mostrar como estatisticamente significativa, essa variável nos mostra que as mulheres tendem a ser mais conservadoras enquanto os homens mostram-se mais inovadores.

Descartada pelo programa, sendo estatisticamente não significativa através da faixa etária constatamos que o uso do *você* apresenta uso elevado nas duas faixas etárias analisadas, entretanto, ao observarmos o uso do *cê* de maneira isolada constatamos que esta forma obteve maior frequência de uso entre os informantes mais jovens, mostrando que, esta forma pode estar se implementando na comunidade de fala.

A variável tipo de relato também se mostrou insignificante em nosso estudo, pois em ambos os tipos de relato o *você* teve maior frequência de uso. A partir de seus resultados observamos que, de maneira geral, o uso do *você* é mais elevado em relatos próprios, enquanto o *cê* apresentou maior percentual em relatos de terceiros. Outra variável descartada pelo programa foi o tipo de referência, através dela observamos que o *você* tende a ser mais utilizado em discursos com referência genérica, enquanto o *cê* apresenta seus usos mais elevados em contextos com referência específica.

Sendo a última variável descartada pelo programa a relação entre as faixas etárias mostrou que a forma inovadora *cê* apresenta seu maior percentual de uso em contextos de interação entre jovens, enquanto a em contextos de interação entre adultos o *cê* tem seu uso reduzido, havendo assim, o aumento de ocorrências do pronome *você*, confirmando os resultados expostos na variável faixa etária, mostrando que a variante *cê* pode estar se implementando na comunidade de fala através da fala dos mais jovens.

Tivemos como única variável que sofreu nocaute o paralelismo pronominal, sendo ele ocorrido no fator antecedido por *tu*. No que diz respeito ao *você* e sua variante *cê*, constatamos que eles confirmam o princípio do paralelismo, apresentando dados que confirmam que o uso de uma forma tende a condicionar o uso das formas seguintes, assim, o *você* obteve maior frequência de uso no fator antecedido por *você* e o *cê* obteve maior frequência de uso no fator antecedido por *cê*.

Diante do exposto, constatamos que em Coité do Nóia/AL existe a variação entre os pronomes *tu/você/cê* sendo esta variação condicionada não só por fatores linguísticos como também por fatores sociais. No que diz respeito aos subsistemas apresentados por Scherre *et al* (2015), consideramos que nosso estudo se enquadra no subsistema *você/tu*, uma vez que constatamos a variação entre as formas *tu/você/cê*, sendo *você* a forma pronominal mais recorrente na comunidade de fala.

Os resultados encontrados nos possibilitaram a atingir os objetivos propostos, como também nos leva a novas reflexões, lançando desdobramentos para pesquisas futuras. Acreditamos estar diante de um campo vasto para novas investigações, tais como:

- i. Analisar a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular com informantes analfabetos e de nível superior, ampliando nossa amostra;
- ii. Analisar o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular não só a posição de sujeito, como também a posição de complemento;
- iii. Analisar o uso da segunda pessoa do singular em produções escritas.
- iv. Analisar como essas variantes são percebidas na comunidade, levando em consideração o problema de avaliação linguística proposto pela teoria.

Esperamos que, com a conclusão deste estudo, tenhamos contribuído para o entendimento do uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em Coité do Nóia/AL, de forma a contribuir para o mapeamento sociolinguístico do estado de Alagoas. Acreditamos na importância de nosso estudo não só para a descrição da língua em uso, como também para o ensino de língua portuguesa, possibilitando aos professores o conhecimento sobre os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos desta variação, como também acreditamos que nosso estudo, aliado a outros, pode vir a contribuir para futuros estudos sociolinguísticos e pesquisas referentes ao uso da língua.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALVES, C. C. B. *O uso do tu e do você no português falado do Maranhão*. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2010
- ALVES, C. C. B. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. Brasília. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, 2015.
- ANDRADE, C. Q. *A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome tu*. Brasília. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, 2015.
- ANDRADE, C. Q. *Tu e mais quantos? – A segunda pessoa na fala brasiliense*. Brasília. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2010.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. *A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara*. Revista Guavira Letras, 2011.
- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo, Loyola, 2002. p. 333-350.
- BRASIL. *Atlas do desenvolvimento humano do Brasil: Perfil do município de Coité do Nóia - AL*. Disponível em: http://www.desenvolvimento.ifal.edu.br/observatorio/informacoes-socioeconomicas1/dados_pnud/coitenoia/at_download/file. Acesso em 18 de outubro de 2018.
- BROWN, R.; GILMAN, A. *The pronouns of power and solidarity*. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960.
- CALMON, E. N. *Ponte da Passagem: Você e Cê transitando na fala de Vitória (ES)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010
- CAMPOY, J; ALMEIDA, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Granada: Editorial Comares, 2005.

- CARNEIRO, H. M. S. *As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense*. Araraquara. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual Paulista. 2011.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASTILHO, A. T. Org. KATO, A. M.; NASCIMENTO, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Unicamp, 2009.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Nacional, 2008).
- COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, I. L. et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010
- COSTA, B. L. *Variação dos pronomes tu/você nas capitais do Norte*. Belém. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Pará, 2013.
- COUTINHO, I. L. Pontos da Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. P.29-30, 46.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: 2008.
- DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasiliense falado*. Brasília. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2007.
- DUARTE, M. E. L.; SERRA, C. R.. *Gramática(s), ensino de português e adequação linguística*. Rio de Janeiro: Matruga, 2015.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- FARACO, Carlos Alberto. *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. In: LaborHistórico, Rio de Janeiro, 3 (2): 1-134, jul. | dez. 2017.
- GONÇALVES, C. R. *Uma abordagem sociolinguística das formas você, ocê e cê no português*. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GUIMARÃES, T. A. A. S. *TU É DOIDO, MACHO! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza*. Dissertação. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2014.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- HERÊNIO, K. K. P. *“Tu” e “você” em uma perspectiva intralinguística*. Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LOPES, C. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. DELTA, v. 14, n. 2, 1998.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *A indeterminação no português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada?* In: V Encontro Internacional de Estudos Medievais Da Abrem, 2003, Salvador. Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais. Salvador, 2003
- LOREGIAN-PENKAL, L. MENON, O. P. S. Você(s), ocê(s) e cê(s) em Curitiba e Londrina, Paraná. In: SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, n. 15/1, p. 223-243, jun. 2012.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. 260 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- LOREGIAN-PENKAL, LOREMI. *Pronomes pessoais: conceituação versus uso*. Revista Analecta. Guarapirava: 2006.
- LOREGIAN-PENKAL; MENON, O. P. S. *Você, Ocê (?) e Cê em Curitiba, Paraná*. Londrina: Signum: Estud. Ling, 2012.
- LUCCA, Nívea Neves Garcia. *A variação tu/ você na fala brasiliense*. Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.
- MACHADO, A. C. M.. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese (Letras (Letras Vernáculas)) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.
- MARTINS, G. F. *A alternância tu/você/senhora no município de Tefé – Estado do Amazonas*. Brasília. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília. 2010.

- MODESTO, A. T. T.. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância “tu/você” na cidade de Santos-SP*. Dissertação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- MOLLICA, C.; BRAGA, M. L.. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- MOTA, M. A. da. *A variação dos pronomes „tu” e „você” no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- NOGUEIRA, F. M. S. B. *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?* Dissertação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.
- OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (orgs). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.
- OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M.; DUARTE, E. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- PAREDES SILVA, V. L. *O sujeito pronominal de 2ª pessoa na fala carioca: variação e mudança*. Revista Dia Crítica. 2008,
- PERES, E. P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estatuto em tempo aparente e tempo real*. 2006, 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006. PIETROFORTE (2012)
- PRETI, Dino. *Estudos de Língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- ROCHA, W. J. C.; SANTOS, L. O. S.; SOUSA, V. V. *O pronome você e sua variante cê: um estudo (sócio)funcional*. 2016
- RUMEU, M. C. B. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Volumes I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- SALUSTIANO, S. C. *O processo político de Coité do Nóia (AL) de 1827 a 1977*. Monografia. Palmeira dos Índios, 2015.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa:

Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>.

SANTOS, A. C. *Sítio Coité: Apontamentos a partir de fontes documentais primárias do século XIX e fontes orais da atualidade*. Monografia. Palmeira dos Índios, 2014.

SANTOS, V. M. *Tu vai pra onde ... Você vai pra onde?: manifestações de segunda pessoa na fala carioca*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, et al. *Variação dos pronomes tu e você*. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015.

SCHERRE, M. *Paralelismo linguístico*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998

SILVA, S. O. P. *A variação você/cê na fala dos sertanejos alagoanos*. Delmiro Gouveia. Monografia. Universidade Federal de Alagoas, 2017.

SOUZA, J. P. F.. *Mapeando a entrada do Você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2004.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. *A variação tu e você em Maceió/AL*. Revista Todas as Letras. V.20, p. 85-99, 2018.

WARDHAUGH, Ronald. *An introduction to sociolinguistics*. 4th ed. Malden, MA:

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ANEXOS

ANEXO I

FICHA SOCIAL

NOME:
SEXO/GÊNERO: <input type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO
FAIXA ETÁRIA: <input type="checkbox"/> 18 – 35 ANOS <input type="checkbox"/> 40 A 55 ANOS
RESIDE: <input type="checkbox"/> ZONA URBANA <input type="checkbox"/> ZONA RURAL
PROFISSÃO:

FICHA DE REDE

COM QUEM VOCÊ MAIS CONVERSA?				
<input type="checkbox"/> FAMÍLIA <input type="checkbox"/> VIZINHOS <input type="checkbox"/> AMIGOS <input type="checkbox"/> OUTROS _____				
RESIDEM:				
<input type="checkbox"/> ZONA URBANA <input type="checkbox"/> ZONA RURAL <input type="checkbox"/> OUTRA CIDADE _____				
FREQUENTA OUTRA CIDADE?				
<input type="checkbox"/> SIM _____ <input type="checkbox"/> NÃO				
TEM AMIGOS EM OUTRA LOCALIDADE?				
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO				
	FREQUÊNCIA DE CONTATO			
AMIGO	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

ANEXO II

TÓPICOS TEMÁTICOS

ESCOLA	DIVERSÃO
PROFESSOR	ESPORTES
ESTUDO	FESTAS
ARAPIRACA	MÚSICA
TRANSPORTE	AMIGOS
TRABALHO	IRMÃOS
PROFISSÃO	BRINCADEIRAS
FAMÍLIA	NAMORADO(A)
PAIS	CANTADA/PAQUERA
CASAMENTO	FOFOCAS
SONHO	BRIGAS
IGREJA	NOVELA
VIDA	FILA/COLCA/PESCA
ADOLESCÊNCIA	FÉRIAS
VIOLÊNCIA	DOMINGO